

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

THALITA SANTOS FELÍCIO DE ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO DO ALUNO-AUTOR DOS LICENCIANDOS EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONGRESSO NACIONAL
UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE**

BELO HORIZONTE
2018

THALITA SANTOS FELÍCIO DE ALMEIDA

**A CONSTRUÇÃO DO ALUNO-AUTOR DOS LICENCIANDOS EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONGRESSO NACIONAL
UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada.
Linha de pesquisa: Linguagem e Tecnologia.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Fricke
Matte

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A447c Almeida, Thalita Santos Felício de.
A construção do aluno-autor dos licenciandos em Educação do Campo no Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre [manuscrito] / Thalita Santos Felício de Almeida. – 2018.
185 f., enc. : il., (color).
Orientadora: Ana Cristina Fricke Matte.
Área de concentração: Linguística Aplicada.
Linha de Pesquisa: Linguagem e Tecnologia.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 99-103.
Anexos: f. 104-185.

1. Educação rural – Brasil – Teses. 2. Semiótica – Teses. 3. Professores – Formação – Teses. 4. Ensino auxiliado por computador – Teses. 5. Letramento digital – Teses. I. Matte, Ana Cristina Fricke. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 401



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

**A CONSTRUÇÃO DO ALUNO-AUTOR DOS LICENCIANDOS EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO NO CONGRESSO NACIONAL
UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE**

THALITA SANTOS FELICIO DE ALMEIDA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Linguagem e Tecnologia.

Aprovada em 19 de fevereiro de 2018, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Ana Cristina Fricke Matte - Orientadora
UFMG

Prof(a). Daniervelin Renata Marques Pereira
UFMG

Prof(a). Adelma Lúcia de Oliveira Silva Araújo
UFOP

Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2018.

Aos professores e alunos envolvidos no
Ensino a Distância que desafiam o
sistema educacional.

Agradecimentos

À espiritualidade e ao meu falecido pai, que de alguma forma me mantém viva.

À minha orientadora e quase mãe, profa. Ana Cristina Fricke Matte, que desde 2011 compartilha comigo sua sabedoria, conhecimento, experiências inovadoras e colaborativas e me incentiva a crescer em todos os aspectos da minha vida.

Aos meus tios e tias, primos e primas, pelo apoio.

Aos meus queridos amigos e amigas, que caminham comigo e fazem meus dias mais felizes.

Ao Lucas, amigo querido fiel e companheiro de sonhos. Uma mão amiga que me ajuda a retirar pedras do meio do caminho, por fazer parte de minhas melhores memórias e conquistas.

À Adelma, Dani, Madu e Carlos, por sempre me ensinarem muito.

Ao Grupo Texto Livre, seus integrantes e voluntários, que me acolheram e proporcionam novos caminhos, um espaço de compartilhamento sobre ensino, aprendizagem, perspectivas livres e colaborativas que vão além da universidade.

À equipe da disciplina online de produção textual, que fez parte da minha vida durante quatro anos, foi fonte de enorme aprendizado e contribuição para esta pesquisa.

Ao evento UEADSL e tudo que o envolve, que já me ensinou muito, ainda ensinará bastante e constitui o foco desta pesquisa.

À Mariana Dutra, precursora na pesquisa sobre o evento.

Aos alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo aqui mencionados e à equipe docente da instituição, por trazerem o campo à universidade e levarem a universidade ao campo.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – FALE/UFMG, que me mostraram novas pesquisas e caminhos.

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – FALE/UFMG, pelo auxílio e paciência.

À minha banca, composta pelas professoras Adelma e Daniervelin, e às professoras Adriane e Rivânia pela presteza e delicadeza do aceite de serem professoras suplentes. Meu muito obrigada, por aceitarem avaliar meu trabalho e trazerem sugestões finais que certamente só tornarão minha dissertação mais rica.

A todos que não mencionei, mas que de alguma forma colaboraram para esta conquista.

*Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo,
os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.*

Paulo Freire (1996)

RESUMO

Esta pesquisa investiga, a partir de uma análise interpretativa com uso de conceitos da semiótica greimasiana, as diferenças e semelhanças entre o sujeito-autor construído no artigo produzido para o Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre - UEADSL e aquele construído durante a interação no blog considerando-se que o primeiro é um sujeito resultado de um trabalho colaborativo entre aluno e professor e o segundo, apesar de também ser resultado desse trabalho colaborativo, é a voz de um sujeito individualizado. Tem como objeto sete artigos de uma turma de Licenciatura em Educação do campo, da UFVJM, cujos estudantes, por iniciativa do professor, apresentaram esses trabalhos no UEADSL, promovido com fins didáticos pelo grupo de pesquisa Texto Livre, da UFMG. Também fazem parte desse *corpus* os comentários trocados entre autores e público durante o evento e os minicurrículos de cada autor. Dentre os fatos mais importantes notados, estão: o empoderamento do sujeito-autor construído ao longo do artigo e do construído na interação no blog; a oposição enfraquecimento x empoderamento presente nos artigos e comentários; a oscilação entre a postura acadêmica e a não acadêmica figurando nos artigos e comentários. Os contextos campo e universidade refletiram diretamente nos sujeitos envolvidos, sob o viés dos autores, transformando a visão, a formação e a atribuição do *status* de autores, de universitários empoderados e autônomos, responsáveis pelo curso da própria trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: Licenciatura em Educação do campo; Universidade; Educação do Campo; Empoderamento; Letramento acadêmico.

ABSTRACT

This search investigate, starting from a analytic view with concepts of greimasiany semiotic, the differences and similarities between the subject-author constructed in the article produced for Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre - UEADSL and that constructed during interaction in the blog, whereas the first it's a result subject of a cooperative work between student and teacher, and the second, although it is also result of this cooperative work, is a voice of a individual subject. Have as object seven articles of a class of graduation in educational field, whose, at the teacher's initiative, presented this works in the UEADSL, promoted with didactic purposes for the group of searches Texto Livre, by UFMG. Also make part of this corpus the comments exchanged between authors and public during the event, and the mini-curricula of each author. Among the most important facts noticed were: empowerment of the subject-author built along this article and the interaction in the blog; the opposition between weakening x empowerment present in the articles and comments; the oscillation between the academic stance and not academic that appear in articles and comments. The field and university contexts directly reflect in the subject involved in this project, under the bias of authors, transforming the vision, development and assignment of the status of authors, empowered and autonomous university students, responsible for their own trajectory.

Key-Words: Graduation in Educational Field; University; Educational Field; Empowerment; Academic literacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Relações entre os sujeitos no UEADSL.....	21
FIGURA 2 - Cartaz do UEADSL 2016/2.....	23
FIGURA 3 - Grade da programação do UEADSL 2016.2.....	26
FIGURA 4 - Moodle do Centro de Apoio à Educação a Distância da UFMG – CAED.....	31
FIGURA 5 - Moodle da disciplina Oficina Online de Leitura e Produção de Textos - Código Uni003 - Semestre 2012/2.....	33
FIGURA 6 - Gráfico de enquete realizada no Moodle.....	34
FIGURA 7 - Grade de programação com os 7 artigos do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Edição 2016/2.....	39
FIGURA 8 - Entrevista com o professor publicada no site Ciência Aberta.....	44
FIGURA 9 - Artigo 1 no blog.....	51
Figura 10 - Figura das dimensões Pragmática (ação) e Cognitiva (manipulação e sanção) da Narrativa.....	54
FIGURA 11 - Quadrado semiótico.....	58
FIGURA 12 - Artigo 2 no blog.....	59
FIGURA 13 - Artigo 3 no blog.....	69
FIGURA 14 - Artigo 4 no blog.....	72
FIGURA 15 - Artigo 5 no blog.....	78
FIGURA 16 - Artigo 6 no blog.....	83
FIGURA 17 - Artigo 7 no blog.....	88

LISTA DE SIGLAS

CAED - Centro de Apoio à Educação a Distância

EAD - Educação a Distância

EFA – Escola Família Agrícola

MOODLE - *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

UEADSL - Universidade, Educação a Distância e Software Livre

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Sumário

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: UM EVENTO ACADÊMICO COM FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA....	18
1. 1 Estrutura do evento	24
1.1.1 Formato	24
1.1.2 Cronograma	25
1.1.3 Custos envolvidos.....	26
1.1.4 Organizadores	26
1.1.5 Participantes	27
1.1.6 Plataformas do evento	27
CAPÍTULO 2: A PRÁTICA DO ALUNO-AUTOR NO UEADSL	29
2. 1 UEADSL e Moodle	30
CAPÍTULO 3: TEXTO E CONTEXTO PARA ANÁLISE	39
CAPÍTULO 4: UEADSL, PESQUISAS A RESPEITO E OS ALUNOS DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO	45
CAPÍTULO 5: ANÁLISES.....	49
5. 1 Artigo 1 - Reflexão sobre letramento campesino - Ribeiro e Cunha.....	49
5. 1.1 Comentários no blog	52
5. 1. 2 Análise.....	53
5.1.3 Dimensão pragmática	57
5.2 Artigo 2 - Letramento digital em uma comunidade do campo - Santos	59
5. 2.1 Comentários no blog	62
5. 2. 2 Análise.....	64
5. 3 Artigo 3 - A análise teórica dos letramentos de famílias da comunidade de Quilombola de Raiz - Ferreira e Perpetuo	67
5.3.1 Comentários no blog	70
5.3.2 Análise.....	70
5.4 Artigo 4 - Letramento em uma escola do campo - Chaves e Rosa.....	71
5.4.1 Comentários no blog	73
5.4.2 Análise.....	74
5.5 Artigo 5 - Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso - Mendes.....	75
5.5.1 Comentários no blog	78
5.5.2 Análise.....	80
5. 6 Artigo 6 - Letramento do campo, memórias das comunidades Gangorra e Genipapo - Gonçalves e Silva	82
5.6.1 Comentários no blog	85
5.6.2 Análise.....	85

5. 7 Artigo 7 - HQ'S e música na aprendizagem e nos letramentos - Ferreira, Moreira e Silva	86
5.7.1 Comentários no blog	89
5.7.2 Análise.....	91
5. 8 Análise da entrevista com o professor	92
6. CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	104
Anexo A – Reflexão sobre letramento campesino.....	104
Anexo B – Letramento digital em uma comunidade do campo.....	111
Anexo C – A análise teórica dos letramentos de famílias da comunidade Quilombola de Raiz.....	122
Anexo D – Letramento em uma escola do campo.....	128
Anexo E – Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso	137
Anexo F – Letramento do campo, memórias das comunidades Gangorra e Genipapo	148
Anexo G – HQ'S e música na aprendizagem e nos letramentos	161
Anexo H – Entrevista: UEADSL contribuindo com a capacidade de lidar com práticas de leitura e escrita socialmente relevantes	182

INTRODUÇÃO

Iniciei meus estudos no curso de Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, na modalidade Licenciatura em Português, em agosto de 2009. Em 2011, entrei para a equipe da disciplina *online* Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos, ofertada pela Faculdade de Letras para alunos de todos os cursos de graduação da UFMG. Com vínculo de bolsista, trabalhei como monitora das duas turmas *online*, com cerca de 250 alunos cada uma, até 2014, meu último ano na graduação. Essa bagagem adquirida despertou o meu interesse pela Linguística Aplicada, especificamente a área de Linguagem e Tecnologia, e me trouxe ao mestrado para desenvolver este projeto.

Como monitora, integrei a comissão organizadora em sete edições consecutivas do evento semestral *online* UEADSL – Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, promovido pelo Grupo de Pesquisa Texto Livre: Semiótica e Tecnologia, em parceria com a FALE/UFMG, para discentes de graduação, dos quais os alunos da disciplina compuseram 90% dos participantes nas edições em que estiveram presentes, de 2010 a 2013. Durante o semestre, os alunos desenvolviam um artigo científico em etapas de produção. Primeiro o resumo, título do artigo e palavras-chave, material que era revisado pelo tutor da disciplina. Depois, enviavam a segunda versão, produzida com base no feedback do tutor. O mesmo acontecia em relação à versão completa do artigo para o evento. Primeira versão, feedback do tutor, segunda versão e feedback do tutor. No fim do semestre, os artigos que atingiam uma nota mínima eram publicados no blog do evento e os alunos tinham a oportunidade de discutir o material produzido com os envolvidos na disciplina, professores, tutores, monitores e também com a comunidade universitária em geral e todos os interessados em participar do UEADSL. Sempre gratuito, hoje o congresso já acumula onze

edições concluídas, com os anais publicados no Portal de Periódicos da FALE/UFMG.

Eu, como monitora, estive nos bastidores e vi de perto o crescimento e consolidação do UEADSL como um evento *online* e gratuito de grande porte, que recebe professores da UFMG e de outras instituições, com suas turmas de alunos, para participarem das etapas de produção do artigo e do congresso em si e conta com o apoio do Centro de Apoio à Educação a Distância - CAED/UFMG. O evento tem como suporte durante o período das etapas um software livre¹, desenvolvido pelo Grupo Texto Livre, e um blog Wordpress, também software livre, para a semana do evento. Além disso, conta com uma pequena equipe que atua na organização em cada semestre para receber inscrições, atualizar informações e tirar dúvidas dos participantes ou interessados.

Desde que entrei para o mestrado, em 2015, assumi mais responsabilidades no evento e desde a edição 2016.2, da qual a turma foco do presente projeto participou, atuo como coordenadora da Comissão Organizadora. Posso afirmar, após esses cinco anos integrando a equipe do congresso, que o UEADSL fez parte da minha formação docente e que eu contribuí, com a minha participação durante todo esse tempo, para sua consolidação.

O UEADSL já foi objeto de pesquisa de dois trabalhos científicos: *Interações online na aprendizagem de leitura e produção de textos*, dissertação defendida por Lopes (2015), e *As culturas do grupo Texto livre: um estudo de viés etnográfico sob a ótica da complexidade*, tese de Castro (2015).

Unindo o olhar aguçado pela experiência discente com as minhas experiências construídas como monitora e integrante da comissão do evento,

¹ Por “software livre” devemos entender aquele software que respeita a liberdade e senso de comunidade dos usuários. Grosso modo, isso significa que os usuários possuem a liberdade de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software. Definição disponível em: <https://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt-br.html>

surgiu a pergunta que proponho investigar e responder com este projeto de pesquisa: Quais as diferenças e semelhanças entre o sujeito-autor construído no artigo produzido para o UEADSL e aquele construído durante a interação no blog considerando-se que o primeiro é um sujeito resultado de um trabalho colaborativo entre aluno e professor e o segundo, apesar de também ser resultado desse trabalho colaborativo, é a voz de um sujeito individualizado?

Compreender a construção desses sujeitos no trabalho colaborativo entre aluno e professor e na interação do aluno no blog é importante para analisar o efeito produzido pela dinâmica do evento, que foi criado para empoderar os envolvidos. O evento foi concebido como alternativa ao EVIDOSOL/CILTEC-Online, o primeiro evento que o Texto Livre propôs como espaço para participação de alunos de graduação e pós para apresentação de trabalhos e que, em virtude do formato mais voltado à divulgação científica, como são os eventos acadêmicos, tomou uma dimensão que já não comportava esses trabalhos. Coincidentemente na época, a professora e idealizadora de ambos os eventos, Ana Cristina Fricke Matte, orientadora desta dissertação, assumiu uma disciplina obrigatória de produção textual *online* para alunos novatos no curso de Letras e interessados de outros cursos de graduação da universidade com um número inusitado de alunos, 500 vagas iniciais. Falta de experiência na produção de artigos acadêmicos e pouco ou nenhum contato com atividades de pesquisa na universidade é uma realidade no contexto dessa disciplina, mesmo em disciplinas convencionais de produção acadêmica. O UEADSL foi criado para dar continuidade ao trabalho de exposição do aluno com a produção de textos não para o professor, mas para o público, tendo sido pensado já com o foco no processo de escrita de gêneros acadêmicos, possibilitando a construção de um texto passo a passo em uma relação de colaboratividade entre aluno e professor. O artigo produzido para o evento, desde que atinja uma nota mínima, além de ser publicado no blog, pode ser submetido no Portal de Periódicos da

Faculdade de Letras aos Anais do evento consistindo, geralmente, na primeira publicação desses alunos.

A disciplina online contava com o apoio de uma equipe de tutores, alunos da pós-graduação da UFMG, orientados pela professora coordenadora. Essa equipe era responsável por acompanhar a produção dos alunos do início ao fim do semestre e, nas primeiras edições do evento, foi o principal grupo de professores a integrar a comissão científica.

O UEADSL foi criado para professores universitários da UFMG ou de outras instituições como uma ferramenta didática a partir da metodologia de aprendizagem defendida pelo Grupo Texto Livre. Ao fazer essa opção, o professor traz para o contexto da sala de aula a produção do artigo em etapas ao orientar seus alunos em cada uma delas e, no fim, proporciona à turma a discussão dos temas abordados em cada texto em um ambiente que extrapola a sala de aula envolvendo turmas de alunos de disciplinas diferentes, universidades diferentes e o público em geral interessado em participar da discussão durante a semana do evento, que acontece no fim do semestre, no blog. O processo avaliativo da disciplina deixa de ser o foco para ser a consequência de uma atividade que determina como (produção do texto em etapas), quando (ao longo do semestre), onde (na sala de aula), porquê (aprender a produzir um gênero, aprender a pesquisar) e para quem (para discutir o artigo com os colegas e o público do evento), uma contextualização coerente com as novas práticas de letramento. Antunes (2003) afirma que, ao ensinar português como língua materna, “o professor não pode (...) insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito” (2003, p. 47).

Dessa forma, analisar e compreender o sujeito-autor a partir do artigo produzido por ele com o apoio do professor e a partir de sua interação no blog

mostra-se relevante para verificar o impacto desse trabalho colaborativo na voz do aluno como autor e, portanto, ator ativo na comunidade acadêmica.

CAPÍTULO 1: UM EVENTO ACADÊMICO COM FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muitas são as pesquisas realizadas dentro das universidades nacionais e internacionais em diversas áreas e, tão importante quanto pesquisar, é fazer com que os resultados sejam divulgados mundo afora para que todos tenham acesso às novas teorias e possam compreendê-las, discuti-las e aprimorá-las. A internet, que impacta diariamente essa divulgação científica, gerou eventos como o UEADSL.

Segundo o CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, um dos principais órgãos de incentivo à pesquisa no Brasil, a difusão da ciência para o público é tão antiga quanto a própria ciência e atendeu, ao longo da história, às mais diversas motivações e objetivos. As formas de divulgação e popularização das ciências evoluíram acompanhando a própria evolução das ciências e da tecnologia, gerando grande variedade de formas, meios e instrumentos de divulgação, como: congressos, seminários, colóquios, palestras, conferências, publicações variadas (livros, revistas, jornais, folhetos etc) à criação de museus com exposições abertas ao público, jardins botânicos, planetários, filmes, vídeos, programas de rádio e TV, internet, centros de ciência, parques temáticos, incluindo escolas, faculdades e universidades. (CNPq)².

Essas diferentes formas de divulgar alcançam diversos públicos, principalmente quando acontecem na internet. Ainda segundo o CNPq, “com as novas mídias, a partir do advento da internet, surgiram novas formas virtuais de divulgação e popularização da ciência para o grande público”. Essas novas

² Disponível em: <http://cnpq.br/por-que-popularizar/>

formas dizem respeito aos vários gêneros disponíveis na rede, formados a partir de recursos multimodais.

Para Benakouche (1998), “se existe um consenso a respeito das principais características das sociedades contemporâneas, este se refere à presença cada vez maior da tecnologia na organização das práticas sociais”. Um fruto dessa presença é o UEADSL – Universidade, EAD e Software Livre, congresso nacional que surgiu em 2010 a partir de uma iniciativa do grupo Texto Livre e da Faculdade de Letras da UFMG, um recurso educacional criado e voltado, inicialmente, para as turmas *online* de leitura e produção textual de graduação da UFMG.

Segundo Lopes (2015), ao descrever o UEADSL como um ambiente de ensino/aprendizagem,

Os recursos que proporcionam aos participantes interações mútuas, ao promover o diálogo entre alunos, entre alunos e professores e entre alunos e comunidade externa, apoiam o propósito do UEADSL e sua função social, de promover a prática da leitura e da escrita dos alunos e de interação e compartilhamento de ideias. (...) As habilidades desenvolvidas nessa atividade são válidas para a vida digital dos participantes, que, independente de já terem tido experiências semelhantes, acumularão novos saberes sobre a prática de interagir e colaborar em rede. Dessa forma, o ambiente contribui para o desenvolvimento digital de seus usuários. (Lopes, 2015, p. 4).

O congresso tornou-se um espaço de interação entre professores universitários, alunos de graduação, pesquisadores de várias instituições do país e todos os que se interessam pelas discussões propostas, cumprindo a função social para o qual foi criado e indo além, ao ultrapassar suas próprias fronteiras, constituindo-se também como um espaço de promoção da ciência que acontece semestralmente e está sempre disponível no ambiente do blog, permitindo permanentemente o acesso livre aos artigos dos participantes e respectivos comentários.

Embora o UEADSL já tenha sido objetivo de pesquisa de dois trabalhos acadêmicos (CASTRO, 2015; LOPES, 2015), nenhum deles explorou o evento e suas etapas de produção como uma ferramenta didática utilizada para desenvolver uma metodologia de aprendizagem. Compreendemos como ferramenta didática um conjunto de recursos (nesse caso, softwares) e normas (do evento e para publicar nos anais) para a criação e realização de uma atividade didática estendida durante três meses, com o objetivo de permitir a socialização do trabalho realizado no decorrer da disciplina. A metodologia de aprendizagem, defendida pelo Grupo Texto Livre, é também conhecida como metodologia de risco (Matte, 2012). Baseada em comunidades de prática (WENGER *et al.*, 2002), nela o aprendizado é consequência de uma necessidade real que, no caso do UEADSL, é a apresentação e discussão de um trabalho com um público aberto em um evento oficial.

A figura 1 a seguir exemplifica as relações entre os sujeitos envolvidos no evento. Pensando semioticamente, a relação diferenciada entre professor e aluno tende a parecer hierárquica, se tomada num contexto em que o trabalho que o aluno escreve foi solicitado pelo professor, seu manipulador, e será julgado, mais uma vez, pelo seu professor. O UEADSL não é o primeiro e muito menos o único evento que, ao trazer outros personagens para a produção textual de seus alunos, permite que a realização de um trabalho se transforme numa comunicação. Porém, talvez seja o primeiro que, em todas as instâncias do processo, todos os personagens são afetados por isso.

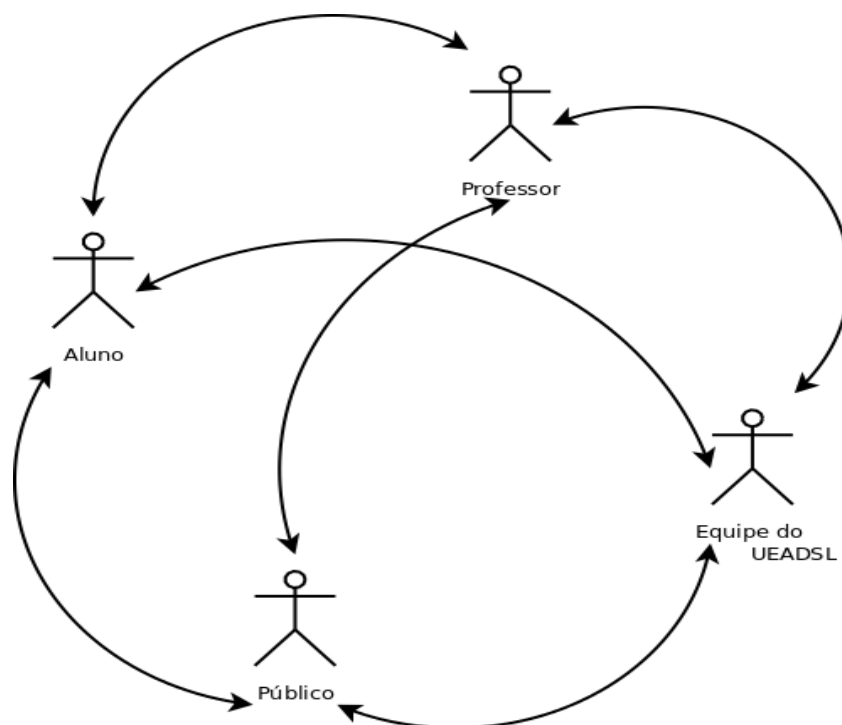


FIGURA 1 - Relações entre os sujeitos no UEADSL

A proposta do evento, os recursos atuais utilizados e a promoção de uma prática de ensino inovadora, contribui para melhorar o quadro apontado por Ribeiro (2012, p. 24), em que “os recursos atualmente disponíveis na Internet têm um potencial de utilização muito grande no aprendizado, porém, não são normalmente compatíveis com as práticas convencionais de ensino”. Além disso, o congresso insere no cotidiano da universidade a questão do Software Livre que, associado à educação, incentiva a cidadania, a liberdade na internet, a criação e a inovação (CONTI, 2015, p. 3).

Bazerman (2007, p. 110) afirma que “aprender a escrever significa aprender a assumir uma presença ousada no mundo”, “entrar em complexas e sofisticadas relações com os outros” e associa o desenvolvimento da linguagem ao desenvolvimento social do indivíduo (2007, p. 18). Embora os participantes do evento já estejam na universidade, ou seja, já são letrados em diversos gêneros, são em oportunidades como a gerada pelo evento que o gênero artigo acadêmico é desenvolvido. Portanto, o artigo produzido e a interação no blog,

além de serem produtos de uma atividade de aprendizagem, revelam quem são esses sujeitos e a sua relação com o mundo, nesse caso representado pelo congresso.

O UEADSL sempre foi composto por um público extremamente heterogêneo, de diversos cursos da UFMG e de outras instituições. Cada edição contou com trabalhos bastantes variados quanto aos temas discutidos, à complexidade dos artigos e na relação entre autores e outros participantes. Foram experiências distintas tanto para a organização do evento quanto para o público. Apesar dessa diversidade, o curso de Licenciatura em Educação do Campo integrou o evento apenas na edição 2016/2 (FIGURA 2), com a turma regida pelo professor Carlos Henrique Silva de Castro. Essa modalidade está presente em poucas universidades e é incentivada pelo Programa Nacional de Educação do Campo - PROCAMPO³, criado com o objetivo de promover a formação de pessoas oriundas do campo a fim de possibilitar maior desenvolvimento econômico e social nessas regiões.

³ Na página http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6463-procampo-2010-tabela&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192 consta a lista de todas as universidades que participam do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO).



FIGURA 2 - Cartaz do UEADSL 2016/2

O evento, que engloba uma nova ferramenta didática e metodologia de aprendizagem, foi utilizado por um professor com alunos de um curso que possui acesso restrito à internet e à tecnologia de maneira geral tendo em vista

as pequenas cidades e seus entornos, que geralmente são o foco da educação no campo. Fornasier e Scarantti (2017, p. 143) afirmam que

de acordo com a última pesquisa publicada pelo Comitê Gestor de Internet em 2014, referente ao uso das TICs em 2013 (PESQUISA SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO BRASIL, 2014), foi constatado que, enquanto na zona urbana quase metade de sua população possui computador conectado na rede (48%), na zona rural esse índice cai para apenas 15%.

Portanto, analisar a proposta do UEADSL e a primeira participação dos alunos da Licenciatura em Educação do Campo no evento torna-se relevante no sentido de verificar as implicações dessa nova metodologia e ferramenta em um grupo que está distante de práticas que envolvem a produção de um gênero acadêmico e sua discussão na rede com um público que vai além do campo.

1. 1 Estrutura do evento

Um modus operandi sustenta o UEADSL, que adota um formato, cronograma e depende de custos envolvidos, organizadores e participantes para ocorrer. A presente descrição é fruto de informações disponíveis no blog do evento e da experiência da autora desta dissertação no congresso.

1.1.1 Formato

O UEADSL acontece em um blog e a interação se dá pelo sistema de comentários em que palestrantes, aqueles que enviam artigos para o evento, e ouvintes (nesse caso, leitores) tem a oportunidade de discutir. A interação

acontece, geralmente, durante uma semana. Os artigos que atingem a nota mínima, podem ser submetidos aos anais do evento no Portal de Periódicos da FALE/UFMG. Para participar, é necessário fazer uma inscrição no sistema do UEADSL, disponível no blog, como ouvinte ou palestrante, sendo que o último terá seu artigo avaliado pela comissão científica, composta por professores que trazem suas turmas, em uma série de etapas. Os professores orientam seus alunos durante a produção do artigo, propondo a discussão e o desenvolvimento de temas que sejam do interesse deles, ou o conteúdo da ementa da disciplina cursada. É necessário que os temas se relacionem com a proposta do evento, bastante abrangente nesse sentido. Universidade, EAD e Software Livre, nome do congresso, possibilita inúmeras temáticas. Durante a semana do evento, o público, composto pelos próprios autores e por outros participantes que se inscrevem como ouvintes, discutem os artigos. Cada texto fica em evidência durante dois dias da programação.

1.1.2 Cronograma

São cerca de três meses entre o envio da proposta de artigo, para aqueles que querem publicar, e a interação na semana do UEADSL. As etapas são: submissão de trabalho, parecer/aceite do professor, que integra a comissão científica, revisão de resumo e minicurrículo, envio do artigo completo para receber sugestões do professor, envio do artigo completo, envio do artigo para anais, publicação da programação e período do evento. O cronograma é discutido pela equipe com antecedência e amplamente divulgado para que os professores possam encaixar as datas de acordo com o cronograma de suas turmas.

UEADSL 2016.2: Diversidades - Programação



Salas, dias e horários estão sujeitos a alterações, de acordo com os critérios da organização do **UEADSL 2016.2: Diversidades**.

******* FIQUE POR DENTRO DO QUE ACONTECE À SUA VOLTA NO UEADSL: notícias no CAED e na UFMG.**

Veja também: uma versão da programação sem decorações, para impressão.

Desmarque/marque as trilhas para escondê-las/exibí-las

<input type="checkbox"/> Ciência aberta	<input type="checkbox"/> Cultura livre	<input type="checkbox"/> EAD e Software Livre	<input type="checkbox"/> Educação e tecnologias digitais
<input type="checkbox"/> Fora do eixo	<input type="checkbox"/> Inovação e pesquisa	<input type="checkbox"/> Letramentos	<input type="checkbox"/> Linguagens e artes
<input type="checkbox"/> Mídias e educação	<input type="checkbox"/> Práticas de ensino e inovação	<input type="checkbox"/> Sustentabilidade	<input type="checkbox"/> Tecnologias livres
<input type="checkbox"/> Universidade e comunidade	<input type="checkbox"/> Universidade e EaD	<input type="checkbox"/> Universidade e software livre	

- **Dia 6: Abertura**
- **Dias 6 e 7**
- **Dias 7 e 8**
- **Dias 8 e 9**
- **Dias 9 e 10**
- **Dia 10: Conferências**
- **Dias 14 e 15**

FIGURA 3 - Grade da programação do UEADSL 2016.2

1.1.3 Custos envolvidos

Como o espaço é online, em servidor próprio do grupo Texto Livre e as pessoas que promovem o evento são funcionários da UFMG, de outras instituições ou voluntários, não há custos para os professores que trazem seus alunos, autores e ouvintes. O UEADSL não cobra pela participação.

1.1.4 Organizadores

São membros do grupo Texto Livre/FALE/UFMG, professores, alunos e funcionários da UFMG, professores e pesquisadores de outras instituições e outros voluntários. O tamanho da equipe varia de acordo com a edição e sempre há convocação de voluntários para colaborar em etapas específicas do evento, como a semana do congresso.

A orientadora desta dissertação e idealizadora do evento sempre esteve na coordenação geral e, a partir de 2016, dividiu essa tarefa com a autora deste trabalho.

1.1.5 Participantes

Alunos, professores e pesquisadores da UFMG e de outras instituições e todos os que se interessam em participar, independente de estarem vinculados a uma instituição como aluno, professor ou não.

O UEADSL teve início com um público composto em maioria por alunos e professores da UFMG. As duas turmas de 250 alunos cada da disciplina de produção textual online eram responsáveis pela maior parte das publicações no evento, uma vez que a produção do artigo em etapas e a participação no evento faziam parte da metodologia da disciplina.

Com a divulgação, as edições acumuladas ganharam um público composto por professores e alunos de outras instituições, no Brasil e também do exterior.

1.1.6 Plataformas do evento

O blog e o PapersWP⁴ são as duas plataformas que fazem o UEADSL funcionar. No PapersWP, um software livre adaptado para as necessidades do evento pela equipe do Texto Livre, ficam armazenadas as inscrições de alunos e professores, seus respectivos dados (instituição, nome completo, por exemplo) e

⁴ Papers é um sistema de gerenciamento de eventos criado para o FISL e desenvolvido pela COLIBRE desde 2006. A partir de 2008, o grupo Texto Livre vem utilizando uma versão aberta do Papers para gerenciamento de seus eventos online, o EVIDOSOL/CILTEC-online e o UEADSL. Disponível em: <http://www.sied-enedped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2014/article/viewFile/615/314>

é nele que as versões de minicurrículos, resumos e artigos são enviados pelos alunos e corrigidos pelos professores. Devido às peculiaridades do evento, como as etapas de produção com datas variadas e a necessidade de um sistema de envio de arquivo e correção, softwares normalmente utilizados em eventos, presenciais ou não, não atendem às necessidades do UEADSL.

O blog Wordpress, também software livre, online desde a primeira edição, contém os artigos publicados em todas as edições e os registros das discussões entre autores e público na página de cada artigo.

Há uma integração entre o PapersWP e o blog para que no final de cada semestre, as versões finais dos artigos sejam importadas com facilidade.

E-mail e chat escrito (disponível no blog) também podem ser considerados plataformas do evento. Ambos funcionam para solucionar dúvidas dos participantes do evento e dos que desejam participar. Embora todos os sistemas ou plataformas utilizados sejam simples e estruturados da maneira mais clara possível para facilitar a participação de todos, são recorrentes as perguntas sobre inscrição, envio de arquivos, e como postar comentários no blog. Como o desempenho dessas tarefas depende do letramento digital de quem participa, são comuns as dúvidas.

CAPÍTULO 2: A PRÁTICA DO ALUNO-AUTOR NO UEADSL

Partimos do pressuposto de que este evento foi criado para o estudante regular de uma universidade pública padrão, com disciplinas semestrais, acesso a recursos como laboratório de informática e facilidade de acesso à internet, de modo que é possível pressupor um letramento digital mínimo. Sabendo-se que os cursos de Educação do Campo foram criados em virtude deste ser, notavelmente, um estudante diferente com objetivos diversos do padrão, o papel de aluno-autor destacou-se, aos olhos dos participantes das comissões Organizadora e Científica, por sua diversidade, maior do que aquela inicialmente esperada.

Tendo em vista esta diversidade ampliada, a presente investigação buscou verificar as diferenças e semelhanças entre o sujeito-autor construído no artigo produzido para o UEADSL e aquele construído durante a interação no blog considerando-se que o primeiro é um sujeito resultado de um trabalho colaborativo entre aluno e professor e o segundo, apesar de também ser resultado desse trabalho colaborativo, é a voz de um sujeito individualizado. Baseada na teoria semiótica e em leituras da área de Letramentos, esta análise buscou dimensionar o impacto da metodologia de aprendizagem defendida pelo Grupo Texto Livre na turma de alunos observada, trazendo luzes não só para o aluno-autor da Educação do Campo, mas também para outros estudantes provenientes de contextos variados, muitos dos quais não permitem enquadramento no estudante padrão da proposta inicial do UEADSL.

Com isso, tornou-se possível, também:

- Discutir o evento UEADSL como uma ferramenta didática;
- Fazer um levantamento dos tipos de interação que constam no blog durante o evento no corpus selecionado;

- Buscar os reflexos dos métodos e propósitos expressos pelo professor em sua entrevista na interação dos alunos no blog.

2. 1 UEADSL e Moodle

Para Braga (2007, p. 188) a modalidade digital pode proporcionar materiais mais didáticos e a comunicação aberta na rede permite que a socialização e a construção do conhecimento aconteçam de novas formas. Essas transformações facilitam o contato social e o acesso ao conhecimento de grupos periféricos, mesmo longe do meio escolar. O UEADSL pode ser considerado fruto dessa modalidade, contudo, toda a potencialidade do evento, para fins didáticos ou via de divulgação científica, não é proporcionada apenas por ela.

Deve-se destacar, também, a forma de funcionamento, que envolve um trabalho voluntário, colaborativo e uma escolha de formato econômica e dinâmica, levando-se em consideração que nem tudo que está na internet é de acesso livre ou permite interação, e que possibilita e incentiva a socialização de um público extremamente variado, tendo em vista que, embora seja um evento acadêmico, não está restrito a ele. Dessa forma, os elementos descritos (formato, cronograma, custos envolvidos, organizadores e participantes) revelam uma dinâmica bem sucedida que abre caminhos para a construção do conhecimento, ao possibilitar uma troca de saberes entre a comunidade universitária e o público em geral.

O aluno-autor que o evento, tal como foi concebido, espera, é um estudante que tenha uma vivência online e digital mínima. Isso não foi necessário para diminuir o salto, já existente e inevitável, entre o estado de aluno para o de autor acadêmico.

O aumento do número de vagas em universidades públicas, proporcionado pelo REUNI, não acompanha o demorado processo de expansão da estrutura física e da contratação de novos professores. Mas os alunos já chegaram, a sala do Xerox está cheia, a cantina também e a sala de aula mais ainda.

A alternativa encontrada pela Universidade é o investimento na Educação a Distância e consequentemente na oferta de disciplinas realizadas no ambiente virtual. E então surge a Plataforma Moodle⁵, Software Livre que proporciona o necessário ambiente colaborativo de aprendizagem, mas também gera polêmicas acerca de sua eficiência como suporte.



FIGURA 4 - Moodle do Centro de Apoio à Educação a Distância da UFMG - CAED

⁵ O Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é um sistema de gestão do ensino e aprendizagem (conhecidos por suas siglas em inglês, LMS - Learning Management System, ou CMS - Course Management System), que permite a publicação de conteúdos, troca de informações entre professores e alunos e avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Disponível em: <https://www.4linux.com.br/o-que-e-moodle>

O peso que a plataforma ganhou nos últimos anos é grande e discutir a respeito de suas vantagens e desvantagens é de extrema importância para que possamos avaliar sua eficiência e deficiência como ambiente de aprendizagem. A UFMG utiliza o Moodle desde 2006 e estas observações consideram o olhar da estudante Thalita Felício, autora desta dissertação e, na época, aluna de graduação que atuou também como monitora da disciplina Oficina Online de Leitura e Produção de Textos, ofertada pela Faculdade de Letras da UFMG.

Segundo Franco (2010), o Moodle é um Software Livre *open source*, ou seja, qualquer pessoa pode participar de seu desenvolvimento e, além disso, apresenta diversos recursos: fóruns de discussão, chats, questionários e glossários, que são disponibilizados no ambiente virtual a critério do professor e de acordo com as necessidades vigentes na disciplina. Ele pode ser executado em qualquer computador com sistemas operacionais Windows, MAC ou Linux. Como a plataforma fica hospedada em um servidor, professores e alunos podem ter acesso em qualquer lugar com acesso à Internet.

De acordo com a apresentação do Moodle realizada por Franco (2010), percebe-se a flexibilidade proporcionada pela ferramenta, relativa ao acesso e também aos recursos disponíveis.

Repositório de Objetos de Aprendizagem

Página inicial ► Minhas turmas ► 20122_060000_DIG_UNI003_OL

Navegação

Configurações

- ▼ Administração da turma
- Notas
- ▼ Mudar papel para...
- Retomar ao meu papel normal
- > Minhas configurações de perfil

Programação

UNI003 - oficina online de leitura e produção de textos

Escrever pra quem?

Escrever bem é uma simples questão de adequação ao contexto. Escrever um português de Camões seria absolutamente inapropriado numa mensagem como esta (e você poderia, com razão, me acusar de escrever errado), mas poderia ser tranquilamente aceito num texto literário atual, por exemplo, constituindo uma metalinguagem. Frequentemente ouvimos dizer que a linguagem da Internet está matando o bom português. Gostaria de conhecer esse sujeito, o bom português, tão frágil que não resiste à uma conversinha trivial...



Nesta oficina, utilizaremos diferentes contextos de escrita, tendo como pano de fundo a utilização de algumas ferramentas que, se bem utilizadas, serão suas companheiras fiéis, do trabalho de final da disciplina à tese de doutorado.

Não deixem de ler as instruções gerais antes de começar. O Tópico da Semana vai estar disponível a cada sexta feira (ou quinta, em caso de feriado), sempre abaixo do anterior, nesta página.

NOTÍCIAS DO UEADSL 2012.2

Divulgarei aqui as notícias sobre o UEADSL:

- Últimas horas! Sobre comentários **NOVO!!!**
- Saiu no Softwarelivre.org **NOVO!!!**
- **NOVO!!!**
- **NOVO!!!**
- **NOVO!!!**
- Top posts do dia 21 **NOVO!!!**
- Quarto bloco de trabalhos **NOVO!!!**
- Terceiro bloco de trabalho **NOVO!!!**
- **NOVO!!!**
- Segundo bloco de trabalhos
- Últimas notícias do dia 18
- Top Posts do dia 18!!!
- **NOVO!!!**
- **UEADSL: Como participar**
- Menção Honrosa: agora vocês também podem votar
- **liberdade virtual no cenário contemporâneo**
- **NOVO!!!**
- Segunda convidada: Mariana Furst

FIGURA 5 - Moodle da disciplina Oficina Online de Leitura e Produção de Textos - Código Uni003 - Semestre 2012/2

A disciplina Oficina Online de Leitura e Produção de Textos, ofertada pela Faculdade de Letras da UFMG utiliza o Moodle como suporte e conta com cerca de 500 alunos todo semestre (FIGURA 5). As atividades são semanais e, na época que estamos focando neste tópico, a professora Ana Cristina Fricke Matte coordenava a equipe, formada por estudantes de pós-graduação atuando como professores responsáveis por corrigir as atividades e, além destes, monitores, que são alunos do curso de Letras, para auxiliar os alunos nas dificuldades apresentadas no uso da plataforma e também na resolução das atividades.

Os recursos utilizados são, dentre outros:

- questionários relativos aos conteúdos corrigidos pelo próprio Moodle;
- tarefas de produção de textos e esquemas enviados em PDF ou em formulário próprio no Moodle;

- disponibilização de textos informativos relativos ao conteúdo da disciplina;
- espaço para envio das tarefas solicitadas de acordo com o tópico da semana;
- chat, online, para esclarecer dúvidas com os monitores em diversos horários, durante todo o semestre;
- fórum para dúvidas, acompanhado diariamente pelos monitores.

Ao analisar a experiência com a matéria ofertada pela Faculdade de Letras, a desvantagem identificada na época foi a instabilidade da plataforma, a qual, muitas vezes, impediu o acesso dos alunos, dos professores e monitores, causando diversos problemas. Os prazos para entrega das atividades precisavam, por exemplo, serem adiados para não prejudicar os alunos.

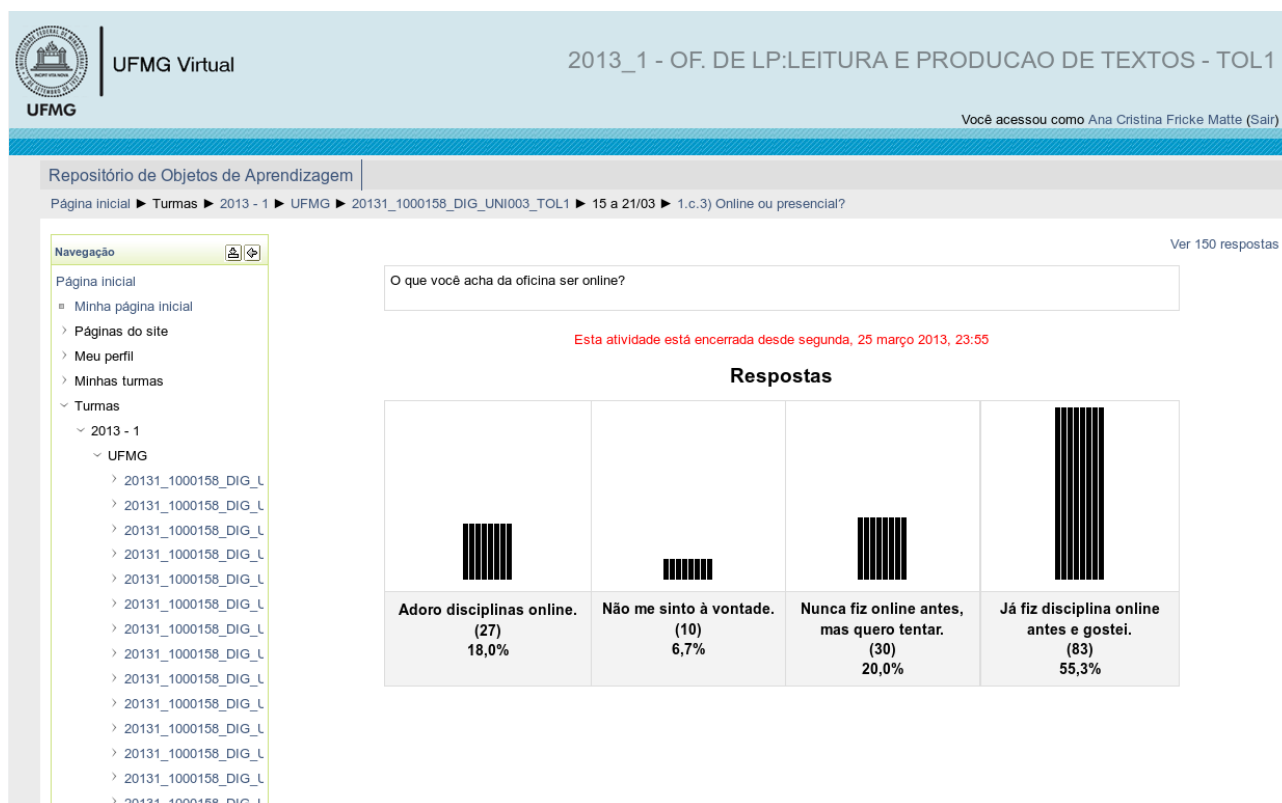


FIGURA 6 - Gráfico de enquête realizada no Moodle

Uma das principais vantagens da utilização do Moodle é a questão financeira. A universidade gastaria muito mais se optasse por um software pago⁶. Outra questão bastante atrativa é a flexibilidade do tempo. Basta ter acesso à Internet para fazer a leitura do conteúdo e realizar as atividades, sem necessidade de recorrer ao xerox, cujo custo é absorvido pelo estudante. Além disso, para quem estuda à noite ou não tem tempo hábil para assistir às aulas presenciais, é uma opção bastante proveitosa.

Outra vantagem, abordada por Franco (2010), é a utilização dos fóruns, que introduzem uma forma importante de comunicação assíncrona entre os participantes do Moodle, pois proporcionam troca de ideias, reflexões, informações e interesses sobre determinado assunto.

Em sala de aula, nem todos os alunos participam efetivamente da aula. Muitos deixam de manifestar suas dúvidas, recorrem sempre ao colega ou até deixam de esclarecer aquela lacuna. A comunicação online proporciona certa liberdade e torna-se muito mais confortável para quem participa. A expressão de sua opinião, bem como iniciar questionamentos, proporcionando maior interatividade entre os alunos e até mesmo entre o aluno e o professor da disciplina.

Ao analisar as vantagens e desvantagens aqui citadas, embora não de forma exaustiva, é possível concluir que o Moodle proporciona o ambiente necessário para o desenvolvimento de uma disciplina.

A aprendizagem no ambiente virtual é equivalente à de uma disciplina presencial e pode até ser mais efetiva de acordo com o perfil do aluno e do professor que coordena o conteúdo.

De acordo com Moraes,

⁶ É chamado de software proprietário, como também de software não livre, aquele que pertence a uma empresa privada e detém seus direitos de uso, edição ou redistribuição sobre o mesmo. Disponível em: <https://conceitos.com/software-proprietario/>

Percebemos ainda, um grande número de alunos que buscam o moodle como uma forma fácil de ganhar créditos, e não como uma ferramenta de aprendizagem, o que prejudica seu conteúdo e seu objetivo, visto que ele seria pelo menos a princípio uma ferramenta de ensino a distância. Além disso, peca com a falta de riqueza nas discussões e fóruns na plataforma. (Moraes, 2010)

O fato de que o Ensino a Distância ocorre no ambiente online, tornando-o mais acessível, em certas situações, do que o ensino presencial, não significa que ele seja necessariamente simples ou fácil para todos. Mesmo quando o professor pouco aproveita as dezenas de atividades e recursos oferecidos pelo Moodle, mesmo quando o mesmo professor adequa o grau de dificuldade à turma de forma apropriada, outros fatores podem afetar o aproveitamento. Podemos observar, por exemplo, falta de riqueza nas discussões e fóruns, que muito depende do grau de interesse dos alunos a respeito do tema discutido. Por outro lado, falta de letramento digital, bastante comum em alunos de graduações menos procuradas, pode impedir o estudante de encontrar as atividades mesmo quando estão todas disponíveis em uma única página. Bandeira (2009), em sua tese intitulada *Trajetórias de estudantes universitários de meios populares em busca de letramento digital*, acompanhou a trajetória de alunas do curso de Pedagogia da UFMG. Para a autora,

Estudantes mantêm relações comuns e particulares de conflito com a cultura digital. Espera-se deles o que eles ainda não são, no caso, letrados digitais. Quem espera? Eis o ponto que mais surpreendeu durante esta pesquisa. A universidade espera letrados digitais, a própria Faculdade de Educação espera letrados digitais, os professores esperam letrados digitais, os colegas são letrados digitais. A obviedade com que o assunto é tratado na universidade é um aspecto de grande dimensão. É dessa forma que a instituição tem enxergado o aluno calouro: aquele que já sabe lidar com o computador/internet, ou seja, a universidade o vê como digitalmente letrado. Isso foi descoberto nos primeiros momentos de observação e se intensificou ao longo da pesquisa. A cultura digital atravessou a universidade apesar de tantas resistências e levou a cultura predominantemente gráfica para outro suporte de escrita. (Bandeira, 2009, p. 223)

São os meios populares, segundo a autora, que se esforçam para se relacionarem com as novas tecnologias, o que pode ser comprovado pela trajetória das estudantes da pesquisa e de outros indivíduos do meio (Bandeira, 2009, p. 224).

É possível assumir que o Ensino a Distância, tendo como ferramenta a Plataforma Moodle, seja tão proveitoso quanto ou mais do que o ensino presencial, mas é muito importante que a universidade, os alunos e os professores estejam devidamente letrados no ambiente digital para uso efetivo das possibilidades que o Moodle oferece, além de serem motivados a buscar alternativas para suprir as dificuldades apresentadas em cada contexto.

Nepomuceno (2012) registra o histórico da UFMG no Ensino a Distância, desde a entrada até o ano da pesquisa. O autor afirma que os primeiros passos foram dados em 1973, o marco inicial.

A Faculdade de Letras da UFMG ofertou, entre 1976 e 1980, um curso não formal de redação na modalidade EAD e com material impresso (Nepomuceno, 2012). Em 1999, o CENEX da FALE ofertou um curso a distância de leitura e produção textual denominado Redigir ofertado para servidores da universidade e posteriormente estendido aos alunos dos variados cursos de graduação (COSCARRELLI et al., 2002). Os cursos superiores a distância foram ofertados desde 2005 e outras iniciativas, como disciplinas online em cursos presenciais, surgiram com o REUNI. O CAED, apesar de criado em 2003, foi institucionalizado em 2010.

Nepomuceno (2012) afirma que

A UFMG tem realizado seminários e, através do CAED, tem feito a apresentação dos cursos EAD para reverter essa situação. É provável que essa atitude de abrir diálogo com os membros da comunidade universitária, por parte da Universidade, venha esclarecer entendimentos dúbios e aproxime as duas modalidades de ensino da Instituição. Isso por que, embora, a partir do segundo semestre de 2011, já haja 302 graduados pela UAB-UFMG, a impressão que se tem é que a EAD, por vezes, é

vista, ainda, como um corpo estranho que precisa ser assimilado pela Instituição como um todo. A dificuldade em se obter informações sobre os cursos de graduação a distância dentro das unidades que as oferecem é sintoma da distância que existe entre as duas modalidades de ensino da Universidade. Talvez seja uma boa idéia se discutir nos seminários de EAD a necessidade de se promover maior integração entre o ensino presencial e a distância. (2012, p. 95)

Araújo (2011), citado na pesquisa de Nepomuceno (2012), documenta em sua pesquisa a voz de um professor a respeito da EAD na UFMG.

Eu acho que educação a distância aqui ainda está muito incipiente. Ela está, por enquanto, restrita como se fosse em bolsões nos cursos que existem. (...) A EAD entrou dentro da UFMG meio que na marra. O programa, na verdade, veio do MEC, os programas de Pró-licenciatura, depois a UAB e a universidade foi obrigada a dar uma resposta. Hoje, tem muitas pessoas que tem preconceito. Acham que é um dinheiro jogado fora, que é um projeto muito caro que dá pouco resultado. Muitos professores têm preconceito, muitos não concordam e se fecham a esse tipo de coisa. Dentro da UFMG a EAD ainda é uma ilustre desconhecida. Apostaria dizer que em torno de 80% dos professores sequer sabem que a UFMG ministra educação a distância e dentre esses poucos que sabem que a UFMG ministra, outros 80%, talvez, sejam contrários a educação a distância. A educação a distância tem sido polêmica na Universidade. Ela não é muito aceita pela Universidade como um todo. Tem certo preconceito. Há resistências, há dificuldades. E os cursos ainda são vistos com reserva. Os próprios alunos a distância tem dificuldades em se assumir como um aluno da UFMG. Ainda tem muita resistência e vai demorar para ser vencida. (ARAÚJO, 2011, p. 153-154)

Apesar dos mais de 40 anos de envolvimento da UFMG com a EAD, é possível interpretar como tímidas as iniciativas nesse sentido, uma vez que a resistência por parte do corpo docente ainda é uma realidade. Apenas cinco cursos de graduação são ofertados nessa modalidade, de acordo com o site do CAED⁷.

⁷Disponível em: <https://www.ufmg.br/ead/index.php/cursos/cursos-de-graduacao/>

Uma atividade a distância, a participação em um evento online, é o foco deste trabalho, num curso voltado aos estudantes provenientes do campo, caracterizando-se, portanto, pelo baixo uso da tecnologia. No próximo capítulo, após termos delimitado um contexto situacional histórico da EAD, passamos a discutir o contexto do UEADSL.

CAPÍTULO 3: TEXTO E CONTEXTO PARA ANÁLISE

O UEADSL acumula 11 edições, 892 artigos publicados e 12.372 comentários no blog. Portanto, trata-se de um corpus gigantesco que envolveu alunos e professores de disciplinas variadas em cada edição, ou seja, contextos totalmente distintos. Como o objetivo dessa pesquisa não é comparar edições e nem selecionar um corpus muito extenso por tratar-se de uma dissertação de mestrado, focaremos em um grupo específico de alunos que vieram para o evento orientados por um professor já familiarizado com a dinâmica das etapas de produção do artigo e do evento em si.

	Sessão-1	Sessão-2	Sessão-3	Sessão-4
Sala/1	<p>Letramentos <i>Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso</i> Nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Maurício Teixeira Mendes <p>Coordenação de mesa: • Carlos Castro (ACESSO AO ARTIGO NO EVENTO: 7678)</p>	<p>Letramentos <i>Letramento digital em uma comunidade do campo</i> Nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Maria Nilza Rodrigues dos Santos <p>Coordenação de mesa: • Carlos Castro (ACESSO AO ARTIGO NO EVENTO: 7676)</p>	<p>Letramentos <i>A análise teórica dos letramentos de famílias da comunidade quilombola de Raiz</i> Nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Andreia Ferreira dos Santos • Francine Nilma Perpetuo <p>Coordenação de mesa: • Carlos Castro (ACESSO AO ARTIGO NO EVENTO: 7668)</p>	<p>Letramentos <i>Letramentos do campo, memórias das comunidades Gangorra e Genipapo</i> Nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Maria Karina Oliveira Gonçalves • Kelly Silva Ferreira <p>Coordenação de mesa: • Carlos Castro (ACESSO AO ARTIGO NO EVENTO: 7887)</p>
Sala/2	<p>Letramentos <i>Letramento em uma escola do Campo</i> Nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Flávia Moreira Chaves • Marilene Rosa Dos Santos <p>Coordenação de mesa: • Carlos Castro (ACESSO AO ARTIGO NO EVENTO: 7674)</p>	<p>Letramentos <i>Reflexão sobre letramento campesino</i> Nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Franciene Ferreira Ribeiro • Daiane Núbia da Cunha <p>Coordenação de mesa: • Carlos Castro (ACESSO AO ARTIGO NO EVENTO: 7672)</p>	<p>Letramentos <i>HQs e música na aprendizagem e nos letramentos</i> Nível:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Janaina Dos Santos Ferreira • Flávia Idalina Alves Moreira • Sandra Moreira da Silva <p>Coordenação de mesa: • Carlos Castro (ACESSO AO ARTIGO NO EVENTO: 7885)</p>	

FIGURA 7 - Grade de programação com os 7 artigos do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Edição 2016/2

O corpus é composto por sete artigos elaborados por 13 alunos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM sob a orientação do professor que estão disponíveis no blog, os minicurrículos de cada um elaborados para o evento, os 222 comentários do público, dos próprios alunos e do professor também publicados nas páginas dos artigos no blog, e uma entrevista realizada com o professor, disponível no blog Ciência Aberta⁸. São dados públicos, portanto, não houve necessidade de pedir autorização do Comitê de Ética da UFMG. Escolher uma única turma é importante para verificar o impacto do evento em sujeitos de um mesmo grupo situado em um mesmo contexto, nesse caso externo à UFMG.

Alunos e professor integram a graduação em Licenciatura em Educação do campo da UFVJM - habilitação em Linguagens e Códigos. O curso, restrito a poucas universidades no país, visa à “formação de professores das escolas situadas nas áreas rurais, com ênfase na construção da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio”, de acordo com o projeto político pedagógico da instituição. A modalidade, diferente dos cursos de graduação tradicionais, é caracterizada pelo regime de alternância, composto pelo Tempo Comunidade e Tempo Universidade, cada um com seus módulos. Um período na universidade seguido por um período na comunidade de origem do aluno e, por fim, o retorno à universidade para concluir as atividades. Essa licenciatura está presente no campus de Diamantina/MG e os alunos pertencem às cidades e comunidades do entorno. São professores em formação para “ter posição crítica frente às situações educativas, assumindo compromisso com a realidade social

⁸Disponível em: <https://www.cienciaaberta.net/entrevista-ueadsl-contribuindo-com-a-capacidade-de-lidar-com-praticas-de-leitura-e-escrita-socialmente-relevantes/>

contemporânea das populações do campo”, informação presente nos objetivos do curso no site da instituição⁹.

Levando em consideração o contexto descrito, de professores em formação para atuar em comunidades do campo que estão sempre em contato com essas comunidades devido à organização do curso, é importante observar que, diferente das outras licenciaturas, aqui os professores já se formam cientes da realidade a ser enfrentada posteriormente. E essa realidade nem sempre envolve a internet ou a tecnologia de maneira geral, o que não representa um problema, mas acaba se tornando uma questão a ser analisada quando um professor do curso utiliza o UEADSL como uma ferramenta didática para formar os futuros docentes do campo. Verificar como esses sujeitos-autores se posicionam em um artigo que será publicado na web e como interagem no blog do evento é relevante, tendo em vista que, embora campo e web sejam ainda distantes, tendem a se aproximar diante da constante evolução e expansão das tecnologias digitais na contemporaneidade.

A coleta de dados foi realizada na própria página do evento, evitando assim qualquer discrepância com aquilo que foi acessado pelos autores e público durante o UEADSL. Artigos, minicurrículos, comentários no blog e a entrevista do professor foram analisados em grupos separados. Ou seja: primeiro a análise dos minicurrículos (etapa 1); leitura inicial de cada artigo com o objetivo de levantar os trechos do discurso em que o sujeito se constrói e, na falta desses, trechos que expressassem opiniões não referendadas por outros autores na forma de citação (etapa 2); análise semiótica dos trechos selecionados e, a partir dessa, realizar uma classificação considerando-se os resultados mais relevantes no conjunto do corpus (etapa 3); análise dos comentários de todos no blog (etapa 4), e, por último, análise da entrevista (etapa 5).

⁹Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/lec/sobre/objetivos-do-curso/>

O nível narrativo da semiótica francesa ou greimasiana foi utilizado como abordagem teórica para analisar o corpus descrito de modo a evidenciar como os sujeitos se construíram nos discursos analisados. Essa pesquisa tem como metodologia a análise qualitativa (com base na semiótica) e quantitativa (a partir dos resultados da análise qualitativa e outros que possam ser relevantes). O nível narrativo foi analisado a partir da sintaxe (actantes e percursos narrativos) e da semântica (paixão).

A análise semiótica ocorreu exclusivamente na forma como o autor emite um posicionamento. Trechos dos artigos em que o autor se coloca, emitindo opiniões e expressando seu ponto de vista. Já os comentários foram analisados na íntegra para verificação dos tipos de manipulação que acontecem entre os actantes da interação. Nas análises dos artigos e minicurrículos um dos elementos semióticos mais relevantes foi a figurativização, do nível discursivo, que apareceu situando o aluno da licenciatura do campo no contexto geral das universidades, auxiliando na análise da construção do sujeito.

O corpus completo foi coletado no blog do evento¹⁰, que publicou os artigos e foi o local de interação entre os autores, professor responsável por esse conjunto de autores e público em geral; e no site Ciência Aberta¹¹, que divulgou a entrevista com o professor.

São sete trabalhos aprovados para o evento no total, dos dez submetidos pelos alunos da Licenciatura em Educação do Campo, orientados pelo professor Carlos Henrique Silva de Castro. Da turma de 23 alunos, 13 publicaram artigos (individualmente, em dupla ou trio).

Compõem o corpus os artigos *Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso*, de Maurício Teixeira Mendes; *Letramento digital em uma comunidade do campo*, de Maria Nilza Rodrigues dos Santos; *A análise teórica dos letramentos*

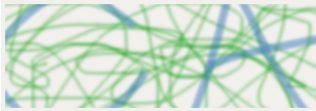
¹⁰Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/>

¹¹Disponível em: <https://www.cienciaaberta.net/entrevista-ueadsl-contribuindo-com-a-capacidade-de-lidar-com-praticas-de-leitura-e-escrita-socialmente-relevantes/>

de famílias da comunidade quilombola de Raiz, de Andreia Ferreira dos Santos e Francine Nilma Perpetuo; *Letramentos do campo, memórias das comunidades Gangorra e Genipapo*, de Maria Karina Oliveira Gonçalves e Kelly Silva Ferreira; *Letramento em uma escola do Campo*, de Flavia Moreira Chaves e Marilene Rosa Dos Santos; *Reflexão sobre letramento campesino*, de Flaciene Ferreira Ribeiro e Daiane Núbia da Cunha; e *HQs e música na aprendizagem e nos letramentos*, de Janaína Dos Santos Ferreira, Flávia Idalina Alves Moreira e Sandra Moreira da Silva. Cada um recebeu uma quantidade variada de comentários. Descartamos apenas os repetidos. Comentários dos próprios autores, do professor e de colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que publicaram no evento ou não, e do restante do público compreenderam essa parte do corpus.

A última parte é a entrevista com o professor, realizada pelo setor de divulgação do CAED, publicada parcialmente no site do CAED¹² e, na íntegra, no site Ciência Aberta (FIGURA 8). A análise da entrevista foi a última para que o discurso do professor não influenciasse a análise do material produzido pelos alunos.

¹²Disponível em: <https://www.ufmg.br/ead/index.php/2017/02/14/professor-da-ufjvm-que-trouxe-turma-de-23-alunos-para-o-ueadsl-20162-comenta-importancia-do-evento/>



Início > [por tendência](#) > [Acesso Aberto](#) > Entrevista: UEADSL contribuindo com a capacidade de lidar com práticas de leitura e escrita socialmente relevantes

Entrevista: UEADSL contribuindo com a capacidade de lidar com práticas de leitura e escrita socialmente relevantes

Publicado em 21 de junho de 2017 por Ana Cristina Fricke Matte — [Seja Você o Primeiro a Comentar!](#) ↓

Em fevereiro deste ano, o Portal de notícias da UFMG [publicou](#) uma entrevista com o Professor Carlos Henrique Silva de Castro sobre sua participação no UEADSL2016.2 com uma turma de alunos da Educação do Campo, da UFVJM. Com a anuência do professor, aproveite o ensejo do UEADSL2017.1 para publicar, dessa vez na íntegra, a entrevista concedida por Carlos Castro. Não sem antes acrescentar uma contextualização, de autoria da professora Thalita Santos Felício de Almeida. Ambos são membros ativos do Grupo Texto Livre.

Contextualização

O UEADSL – Congresso Nacional Universidade, Educação a Distância e Software Livre – Edição 2017/1 começou no dia 19 e vai até sexta, 23 de junho. O evento, que acontece inteiramente online em um blog, consiste em artigos publicados por alunos da graduação e da pós-graduação da UFMG. Os autores estão interagindo, durante essa semana, com colegas de turma, alunos e professores da UFMG, de outras instituições e a comunidade em geral. Quem desejar participar como ouvinte, aqueles que leem os trabalhos e comentam no blog, basta realizar o cadastro, que é gratuito, até o último dia do evento. A participação, mínimo três comentários em posts diferentes, garante um certificado.

Ciência Aberta

Bem vindo ao blog do [grupo de trabalho em Ciência Aberta!](#)

Aqui compartilhamos ações de pesquisadores que estão optando por práticas científicas abertas, orientações para quem queira adotar essas práticas, e indicações para instituições apoiarem-as com infra-estrutura, reconhecimento e políticas. Para contribuir, escreva para blog@cienciaaberta.net

[Editar/Administrar](#)

Canais do grupo:

- [Lista de email](#)
- [Bate-papo](#)
- [Wiki](#)



O conteúdo deste site, salvo indicação em contrário, está licenciado sob a licença [Creative Commons Atribuição](#).

Novidades

- [Comunidade biohacker brasileira é tema de matéria da BBC Brasil](#) 1 de outubro de 2017
- [Publicando sua tese, dissertação ou](#)

FIGURA 8 - Entrevista com o professor publicada no site Ciência Aberta

CAPÍTULO 4: UEADSL, PESQUISAS A RESPEITO E OS ALUNOS DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

A primeira pesquisa que teve como objeto de análise exclusivamente o UEADSL é a dissertação de Lopes (2015). O blog do evento, de cunho educacional, foi analisado com o objetivo de investigar como é a interação dos participantes do evento com esta ferramenta, ou seja, nesse contexto. Para a autora, “faltam metodologias que promovam a interação em ambientes online de forma mais significativa para os estudantes” (2015, p. 14), apesar de existirem muitos recursos, como o Moodle e o Teleduc.

O conceito de blog da pesquisa de Lopes (2015) “aproxima-se do que Ribeiro (2012) classificou como ambiente colaborativo de aprendizagem, isto é, um ambiente online que favorece a reflexão, o compartilhamento de saberes e a interação social por meio da estrutura de um blog.” Sobre as discussões no evento, a autora afirma que

são contextualizadas, sendo desenvolvidas conforme a temática do artigo. E a grande variedade de artigos disponíveis permite ao participante escolher o assunto sobre o qual deseja opinar. Esse formato do evento oferece escolhas ao participante e propõe uma escrita dentro de um propósito comunicacional. A proposta do UEADSL e a escolha do formato blog para o evento, assim, demonstram a relevância, para os criadores, da interação no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes. (Lopes, 2015, p. 59).

Os dados da pesquisa são da segunda edição do UEADSL do ano de 2012, na época a mais recente com dados quantitativos e relatório completos. Dos 83 artigos da edição, a autora selecionou quatro dos mais comentados e suas respectivas discussões no blog.

Lopes (2015), a partir das atividades realizadas em blogs descritas por Richardson (2009), conclui, no caso do UEADSL, que apesar dos autores não

publicarem o conteúdo do artigo direto no blog, uma vez que isso é realizado automaticamente pela organização do evento, “os estudantes têm, no UEADSL, uma experiência de blogueiros, pois escrevem para uma audiência e interagem com ela por meio dos comentários.”

As visitas ao blog são mais intensas durante as edições do evento e menos intensas nos outros períodos. Por serem constantes, a autora afirma que o blog é efetivo como um repositório de artigos, que podem ser localizados por meio de ferramentas de busca. Em contrapartida, a interrupção do diálogo, que termina junto com as edições com o bloqueio do sistema de comentários, pode ter relação com o número inferior de visitas nos períodos que não envolvem o evento. (LOPES, 2015, p. 82).

Quanto à escrita no blog, LOPES (2015, p. 83,84) considera que

Um traço dos blogs reconhecido por diversos autores consiste na modalidade de escrita que a ferramenta propõe, a qual Richardson (2009) conceituou como escrita conectiva. A escrita em blogs (...) tem o papel de conectar as pessoas, estimulando, no processo, a reflexão e a organização das ideias para que, após a publicação, outras escritas surjam a partir da interação com leitores.

Nesse sentido, a autora afirma que na elaboração do artigo e durante a participação no evento os estudantes realizam esse tipo de escrita. Autores escrevem com a consciência de que haverá um público leitor e estabelecem novos diálogos com esse público durante o evento.

As interações nos quatro artigos selecionados foram analisadas segundo o conceito de interação mútua (Primo, 2011) e categorias de interação de Henri (1992). Lopes (2015, p. 116) conclui, após a análise das interações, que os estudantes “compreenderam a situação de interlocução, que estavam participando de uma interação diferente da reativa, que é previsível e programada.” A maior parte dos leitores se posicionou diante dos debates e as expressões utilizadas (minha opinião, acredito que etc) confirmam a percepção

dos estudantes do evento como um espaço para refletir e interagir. Além disso, a autora afirma que os autores utilizaram argumentações autênticas na interação com os leitores e que compreenderam a proposta.

Lopes considera que o evento contribuiu para um debate acadêmico que, mesmo com uma certa obrigatoriedade de participação, tendo em vista que a interação no evento é avaliada na disciplina de produção textual, os estudantes são livres para escolher o que vão ler e comentar, e também para o letramento acadêmico.

Tanto leitores quanto autores, ao discordarem dos argumentos apresentados nos artigos ou nos comentários, assumiram uma atitude de debate acadêmico, de troca de ideias, de defesa de diferentes pontos de vista. Não sabemos a experiência acadêmica anterior desses estudantes, mas podemos inferir que a participação no evento contribuiu para o letramento acadêmico dos participantes.

Nesse ponto, cabem algumas considerações a respeito do contexto dessas interações, o que inclui uma atividade avaliativa na qual os estudantes são convidados a comentar os trabalhos dos colegas. Por outro lado, dentro mesmo da obrigatoriedade, os estudantes têm a opção da escolha, uma vez que a decisão de qual artigo comentar compete a cada um deles. Podemos considerar, portanto, que os estudantes selecionaram os artigos para comentar conforme seus próprios interesses e afinidades temáticas, o que torna ainda mais significativa a participação deles no blog, ao produzir aproximações espontâneas entre os interagentes. (LOPES, 2015, P. 116)

O potencial do UEADSL, discutido por Lopes (2015) em sua pesquisa, foi utilizado na edição seguinte, do segundo semestre de 2016, por um professor que trouxe a sua turma de alunos da Licenciatura em Educação do Campo, um público inédito no evento, como já dito anteriormente. Lopes (2015) não investigou o histórico dos alunos participantes, tendo se concentrado apenas no conteúdo do blog e em dados estatísticos fornecidos pela organização do evento. Provavelmente, devido à quantidade de alunos de cursos variados que integram

o público do evento, foram estudantes de cursos distintos e em fases distintas do curso. No caso desta pesquisa, todos os estudantes pertencem ao mesmo curso e estão no mesmo período, portanto, é interessante contextualizar a origem desses estudantes.

O processo de ingresso desses alunos no curso de Licenciatura em Educação do Campo não utiliza a nota do ENEM. Há uma prova similar ao ENEM, uma redação e uma carta de intenções de próprio punho em que o candidato deve explicitar seu interesse pelo curso levando em conta sua identidade como sujeito do campo, suas experiências nesse formato educacional e o que considera importante para que o direito à Educação do Campo seja promovido.

¹³ Dessa forma, o processo seletivo leva em conta a origem e experiência do aluno, priorizando aqueles que estão no contexto do campo. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva, na rede de ciência e tecnologia disponível, no debate sobre os modelos de desenvolvimento para o Brasil, incluindo o diálogo com os atores sociais nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva do país. (BRASIL, 2002)

São, portanto, futuros docentes que, além de estarem inseridos nesse contexto, passam por um processo formativo que busca resgatar os processos de ensino e aprendizagem oriundos da realidade de cada um, de modo a estabelecer um diálogo com a realidade dos alunos, uma característica incomum em outros cursos de graduação, mesmo os da educação.

¹³Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/copese/licenciatura-em-educacao-do-campo-lec.html>

CAPÍTULO 5: ANÁLISES

A seguir, discutimos os sete artigos, minicurrículos e comentários publicados no UEADSL pelos alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo e a entrevista concedida pelo professor a partir do nível narrativo da semiótica greimasiana. Todos os autores são alunos da habilitação Linguagem e Códigos e participaram do evento por incentivo do professor da disciplina Gêneros Textuais e Discursivos, Carlos Castro, que utilizou as etapas de produção e o congresso em si como uma ferramenta didática.

5. 1 Artigo 1 - Reflexão sobre letramento campesino - Ribeiro e Cunha

O texto¹⁴ foi escrito por alunas do quarto módulo do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da habilitação Linguagem e Códigos, pela UFMG. Ambas tiveram experiências em projetos diferentes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID e apresentam interesses relacionados à vida acadêmica e profissional ligados ao campo, conforme relatam as autoras do artigo aqui analisado em seus minicurrículos escritos para o UEADSL e publicados na programação do evento.

Neste artigo, as autoras analisam uma experiência acadêmica pessoal: o ato de produzir um livro sobre memórias e aprendizagens da comunidade do Capivari, onde vivem, interpretando a produção como uma ferramenta de aprendizagem válida, já que está respaldada nas novas teorias sobre letramento. Como alunas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, foram incentivadas, na disciplina Gêneros Textuais e Discursivos a produzirem esse

¹⁴ Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7672> – Anexo A desta dissertação.

livro, visto por elas como algo positivo no meio acadêmico, por ser uma prática relevante e uma provável atividade com os futuros alunos, e também por fazer recordar momentos pessoais da infância e interpretá-los sob outra perspectiva, mais formal e ligada ao curso.

O processo de recordar e analisar a própria vivência em um artigo acadêmico, produzido para ser divulgado em um evento, mais especificamente o UEADSL, revela dois posicionamentos diferentes, que aparecem de maneira não linear:

1- Autoras: se veem como graduandas, dominam o gênero acadêmico, adotam a terceira pessoa, citam teóricos renomados para analisar e validar a própria experiência no âmbito da universidade como uma prática relevante para o docente do campo. Caracterizam as próprias experiências da infância, por exemplo, os rabiscos e brincadeiras, como práticas importantes no processo de letramento. Valorizam as lutas e dificuldades vivenciadas pela comunidade do campo para ter acesso à educação e incentivam práticas de letramento em contextos diferentes e as brincadeiras, inclusive afirmando que o processo de escrita do livro é uma maneira lúdica de se aprender, mais atrativa para crianças. Consideram o processo de letramento de extrema importância devido ao fato de promover o aprendizado da leitura e da escrita, fundamentais para a obtenção de conhecimentos impostos pela sociedade.

2- Sujeitos do campo: ao escreverem as memórias, resgataram momentos importantes da infância, bons e ruins, envolvendo familiares e pessoas letradas e não letradas da comunidade. Nesses trechos, utilizam a primeira pessoa, se apropriam dessas experiências com prazer. Mostram-se como pessoas vinculadas àquela realidade e orgulhosas desse pertencimento.

Além de transitarem entre os dois posicionamentos descritos acima, revelam uma certa dificuldade em assumir uma postura mais acadêmica, o que pode ser notado pelo registro de opiniões e outros elementos que demonstram

insegurança na produção do artigo. Por exemplo, afirmam, no fim do texto, que deram o seu melhor (p.4) e que, apesar das limitações, esperam ter atingido o objetivo. É digno de nota, também, a explicitação no artigo de que, para elas, a teoria contribuiu para uma melhor percepção da prática.



UeADSL
Universidade, EaD e Software Livre

INÍCIO | SOBRE | INSCREVA-SE | DATAS | TRABALHOS | CERTIFICADOS | DÚVIDAS | Search

TOP POSTS | COLABORE!

← Previous Next →

Reflexão sobre letramento campesino

Posted on 27 de janeiro de 2017 by ueadsl

O presente estudo pretende apresentar benefícios dos resgates das memórias de letramento. Metodologicamente será feito uma reflexão teórica dos processos de letramento da comunidade de Capivari. O objetivo é evidenciar vantagens da leitura e escrita por meio de memórias de letramento incentivando alunos dessa comunidade a serem autores.

Autores: Flaciene Ferreira Ribeiro
Daiane Núbia da Cunha

Leia o [ARTIGO COMPLETO](#) aqui

This entry was posted in [UEADSL 2016/2.o semestre](#) by [ueadsl](#). Bookmark the [permalink](#). [Edit](#)

14 THOUGHTS ON "REFLEXÃO SOBRE LETRAMENTO CAMPESINO"

Lista de Links

- [DATAS IMPORTANTES](#)
- [ENTRAR \(logar\)](#)
- [EVENTOS ANTERIORES](#)
- [Inscrição de "Ouvinte"](#)
- [Menção Honrosa: voto do público](#)
- [NOVO! NOTÍCIAS](#)
- [PROGRAMAÇÃO](#)
- [SALA DO CAFEZINHO](#)
- [SECRETARIA \(chat\)](#)
- [SOBRE NÓS](#)

ORGANIZAÇÃO

Textolivre

Cidade do Textolivre

FIGURA 9 - Artigo 1 no blog

5. 1.1 Comentários no blog

O papel actancial autor, que no artigo é assumido por dois atores (Ribeiro e Cunha), nos comentários é assumido por um ator do nível discursivo, Ribeiro. Tanto é válido o sincretismo notado no artigo que não há referência à ausência da outra autora nos comentários ao artigo, apesar da evidente monopolização do papel por uma delas nesse momento. Ou seja, sem qualquer prejuízo ao texto complexo formado por minicurrículos, publicação e comentários no blog e artigo, apenas uma autora interagiu no blog, respondendo a todos os comentários. Além do professor, seis pessoas diferentes postaram comentários. O professor elogiou o trabalho, destacando seu orgulho ao perceber o processo de reflexão e a aprendizagem alcançada. Ele ressaltou também a percepção da atividade didática (produção do livro memorialístico) como uma prática que merece atenção e é capaz de incentivar a autoria. Com relação aos comentários do professor, de colegas de curso e outros participantes, a autora mostrou-se extremamente grata. Agradeceu o incentivo do professor e afirmou ter cumprido o desafio de participar do evento, se deslocando do papel de autora para o papel de aluna.

Ribeiro destacou a importância da comunidade, a aprendizagem ocorrida em seus espaços informais e os gêneros ali presentes, como o teatro, que é uma tradição. Para ela, o processo de revisitar as memórias foi importante para resgatar os momentos esquecidos e fazê-la destacar alguns deles, não incluídos no artigo devido ao limite de páginas estabelecido pelas normas do evento.

Suas colocações indicam que, para ela, a autoria valorizada não é apenas aquela que a insere no contexto acadêmico, mas uma que, além disso, não discrimina nem minimiza sua identidade com a cultura do campo e suas peculiaridades ao reconhecer que a sua trajetória foi determinante em seu

processo de letramento e é também agora na formação acadêmica como professora.

Elogiou o trabalho da colega de curso (autora de outro artigo no evento) e salientou a vontade de dar o melhor de si como futura educadora do campo de modo a valorizar o contexto no processo de aprendizagem dos alunos e a vontade de participar de outros eventos acadêmicos, sendo essa a primeira publicação e interação em um evento desse formato. Agradeceu a organização do congresso, novamente o professor pelo incentivo e oportunidade de participar de um evento importante de uma universidade que é referência. Enfatizou a importância do trabalho para a vida pessoal e também como futura educadora do campo. Valorizou o trabalho dos colegas citando outro artigo que abordou a tecnologia, leitura que despertou na autora o uso educativo de ferramentas tecnológicas, e não apenas para lazer.

Num momento em que pressupostos teóricos revelados no artigo e na maior parte dos comentários são trazidos de volta numa breve e sutil crítica, ela revelou uma preocupação com a influência negativa das ferramentas tecnológicas na língua e destacou que é importante evitar que isso ocorra, pois é o principal veículo de comunicação. Para a autora, também não devemos permitir que as imposições sociais controlem o ser humano. Nesse sentido, não fica clara qual imposição deve ser evitada, talvez o ato de utilizar a tecnologia apenas para fins recreativos.

5. 1. 2 Análise

Na relação entre professor e alunas, o professor é o destinador, e assume o papel de quem motiva e capacita as autoras para a construção dos textos e

participação no evento. Ele motiva sugerindo e encorajando a participação (são alunas de graduação, aptas a participarem desse tipo de evento, elas podem e é interessante que participem) e capacita com as aulas, sugestão de bibliografia, corrigindo as versões do artigo (dessa forma acreditam e fazem - reflexão, construção do texto, leituras, participação no evento).

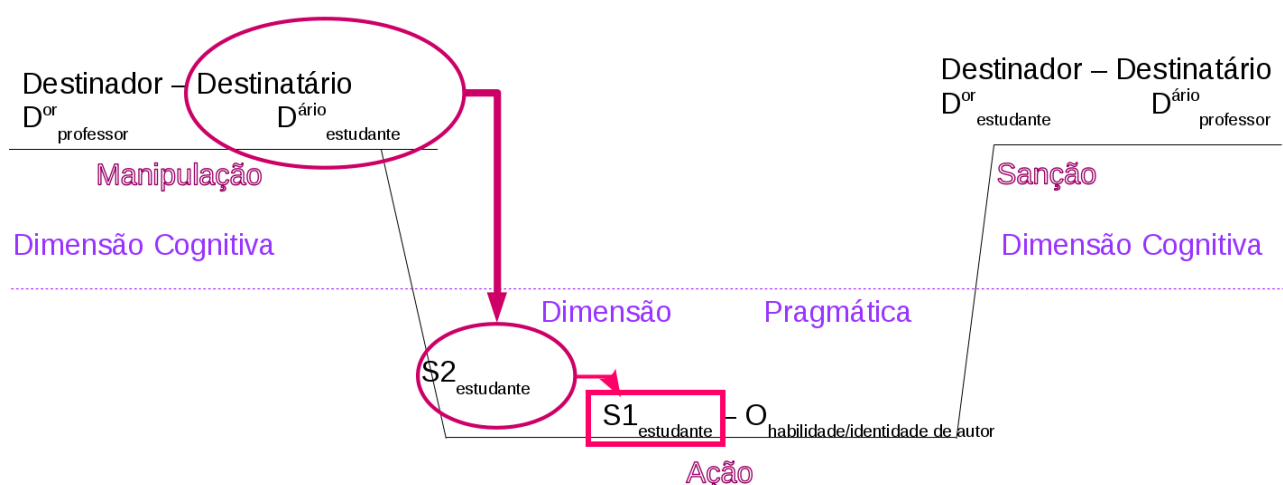


Figura 10: Figura das dimensões Pragmática e Cognitiva da Narrativa¹⁵

São três momentos, manipulação, ação, sanção, que englobam todas as atuações das autoras no evento (minicurriculo, artigo e comentários no blog). O professor é o destinador que faz as autoras (manipulação) participarem do evento (ação) e reconhece positivamente essa participação por meio dos comentários (sanção). Basicamente, todo o processo de avaliação do artigo e do minicurriculo é parte da manipulação, pois é nesse período que o destinador modaliza o destinatário para o fazer (se veem como autoras acadêmicas). A publicação do artigo e dos minicurriculos correspondem à ação. É interessante

¹⁵ As dimensões Pragmática (ação) e Cognitiva (manipulação e sanção) da Narrativa sobre a relação entre professor e estudante no UEADSL, criada por Matte (2017) para a disciplina de Estudos Temáticos do texto e do Discurso Introdução à Semiótica e adaptada para esta dissertação.

mostrar que é uma ação totalmente assíncrona para o público, mas não para o sujeito que escreve o texto, que passa pelo processo todo. Os comentários, no caso desse artigo, correspondem à sanção.

Os comentários de outros atores (colegas de curso) funcionam como um acréscimo da sanção. As autoras foram parabenizadas, tiveram trechos do artigo destacados, discutidos e comentados de maneira positiva. Em um comentário do público, a participante afirma que as autoras amadureceram em relação à própria prática pedagógica e cresceram como estudantes, revelando esse duplo movimento no artigo. O certificado é outro objeto de reconhecimento, e podemos afirmar que ele simboliza o status de autoras acadêmicas como sujeito realizado.

O papel de Destinatário é ocupado pelas próprias autoras que, a partir da motivação e capacitação do professor, cumprem o desafio de refletir, produzir e participar. Como se pode ver na FIGURA 10, esse papel é aqui sincretizado com os papéis de S1 (sujeito da junção) e de S2 (sujeito da transformação).

O Objeto-Valor é o cumprimento do desafio do professor, de elaborar o artigo e participar do evento. Entendemos que o objeto envolve esses produtos e também as transformações conquistadas no processo. Passaram do status de sujeitos do campo e alunas de graduação, para, após o evento, serem, além disso, autoras acadêmicas. Houve um processo de empoderamento no sentido da autoria e também como sujeitos do campo universitários que valorizam a própria cultura e a inserem no meio universitário a partir do livro memorialístico escrito e participando do evento. Se ainda não se viam capazes de cumprir o desafio ou tinham dúvidas sobre isso, essas questões foram diluídas e, mais do que isso, o ser sujeito do campo tornou-se algo mais significativo, mais importante, porque perceberam que o contexto do campo (contexto que é delas, inclusive, e não do campo de maneira geral levando em conta que refletiram sobre o que viveram), também é capaz de letrar, também é rico, também é

validado pela teoria (pertencente à universidade, envolve status ou se enquadrar ao que é acadêmico ou validado pela sociedade). Podemos afirmar que o status de autoras acadêmicas as empoderaram como sujeitos do campo e como universitárias, futuras professoras.

No minicurriculo posicionaram-se de maneira acadêmica. Nele, já tentam construir a identidade ou postura que é desenvolvida no artigo. Nos comentários do blog uma das autoras confirma todas essas questões, identificadas no artigo, ao revelar-se eufórica em momentos mais numerosos quando comparados aos presentes no artigo. Esses momentos eufóricos geralmente são positivos: ligados à satisfação, gratidão, conquista. O único negativo é o comentário sobre a tecnologia, que é vista de maneira negativa por uma das autoras. O empoderamento também envolve sentirem-se capazes de desenvolverem outros trabalhos no mesmo formato, ou seja, o status de autoras não é momentâneo, ao revelarem que essa foi apenas a primeira participação e tem o desejo de participar novamente, e também sentirem-se mais bem capacitadas ou preparadas como professoras, que estão em busca de conhecimento e já dominam e vivenciaram práticas de letramento que merecem discussão, reflexão.

Na Dimensão cognitiva, há uma dupla modalização virtualizante, pelo dever-ser (necessidade) e pelo querer-ser (desejo), o que só reforça o contrato e aumenta a probabilidade de seu cumprimento.

Observa-se aqui que o Destinator-professor consegue manipular o Destinatário-alunas a cumprir um percurso no qual elas, como Sujeito2-alunas, transforma sua relação de S1-alunas com um objeto que transcende o conhecimento, pois é um valor que sobremodaliza o S1 com o "ser" capaz, "ser" digno de pertencer à academia como um todo.

5.1.3 Dimensão pragmática

Para a semiótica, as Paixões são definidas como um percurso (GREIMAS & FONTANILLE, s/d). Nesse percurso, as perturbações, ou emoções, são os momentos em que interagem de maneira mais informal ou menos apropriada para o contexto, levando em conta, principalmente, o artigo. Quando falam sobre o processo de escrita das memórias, das lembranças do processo de letramento vivido no campo. Usam a primeira pessoa, adjetivos, dão opiniões e mostram-se inseguras. Ainda que as opiniões tenham, em determinados momentos, relação com a parte teórica, com a tentativa de explicitar que a prática, por ter fundamentação teórica, é interessante, válida e merece ser reproduzida no contexto escolar, são momentos informais ou que fogem do habitual em um artigo acadêmico. O movimento de construção do artigo pode ser descrito como se assumirem autoras que mesmo inseguras por nunca terem escrito um artigo ou participado de um evento nesse formato, a partir do relato da própria experiência, elaboraram o texto, ora resgatando as memórias, ora refletindo sobre teoria e prática.

Aqui surge uma oposição: enfraquecimento vs. empoderamento, como mostrado na FIGURA 11.

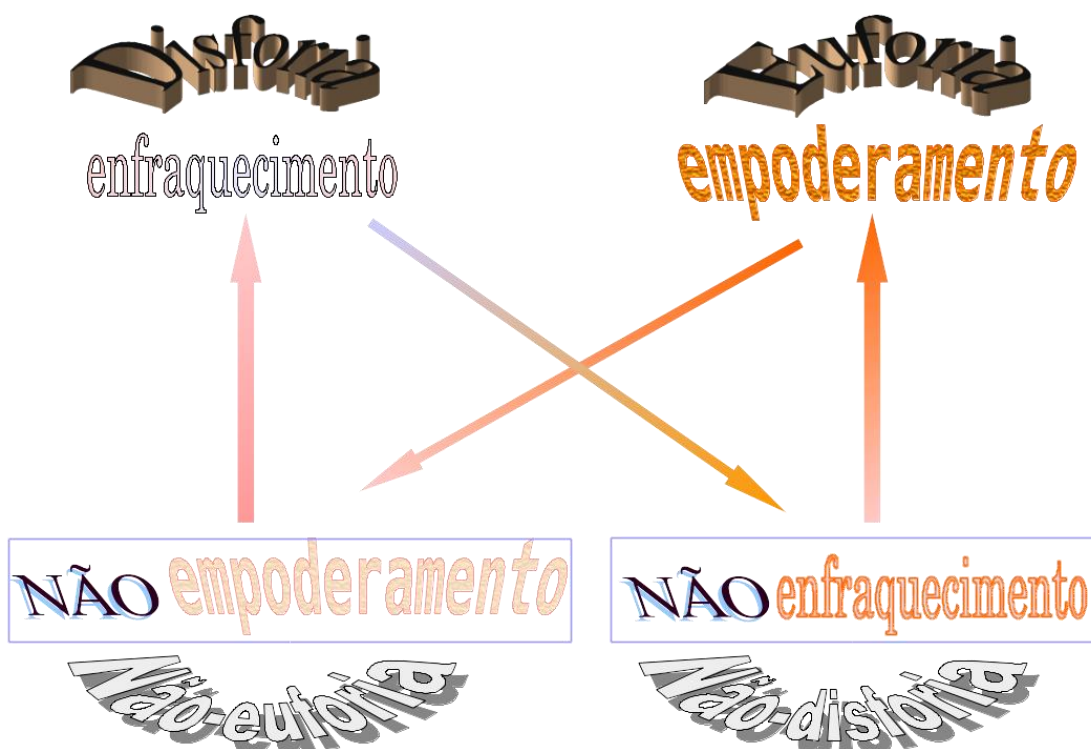


FIGURA 11 - Quadrado semiótico¹⁶

É curioso que, ao determinar para o Nível Fundamental uma oposição de processos e não de núcleo semânticos substantivos, trazemos à tona uma valorização: o processo de enfraquecimento destitui o Sujeito, enquanto o processo de empoderamento o institui. Todas as trocas que pudemos observar aqui possuem como extremo eufórico a instituição do Sujeito, seu empoderamento, enquanto o enfraquecimento é disfórico. Isso revela, dentre outras coisas, que o professor, o curso de Licenciatura em Educação e o próprio evento e as pessoas que o mantém pertencem a esse mesmo quadro de valores.

¹⁶ Enquanto o enfraquecimento, disfórico, causa insegurança, o empoderamento é eufórico ao produzir o sentimento contrário. É importante notar que essa valorização poderia aparecer em posição contrária, em outros textos e contextos, mas aqui repete-se em todas as instâncias da narrativa e da enunciação.

5.2 Artigo 2 - Letramento digital em uma comunidade do campo - Santos

O artigo¹⁷ foi elaborado por Rodrigues, que identifica-se no minicurrículo como graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG. Não há outras informações sobre sua vida acadêmica.



FIGURA 12 - Artigo 2 no blog

No texto, Rodrigues discute o impacto da universidade no campo, que acabou contribuindo para o letramento digital dos graduandos e sua comunidade de origem. O regime de alternância, que promove aos alunos um

¹⁷ Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7676> – Anexo B desta dissertação.

período em suas próprias comunidades e outro período na universidade, dinâmica que dura até o fim do curso, permite aos estudantes um diálogo entre o que aprendem na universidade e o que vivem na comunidade. Apesar da dificuldade em acessar a internet e suas formas de comunicação no campo, os graduandos realizam trabalhos acadêmicos a partir de ferramentas como Facebook e WhatsApp e acabam levando essas formas de se comunicar para a comunidade, o que contribui para o letramento digital de seus habitantes.

A comunidade em estudo, Ilha das Cabras, localizada no município de Rio Pardo de Minas Gerais, é descrita pela autora como ligada ao campesinato, pois todos vivem e trabalham na região, aos movimentos sociais e ao sindicato, todos relacionados ao meio rural. Os jovens, foco do estudo, são estudantes da Licenciatura em Educação do Campo de três universidades federais distintas. Esses jovens universitários foram os responsáveis por organizar e publicar eventos e outras atividades no Facebook e no WhatsApp, o que acabou facilitando a comunicação entre os moradores sobre as atividades locais e também como forma de divulgação para a comunidade externa, atingindo jovens e adultos de até 45 anos.

Rodrigues, a partir de uma citação de Magda Soares, diferencia alfabetização de letramento com o objetivo de encaixar as novas formas de comunicação estabelecidas no campo como práticas que proporcionaram o letramento digital de seus habitantes. Imagens do grupo do WhatsApp e do grupo do Facebook da comunidade, ambos intitulados *Eu amo a Ilha*, foram inseridas no artigo. Para a autora, essas formas de comunicação são importantes, pois facilitam a comunicação entre professores universitários e alunos e contribuem para a preservação e promoção da cultura local; e considera as redes sociais vantajosas para a comunidade, fazendo questão de ressaltar que um estudante da Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM,

também morador da comunidade, foi o responsável por dar início a esse tipo de comunicação, a partir da criação da fanpage.

A autora conclui que os jovens são os protagonistas desse processo de adesão às redes sociais no campo, que culminou no letramento digital para além desse grupo, incluindo também outros membros da comunidade. Esse letramento é interpretado como fundamental, pois permite uma melhora nas relações sociais que podem resultar em desenvolvimento profissional e pessoal.

Por fim, a autora conclui que elaborar o artigo foi uma atividade gratificante, por se tratar da sua própria comunidade, e ao mesmo tempo representou uma dificuldade devido à falta de discussão sobre letramento digital nesse meio. Ela considera que o trabalho alcançou o objetivo esperado e trouxe consigo a possibilidade de novas pesquisas e discussões sobre temas relacionados.

No artigo de Rodrigues, o processo de estudar a própria comunidade em um artigo acadêmico, produzido para ser divulgado no evento, também revela dois posicionamentos diferentes: o de autora e o de sujeito do campo. Porém, diferente do primeiro artigo já analisado, aqui não há uma alternância tão explícita entre esses papéis. Em três páginas e meia das quatro páginas do artigo, a autora se posiciona de maneira predominante como autora, ao utilizar a terceira pessoa para descrever a comunidade, a universidade, os atores da pesquisa, as teorias utilizadas e os fatos ocorridos. Em um dado momento, utiliza a primeira pessoa do plural para informar que, apesar de conhecer o conceito de letramento, o letramento digital, especificamente, ainda é uma novidade, pois envolve o saber interagir no ambiente online, no celular ou computador, algo que habitantes externos ao campo, como artistas, ainda têm dificuldade, pois divulgam imagens pessoais sem querer, o que acaba sendo comentado na TV, segundo a autora. Após esse comentário, volta a afirmar que as redes sociais tem sido vantajosas para o campo. Na conclusão, metade da

última página do artigo, o papel de sujeito do campo ganha destaque. Valoriza o trabalho dos jovens de dar espaço ao letramento digital na comunidade, o que pode gerar melhorias na vida pessoal e profissional dos envolvidos. Ao comentar o que foi gratificante e o que representou uma dificuldade na construção do artigo, assume a primeira pessoa, apoderando-se do êxito (o artigo) e também da dificuldade (letramento digital ainda pouco discutido).

A postura acadêmica é, nesse texto em específico, assumida com mais propriedade. A autora consegue um distanciamento da pesquisa na maior parte do texto, ainda que o tema tenha relação com a própria comunidade. Essa diferença em relação ao primeiro artigo já analisado pode ser justificada pelo conteúdo da pesquisa. No primeiro artigo, o tema são as memórias, já nesse, o tema é o letramento digital, o que talvez facilite esse distanciamento, pois falar do próprio letramento digital é menos pessoal do que falar das próprias memórias.

5. 2.1 Comentários no blog

O papel actancial autor no artigo é assumido pelo mesmo autor nos comentários e no nível discursivo, Rodrigues. A autora interagiu no blog, respondendo a todos os comentários. Além do professor, 10 pessoas diferentes postaram comentários. O professor elogiou o trabalho, destacando a escolha da abordagem, a forma de condução da escrita, a articulação teórica e a exemplificação das práticas dos jovens da comunidade citada. Ele ressaltou também o fato de ser o único texto dos dias destinados aos alunos da UFVJM na programação do UEADSL que discutiu o letramento digital no contexto do campo e desconstruiu preconceitos na relação comunidade rural x novas tecnologias.

Com relação aos comentários do professor, a autora agradeceu e destacou a necessidade de estudar as redes sociais por serem amplamente utilizadas pelos jovens e ganharem um espaço cada vez maior na sociedade.

Quanto às respostas da autora para o público em geral, ela respondeu com um obrigada parte dos comentários, optando por não prolongar as discussões propostas ou os pontos destacados pelo público. Da parte dos comentários respondida de forma mais completa, Rodrigues revela considerar a internet como uma ferramenta benéfica na formação das pessoas, o que ela exemplificou no artigo com a vivência da própria comunidade. Para a autora, quanto mais se utiliza as redes sociais, mais o tema é incluído nos diálogos atuais, nos discursos da sociedade e, portanto, discutir o assunto é fundamental. Ela reconhece que o campo é pouco incluído nos debates sobre o uso das novas tecnologias e a existência do preconceito quanto ao uso da internet no meio rural. O artigo, para Rodrigues, foi uma forma de exemplificar os benefícios da internet nesse ambiente.

Quatro colegas da turma da autora na UFVJM comentaram o artigo, uma evidência de que houve uma promoção do debate entre esses autores. Os colegas Flavia, Sandra e Maurício parabenizaram a autora, destacando a importância da discussão proposta no artigo. Santos, autora do primeiro artigo analisado, parabenizou a autora e reconheceu, a partir da leitura do trabalho de Rodrigues, a utilidade do meio tecnológico para o campo. No entanto, mostrou-se preocupada com a possibilidade desse recurso atrapalhar as pessoas no contato por meio da língua, interpretado por ela como o principal veículo de comunicação (a língua). Ribeiro afirmou não conhecer a comunidade analisada e pediu a opinião da Rodrigues sobre essa preocupação, que não concordou, afirmando que as novas tecnologias e as conversas possibilitadas por elas são positivas e não deixarão de existir, o que, para a autora, não afeta a língua ou no

máximo viabiliza a descoberta de novas palavras, uma parte natural do processo e da existência da fala.

5. 2. 2 Análise

Nesse artigo, a aluna assume a posição de autora acadêmica. Houve um processo de empoderamento. Se ainda não se via capaz de cumprir o desafio ou tinha dúvidas sobre isso, essas questões foram diluídas e, mais do que isso, o ser sujeito do campo tornou-se algo mais significativo, mais importante, porque percebeu que esse sujeito do campo (contexto que é dela, inclusive, e não do campo de maneira geral levando em conta que refletiu sobre a própria comunidade), em contato com a universidade é capaz de contribuir para o desenvolvimento da comunidade. A experiência na faculdade alternada ao período no campo transforma a vida do universitário campesino, que ao mesmo tempo em que se adapta à realidade universitária, ambiente que exige dos estudantes o letramento digital, leva esse aprendizado para a comunidade, letrando também outros moradores, além de proporcionar outros benefícios, como as novas formas de comunicação e de divulgação, por meio das redes sociais, entre os moradores do campo e também para a comunidade externa. O preconceito de que as comunidades rurais não sabem lidar com a tecnologia é quebrado. As relações sociais no campo são ressignificadas nesse processo, pois com o letramento digital houve um desenvolvimento que trouxe benefícios pessoais e profissionais para os influenciados. A autora, durante o artigo, mostra-se capaz de discutir o conceito de letramento, mais familiar, pois já existe no contexto do campo, e o de letramento digital, um conceito novo que a sua comunidade também é capaz de absorver, uma vez que por meio do exemplo dado no artigo, os moradores foram capazes de transformar o próprio meio,

absorvendo também essa prática de letramento. A autora se empoderou como sujeito do campo e como universitária, autora acadêmica e futura professora.

No minicurriculo, posiciona-se de maneira acadêmica, apesar de não dar maiores detalhes sobre essa trajetória. Nos comentários do blog, confirma todas essas questões, identificadas no artigo, ao revelar-se agradecida pelos comentários dos colegas, ser capaz de dialogar sobre os temas apontados pelos colegas quando sentiu necessidade e também de discordar de uma colega de curso, que fez uma provocação relacionada ao aspecto negativo da tecnologia, interpretada como capaz de atrapalhar a comunicação das pessoas por meio da língua. A autora reage, reproduzindo na resposta um raciocínio coerente com o que foi construído no artigo, de que a tecnologia incentiva novas formas de comunicação, capazes de aumentar o vocabulário já existente, e interpretadas como um processo natural da comunicação, que pode ser bem aproveitado pelas pessoas.

De maneira geral assume a posição de autora, ao utilizar a terceira pessoa, mantendo um certo distanciamento e neutralidade a respeito do que é dito. Apenas no final do artigo a autora muda de posição, ao adotar a primeira pessoa, para avaliar como foi o processo de construção do artigo, interpretado como gratificante e ao mesmo tempo difícil. No momento em que a autora faz uma crítica aos artistas, cidadão externos ao campo, que também são capazes de errar no processo de letramento digital, ela também adota a primeira pessoa, nesse caso primeira pessoa do plural, incluindo-se como parte da comunidade do campo que pode criticar quem vive no meio urbano, pois todos estão no processo de aprendizagem, ou seja, o campo não pode ser visto como inferior.

O movimento de construção do texto pode ser descrito como se assumir autora na maior parte do artigo a partir do estudo da própria comunidade, da elaboração do texto, da reflexão sobre os desdobramentos da relação universidade x campo por meio dos exemplos dos sujeitos do campo

universitários, responsáveis pelas transformações. Apenas no fim, como forma de se apropriar da experiência, sai da posição de autora para afirmar-se como sujeito do campo, ou um sujeito do campo que agora recebeu o status de autor. Sujeito que foi empoderado, já que o campo também é capaz de ser letrado digitalmente e fazer um bom uso das novas tecnologias. A presença de uma quantidade menor de momentos eufóricos pode ter relação com o distanciamento que a autora conseguiu estabelecer do tema, letramento digital, diferente do que ocorreu no artigo anterior, em que o tema era as próprias memórias.

Assim como no primeiro artigo, na relação entre professor e aluna, o professor é o destinador, e assume o papel de quem motiva e capacita a autora para a construção do texto e participação no evento. São três momentos, manipulação, ação, sanção, que englobam todas as atuações da autora no evento (minicurriculo, artigo e comentários no blog). O professor é o destinador que faz a autora (manipulação) participar do evento (ação) e reconhece positivamente essa participação por meio dos comentários (sanção). Todo o processo de avaliação do artigo e do minicurriculo é parte da manipulação, pois é nesse período que o destinador modaliza o destinatário para o fazer (se veem como autoras acadêmicas). A publicação do artigo e dos minicurriculos corresponde à ação. Os comentários de outros atores (colegas de curso) funcionam como um acréscimo da sanção. O papel de Destinatário é ocupado pela própria autora que, a partir da motivação e capacitação do professor, cumpre o desafio de refletir, produzir e participar.

Nesse artigo também houve um processo de empoderamento no sentido da autoria e também como sujeito do campo universitário que valoriza a própria cultura e a insere no meio universitário a partir do exemplo de letramento digital da própria comunidade.

O nível fundamental e o programa narrativo desse artigo e dos outros seis analisados nessa dissertação seguem a mesma estrutura, diferenciando-se em momentos específicos, que são descritos em cada análise.

A oposição enfraquecimento vs. empoderamento, presente no primeiro texto, também está presente, porém aqui a autora afirma que a dificuldade vem do seu contexto, da falta de discussão sobre letramento digital no campo, o que não a impediu de discutir o tema, escrever o artigo e debater com os colegas. Ela afirma que o trabalho atingiu o objetivo esperado. A oposição dificuldade x facilidade está relacionada à oposição enfraquecimento x empoderamento.

5. 3 Artigo 3 - A análise teórica dos letramentos de famílias da comunidade de Quilombola de Raiz - Ferreira e Perpetuo

As duas autoras informaram nos minicurrículos que são alunas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM, habilitação Linguagens e Códigos e bolsistas do projeto PIBID - Diversidades. Ferreira atua também como professora no Curso de Formação Agroecológica e Cidadã da UFVJM e se identifica como uma jovem atuante nos movimentos sociais.

No artigo¹⁸, Ferreira e Perpetuo discutem, a partir de pesquisa realizada na própria comunidade Quilombola de Raiz, município de Presidente Kubitschek/MG, as práticas de letramento que ocorrem dentro e fora da escola. Para a elaboração do texto, realizaram uma pesquisa de campo, que incluiu entrevistas com moradores e as autobiografias escritas pelas próprias autoras na disciplina Gêneros Textuais da UFVJM ministrada pelo professor Carlos. O conceito de letramento de Magda Soares foi associado à comunidade para

¹⁸ Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7668> – Anexo C desta dissertação.

validar as práticas ocorridas nesse grupo, como o gênero causo incluindo temas como hinos, leituras bíblicas e histórias contadas pelos mais velhos. Segundo as autoras, as crianças crescem em contato com esses gêneros, pois é comum, à noite, os moradores se juntarem para ouvir as vozes mais experientes. As autoras citam trechos das próprias autobiografias para exemplificar essas práticas e explicam que é por meio dos gêneros presentes no dia a dia que a identidade e a tradição quilombola são reforçadas. Ferreira e Perpetuo criticam os membros que se sentem inferiores por não terem frequentado a escola, pois, segundo elas, os conhecimentos adquiridos ao longo da vida também são valiosos. As escolas da comunidade são criticadas pelas autoras, que não concordam com o fato de não trabalharem no contexto escolar gêneros que valorizem a cultura quilombola, e citam Bakhtin para validar essa posição. Para elas, é importante que a escola também aborde o conhecimento popular, não apenas o científico. A comunidade, a partir de suas práticas, valoriza a cultura e promove o multiletramento dos cidadãos. A fala de uma moradora do campo é citada para reforçar a importância de valorizar os gêneros da comunidade, porque quando as crianças dominam esses gêneros, há a sensação de pertencimento ao grupo. Na conclusão, as autoras afirmam ter sido fácil conduzir o estudo, pois selecionaram os dados para análise e são moradoras da própria comunidade. Elas afirmam ter discutido com a própria comunidade o tema da pesquisa, de modo a incentivar a autovalorização de cada membro, importantes na vida das crianças da comunidade e em seus processos de letramento. A família inicia o processo, que é complementado pela comunidade na interação social.

Ferreira e Perpetuo se posicionam como autoras ao utilizar a terceira pessoa na maior parte do artigo, inclusive quando citam as próprias autobiografias. A primeira pessoa é utilizada majoritariamente na conclusão do texto, quando falam da comunidade de uma maneira mais próxima e se

posicionam também como alunas que tiveram facilidade na realização do estudo e como sujeitos do campo. Assim como na segunda análise, nesse texto não há uma alternância explícita entre esses papéis e a postura acadêmica é assumida com mais propriedade. As autoras conseguem um distanciamento da pesquisa na maior parte do texto, ainda que o tema tenha relação com a própria comunidade e com as próprias autobiografias. Mesmo com um conteúdo bastante pessoal inserido na pesquisa, elas conseguem esse distanciamento.

UeAD SL
Universidade, EaD e Software Livre

INÍCIO | SOBRE | INSCREVA-SE | DATAS | TRABALHOS | CERTIFICADOS | DÚVIDAS | Search

TOP POSTS | COLABORE!

← Previous Next →

A análise teórica dos letramentos de famílias da comunidade quilombola de Raiz

Posted on 27 de janeiro de 2017 by ueadsl

O presente estudo pretende analisar letramentos em gêneros textuais no contexto do campo no Quilombo de Raiz. Serão colhidos dados por meio de entrevistas e, a partir destes, serão analisados gêneros como estórias contadas, Bíblia e hinários. Tratam-se de gêneros de grande valor para os letramentos na comunidade.

Autores: Andreia Ferreira dos Santos
Francine Nilma Perpetuo

Leia o [ARTIGO COMPLETO](#) aqui

This entry was posted in [UEADSL 2016/2.o semestre](#), [Universidade, EAD e Software Livre](#) by [ueadsl](#). Bookmark the [permalink](#). Edit

9 THOUGHTS ON "A ANÁLISE TEÓRICA DOS LETRAMENTOS DE FAMÍLIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE

Lista de Links

- DATAS IMPORTANTES
- ENTRAR (logar)
- EVENTOS ANTERIORES
- Inscrição de "Ouvinte"
- Menção Honrosa: voto do público
- NOVO! NOTÍCIAS
- PROGRAMAÇÃO
- SALA DO CAFEZINHO
- SECRETARIA (chat)
- SOBRE NÓS

ORGANIZAÇÃO

Textolivre

Cidade do Textolivre

FIGURA 13 - Artigo 3 no blog

5.3.1 Comentários no blog

As autoras não responderam os comentários postados no blog do evento, o que pode ser justificado pela dificuldade de acesso à internet na semana do evento. O professor elogiou o trabalho e destacou pontos importantes, como a importância da cultura local no letramento das crianças, o fato dessa constatação ter sido realizada em conjunto com a comunidade, o olhar crítico em relação ao espaço escolar, que não valoriza a tradição quilombola e o fato das autoras não reproduzirem a exclusão que o ensino local promove da cultura quilombola. Cinco colegas de curso postaram comentários elogiando o artigo, principalmente a valorização e o protagonismo da cultura local no tema abordado.

5.3.2 Análise

Aqui também houve o processo de empoderamento como universitárias e autoras, inseridas no ambiente acadêmico e também como sujeitos do campo que, a partir do estudo realizado, validaram por meio da teoria a cultura local, seus gêneros e formas de letramento. Assumiram essa posição de autoras com propriedade ao criticar a maneira com que as escolas da comunidade ignoram os gêneros da cultura quilombola, reafirmando essa posição com a citação de Bakhtin, e como membros da academia capazes de promover uma transformação social no próprio meio quando informaram terem realizado o estudo em conjunto com a comunidade. O tema foi debatido com os moradores. Ser sujeito do campo também foi valorizado, pois, segundo as autoras, a cultura local e suas práticas são mais eficientes no letramento das crianças do que a

própria escola, que optou por ignorar a importância da tradição quilombola no processo de letramento.

As autoras afirmam ter sido fácil conduzir o estudo, pois os dados para análise vieram da própria comunidade, não revelando qualquer dificuldade para o desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, reafirmam o empoderamento e negam o enfraquecimento, uma vez que não assumem dificuldades na pesquisa.

5.4 Artigo 4 - Letramento em uma escola do campo - Chaves e Rosa

Chaves, além de aluna do curso da UFVJM, tem formação técnica em Serviços Públicos pelo PRONATEC e defende uma educação do campo justa e igualitária. Rosa é aluna do curso da UFVJM, e bolsista do PIBID.

As autoras, no texto¹⁹, discutem a alfabetização e o letramento nas escolas do campo a partir de um breve histórico das mudanças ocorridas no sistema educacional campesino e do livro de memórias dos estudantes do campo da UFVJM.

Uma citação da Angela B. Kleiman sobre o processo de ler e escrever na escola, que envolve aceitar as práticas de um grupo social dominante e, conseqüentemente, abandonar as práticas do seu próprio grupo, que até então representavam a forma como esse grupo compreendia o mundo, consta logo na introdução e funciona como um norte para o raciocínio defendido pelas autoras, que mostram-se preocupadas com o domínio das habilidades de leitura, escrita e da fala no ambiente campesino.

¹⁹ Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/2016.2/papers/upload/89.pdf> – Anexo D desta dissertação.

The image shows a screenshot of a blog post on the UeDSL website. At the top left is the logo for 'UeDSL Universidade, EaD e Software Livre'. Below the logo is a navigation menu with links: INÍCIO, SOBRE, INSCREVA-SE, DATAS, TRABALHOS, CERTIFICADOS, DÚVIDAS, and a search bar. Below the navigation menu are links for TOP POSTS and COLABORE!. The main content area features a post titled 'Letramento em uma escola do Campo' by 'ueadsl', dated '27 de janeiro de 2017'. The post text discusses the objective of analyzing literacy practices in a rural school. Below the text are the authors' names: Flavia Moreira Chaves and Marilene Rosa Dos Santos. A link to the full article is provided. To the right is a 'Lista de Links' sidebar with various links like 'DATAS IMPORTANTES', 'ENTRAR (logar)', 'EVENTOS ANTERIORES', etc. At the bottom of the sidebar is a logo for 'Textolivre' and 'Cidade do Textolivre'. At the bottom of the main content area, it says '20 THOUGHTS ON "LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DO CAMPO"'. There is also an 'Edit' button at the bottom right of the post content.

FIGURA 14 - Artigo 4 no blog

O livro de memórias revela as dificuldades dos moradores do campo no acesso à escola, devido à falta de estrutura e material didático adequado. É um ensino visto como precário, com altos níveis de analfabetismo, segundo as autoras, insatisfeitas, visto que a alfabetização é o domínio do conjunto de técnicas para que o indivíduo aprenda a utilizá-las no processo de letramento, conceito citado do livro organizado por Vera M. Ribeiro. Com a precária alfabetização, o letramento no campo acaba sendo prejudicado, uma situação que piora com a mentalidade campesina dos pais que incentivam os filhos a trabalharem, pois, para eles, “ser letrado na roça é besteira”(p. 2), sendo necessário apenas saber assinar o próprio nome. Apesar das dificuldades, os movimentos sociais, que defendem uma educação do campo para todos,

contribuíram para a criação da Escola Família Agrícola (EFA), uma instituição que valoriza o sujeito, sua cultura e defende um currículo adequado à realidade campesina, de acordo com informações citadas do documento que norteia a política educacional do campo. Com base na experiência da colega de sala na UFVJM, Marilene, e em informações do site da EFA Bontempo - Itaobim/MG, as autoras descrevem a metodologia adotada, que envolve a alternância escola x comunidade e contribui para que o conhecimento seja construído em conjunto, o que resulta em um letramento que começa na sala de aula e é compartilhado com a comunidade. Marilene revelou uma diferença entre o ensino das escolas da cidade (Ensino Fundamental) e as EFA's (Ensino Médio), pois a metodologia e os livros mudam. As EFA's promovem aulas práticas direcionadas para as comunidades. Na conclusão, as autoras ressaltam a importância de se discutir e refletir sobre a alfabetização, o letramento, teorias e práticas nas escolas de família agrícola, que buscam um modelo de ensino que melhore os níveis atuais.

O artigo foi escrito predominantemente na primeira pessoa do plural e com uma estrutura em que as autoras explicam mais de uma vez a forma com que o texto foi estruturado (o que foi abordado em cada parte). Apesar de discutirem a alfabetização e o letramento no campo com base na experiência da turma da UFVJM, com foco na colega de turma, e em documentos sobre essa educação, as autoras se posicionam como autoras e sujeitos do campo ao mesmo tempo, pois não houve uma alternância na pessoa do discurso.

5.4.1 Comentários no blog

Chaves e Rosa postaram apenas um comentário cada uma na interação com o público. O professor elogiou a escrita, o desenvolvimento teórico e o

exemplo da EFA. Alegou que o trabalho incentivou a curiosidade em saber mais sobre os processos de letramento dessas instituições e comentou o fato das autoras ressaltarem o regime de alternância dessas escolas e seu impacto na comunidade, uma característica admirável desse sistema, segundo o docente. Na resposta ao professor, Rosa afirmou que a limitação do número de páginas do artigo impediu uma abordagem mais detalhada do tema, e demonstrou interesse em aprofundar seus conhecimentos a respeito das EFA's, que possuem uma metodologia interessante e fazem a diferença na educação do campo, segundo a autora. Chaves, também em resposta ao professor, comentou sobre a produção do artigo ressaltando a importância da metodologia utilizada nas escolas do campo, que valoriza a relação entre a escola e a comunidade, um grande diferencial em relação às instituições da cidade, segundo a autora. Comenta que, apesar das dificuldades nos processos de alfabetização e letramento no campo, há histórias importantes e expectativas dos cidadãos que buscam superar os obstáculos a partir de uma educação de qualidade que seja capaz de contextualizar a realidade campestre. Quatro colegas da UFVJM comentaram o artigo, além de outros participantes do evento.

5.4.2 Análise

No texto, promoveram uma discussão que as validam como autoras ao utilizarem a primeira pessoa do plural, uma característica da linguagem acadêmica/científica. Houve um empoderamento como autoras, por promoverem essa discussão associando teoria à vivência no campo, e também como sujeitos do campo, que discutem a alfabetização e o letramento nesse contexto, realizam um levantamento histórico do processo educacional, e também das mazelas e desafios. O sujeito do campo é visto como capaz de

transformar a própria realidade por meio de movimentos sociais e por meio da educação, visto que os alunos que tiveram a oportunidade de estudar e apresentam uma mentalidade diferente da mentalidade dos pais querem promover uma educação cada vez mais inclusiva. Não há informação que indique de maneira clara se o processo de desenvolvimento da pesquisa e escrita do artigo foi interpretado como fácil ou difícil. Nos comentários do blog, mostraram desenvoltura como autoras e um senso crítico em relação à educação do campo ao refletirem sobre o contexto, suas dificuldades, conquistas e a importância da educação de qualidade para o povo camponês, que sabe superar os obstáculos. O interesse em escrever mais sobre o assunto futuramente pode ser interpretado como uma experiência que foi prazerosa, que despertou a curiosidade.

Nesse artigo, assim como no anterior, há negação do enfraquecimento e o empoderamento é reafirmado.

5.5 Artigo 5 - Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso - Mendes

Mendes informa no minicurriculo que é aluno do curso da UFVJM, bolsista do projeto "Comunidades do campo: conhecendo seus sujeitos, saberes e realidades" (PROEXC) e trabalhador na E. E. de Padre João Afonso (Itamarandiba/MG). Identifica-se como militante pela Educação do Campo e pelos interesses camponeses.

O artigo²⁰ é quase uma autobiografia em que o autor discute as práticas de letramento em sua comunidade, Padre João Afonso, a partir de uma pesquisa de campo e do relato da própria experiência.

Praticamente todo escrito em primeira pessoa, Mendes discute as contribuições negativas e positivas das práticas de letramento que envolvem o gênero textual religioso. Ter sido criado em uma comunidade religiosa influenciou sua leitura de mundo e, mesmo antes de saber escrever, já era influenciado por essa cultura. O autor vê essa experiência sob o viés de Paulo Freire ao considerar que a leitura de mundo ocorre antes da leitura da palavra. Após aprender a ler e tocar violão, as práticas também tinham relação com a religião. Ele considera que seus “primeiros passos na leitura de mundo e da palavra foram a partir de um gênero religioso” (p. 1). Na escola, o gênero também está presente.

O autor destaca a influência negativa desse letramento religioso. Ao entrar para a universidade, houve um embate entre suas crenças e a homossexualidade. Ele, que se considerava machista e preconceituoso, afirma ter vergonha de revelar essa questão e reconhece como esses preconceitos o fizeram mal. A apresentação de um trabalho sobre a teoria Queer, na disciplina Teoria de Currículos e conversas com os colegas homossexuais transformaram sua mentalidade. A partir daí, passou a compreender que ser “diferente” é o “normal” e que “todo ser humano é um estranho ímpar” (p. 3). A teoria o fez questionar a necessidade de banheiros masculinos e femininos, o azul como a cor de meninos e o rosa de meninas. Essa mudança transformou a relação do Mendes com a religião e com a própria comunidade. A cultura machista e etnocêntrica, formada também por influência religiosa, passou a ser vista como um problema em sua cultura. Ele afirma que se Deus e o céu de fato existem,

²⁰ Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7678> – Anexo E desta dissertação.

homossexuais podem ir para o céu e padres e líderes religiosos não, uma vez que “para seguir a Deus deve-se amar ao próximo como a ti mesmo” (p. 3).

Nas visitas às bibliotecas de escolas da comunidade, o autor conclui que apesar da falta de acervos literários, há gêneros textuais presentes que de fato devem estar ali. Ele reconhece que os gêneros que surgem devido à influência tecnológica podem substituir o uso em excesso de gêneros religiosos.

Mendes conclui que embora a riqueza literária da bíblia seja grande, é necessário cuidado na abordagem do gênero, pois ideologias como o machismo podem ser reforçadas. Ele cita o exemplo de uma professora que teve dificuldade para discutir o tema orientação sexual (gênero) em decorrência do posicionamento contrário de outros professores e pais de alunos religiosos. Para o autor, é necessário que a escola dê espaço a outros gêneros ou formas de letramento, como as histórias contadas por pessoas da comunidade e canções ali presentes. Ele reafirma essa necessidade trazendo o argumento de que o Brasil é um país laico.

UeADSL
Universidade, EaD e Software Livre

INÍCIO | SOBRE | INSCREVA-SE | DATAS | TRABALHOS | CERTIFICADOS | DÚVIDAS | Search

TOP POSTS | COLABORE!

← Previous Next →

Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso

Posted on 27 de janeiro de 2017 by ueadsl

O presente estudo pretende analisar a falta de acesso à literatura em uma comunidade do campo que, talvez, o único acesso à leitura sejam textos bíblicos. Serão identificadas quais as práticas de letramentos se fazem presentes na comunidade. Objetiva-se apresentar dados desses letramentos e suas contribuições para a comunidade.

Autores: Mauricio Teixeira Mendes

Leia o [ARTIGO COMPLETO](#) aqui

This entry was posted in [UEADSL 2016/2.o semestre](#) by [ueadsl](#). Bookmark the [permalink](#). [Edit](#)

28 THOUGHTS ON "PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA COMUNIDADE PADRE JOÃO AFONSO"

Lista de Links

- DATAS IMPORTANTES
- ENTRAR (logar)
- EVENTOS ANTERIORES
- Inscrição de "Ouvinte"
- Menção Honrosa: voto do público
- NOVO! NOTÍCIAS
- PROGRAMAÇÃO
- SALA DO CAFEZINHO
- SECRETARIA (chat)
- SOBRE NÓS

ORGANIZAÇÃO

Textolivre

Cidade do Textolivre

FIGURA 15 - Artigo 5 no blog

5.5.1 Comentários no blog

Contando com o comentário do professor, dez pessoas diferentes interagiram com o autor no blog do evento. Dentre eles, muitos colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo. O professor comenta a pertinência dos questionamentos realizados sobre a influência dos gêneros religiosos no letramento e na formação ideológica dos leitores. Afirma parecer ser positiva a presença de gêneros textuais escritos, ainda que sejam religiosos e parabeniza a coragem do autor em partir da própria vivência para questionar a influência da

religião em questões sociais negativas, como o machismo, que está presente na comunidade do próprio autor. Além disso, deseja que os questionamentos realizados inspirem outros. Mendes, em sua resposta, reafirma a riqueza da bíblia e também a necessidade de incluir outros gêneros, presentes na comunidade, no contexto escolar. Considera sua coragem como necessária, pois, para ele, é preciso posicionar-se no período difícil vivenciado no país, de governos “impostores e impositores”, que propagam ideologias sem dialogar com a população. Acredita que a educação é o caminho para uma sociedade liberta e considera necessário usar os espaços disponíveis e expressar opiniões para a construção de uma sociedade “mais justa e libertadora”. Agradece as palavras de incentivo e a ajuda do professor para “chegar até aqui”. O professor responde que o mérito é todo dele e Mendes afirma que sem a ajuda dele não estaria ali e confessa que no próximo ano estará ali novamente. Esse ali pode ser interpretado como o evento, ou como um lugar que ele passou a ocupar após essa transformação provocada pela universidade e pelo seu próprio engajamento em sua formação.

O autor, ao responder comentários de colegas de curso e do público em geral, admite que não é simples assumir ser preconceituoso, pois é algo enraizado na sociedade, e defende a discussão de temas como esse com cautela para evitar reproduzir preconceitos. Defende o emprego de outros gêneros textuais para substituir a bíblia na escola e questiona a necessidade de discutir essas questões, uma vez que o país é laico, ou seja, não era para ser dessa forma. Afirma ser difícil permanecer neutro, pois não há educação ou posicionamento neutro. Defende a não utilização da bíblia para que dúvidas ou falta de preparo não interfiram no processo educacional e reforça a substituição pelos vários gêneros literários presentes nas comunidades. Para ele, a ampliação do conhecimento depende da própria pessoa e dos espaços em que frequenta, seu contexto. Indica que é necessário possibilitar a reflexão dos alunos. As

experiências vivenciadas o ajudaram a pensar novas metodologias para a educação básica. Foi parabenizado pelos colegas do curso, pela discussão acerca do letramento da comunidade em questão e pela desconstrução dos preconceitos. Muitos destacaram sua coragem por expor que era machista.

Afirma perceber a influência negativa da reprodução do sistema e a vontade de ser um educador diferente. Considera-se liberto pela educação, capaz de identificar um “ignorantizado pelo patriarcalismo”, e quer permitir com que seus alunos também vivam essa experiência. Deseja formar sujeitos autônomos, capazes de questionar as organizações e “formas bem comportadas” que são difundidas na sociedade. Confessa ter ficado apreensivo sobre a abordagem do tema. O silêncio das pessoas diante de temas polêmicos ganha força e ajuda na reprodução do sistema, segundo Mendes. Para ele, “valeu todo o esforço” realizado para escrever o trabalho. Defende a educação dialógica, abordada por Paulo Freire, e afirma que somente a partir da troca de experiências e do diálogo o educador pode conhecer a escola e sua realidade a fim de reconhecer seu valor e inseri-lo no contexto escolar. Por fim, comenta a chegada da internet, do celular e de outras tecnologias no campo e o desafio de associá-las aos “saberes culturais e tradicionais na comunidade”.

5.5.2 Análise

O autor evidencia, no artigo, a transformação que a universidade provocou nele mesmo. A convivência com pessoas diferentes, novas formas de pensar, novas culturas e novas teorias o fizeram repensar a influência da religião em sua vida e também na vida dos que são “diferentes”. Houve uma desconstrução, uma quebra de preconceitos em uma mentalidade que foi criada no contexto religioso desde pequena, muito antes de saber ler e escrever. A

universidade transformou o sujeito do campo, que sentiu a necessidade de rever seus conceitos quanto à homossexualidade e quanto ao que é ser diferente. Essa transformação, no entanto, não apagou nele a influência da religião, que foi ressignificada. É curiosa a afirmação “tive que deixar minhas crenças de lado para entender melhor questões de homossexualidade”. Ele viu como uma necessidade compreender os colegas homossexuais, dialogar com aquela nova realidade, adaptar-se àquele meio.

O autor se assume como alguém capaz de contar a própria história e refletir sobre ela levando em conta o contexto universitário. Há uma troca positiva entre os dois ambientes no sentido de que os dois se alteram nesse diálogo. Ele leva as vivências do campo para a faculdade e reflete sobre elas e a faculdade influencia o modo de pensar, sua visão de mundo. A lembrança de que o Brasil é um país laico no fim do artigo marca essa mudança na visão de mundo.

Nos comentários, é interessante notar a maneira como ele valoriza a mudança que a universidade provocou nele mesmo, o fato de “abrir a cabeça”, de aprender a olhar a sociedade e também a própria comunidade com um olhar mais crítico. Revela o desejo de reproduzir com seus alunos a chance encontrada na universidade de ser um sujeito mais crítico. Reafirma a mudança na sua relação com a religião, agora não mais utilizada para julgar de maneira negativa o outro. Afirma que aprendeu a valorizar as diferenças, se empoderando como sujeito do campo e também como autor acadêmico.

A oposição enfraquecimento vs. empoderamento também está presente no discurso de Mendes. O enfraquecimento está mais relacionado ao passado do autor, sua visão de mundo moldada por discursos intolerantes, que foi transformada no ambiente universitário.

5. 6 Artigo 6 - Letramento do campo, memórias das comunidades Gangorra e Genipapo - Gonçalves e Silva

Gonçalves e Silva apresentam-se em seus minicurrículos como graduandas da Licenciatura em Educação do Campo na UFVJM.

No artigo²¹, escrito na primeira pessoa do plural, as autoras propõem a análise da trajetória de letramento dos moradores de suas próprias comunidades. Uma foi responsável por coletar os dados na comunidade da outra por meio de rodas de conversas com moradores entre 15 e 50 anos de idade, sendo alguns analfabetos. Essa ideia da troca, de uma visitar a comunidade da outra, foi uma forma que encontraram de deixar a curiosidade que tinham influenciar no levantamento dos dados, de modo a realizar uma pesquisa mais completa, segundo elas. A visita à uma comunidade que não é familiar foi uma forma de motivar o detalhamento dos processos de letramento que ocorrem no campo, especificamente nas comunidades de Gangorra e Genipapo. A justificativa para a roda de conversa foi promover um encontro informal de modo a incentivar um comportamento informal dos moradores, uma vez que a “linguagem é produzida em ambiente natural” (p. 2). Para justificar, citaram Magda Soares, que considera a produção da linguagem como uma produção também do discurso. A senhora Anunciada, idosa moradora da comunidade de Gangorra, revelou que antigamente o acesso à leitura e à escrita no campo, em especial nas comunidades mais distantes do município, era crítico. O fato de terem dificuldade para proporcionar a escola aos filhos não foi um empecilho, uma vez que, segundo as autoras, a vontade de estudar superava a questão da distância. Mesmo os que não frequentaram a escola com regularidade, aprenderam a ler e a escrever. De acordo com Gonçalves e Silva, a

²¹ Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7887> – Anexo F desta dissertação.

busca pelo letramento individual tem relação com a cultura, com a fé existente nas comunidades rurais. A Senhora Anunciada é um exemplo dessa busca. Com a ajuda de outras moradoras, impediu o término das celebrações dominicais e as da padroeira Santa Luzia, e persiste colaborando nesses eventos. Para justificar esse letramento fora do ambiente escolar, as autoras citam um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa. Nele consta que a participação social tem uma relação estreita com o domínio da língua e cabe à escola garantir a todos o acesso aos conhecimentos necessários para garantir o exercício da cidadania, um direito inalienável.

UeDSL
Universidade, EaD e Software Livre

INÍCIO | SOBRE | INSCREVA-SE | DATAS | TRABALHOS | CERTIFICADOS | DÚVIDAS | Search

TOP POSTS | COLABORE!

← Previous Next →

Letramentos do campo, memórias das comunidades Gangorra e Genipapo

Posted on 3 de fevereiro de 2017 by ueadsl

Baseando na concepção que o letramento é adquirido através da leitura e escrita nas práticas sociais de um grupo ou indivíduo. Neste artigo temos o objetivo de apresentarmos as ações e os fatores que influenciam o letramento em escolas do campo, bem como a influência da família nessa fase. Analisaremos duas trajetórias de letramento, ressaltando as dificuldades e potencialidades vivenciadas no campo.

Autores: Maria Karina Oliveira Gonçalves
Kelly Silva Ferreira

Leia o [NOVO ARTIGO COMPLETO](#) aqui

Leia o [ARTIGO COMPLETO](#) aqui

This entry was posted in [UEADSL 2016/2.o semestre](#) by [ueadsl](#). Bookmark the [permalink](#). [Edit](#)

38 THOUGHTS ON "LETRAMENTOS DO CAMPO, MEMÓRIAS DAS COMUNIDADES GANGORRA E GENIPAPO"

Lista de Links

- [DATAS IMPORTANTES](#)
- [ENTRAR \(logar\)](#)
- [EVENTOS ANTERIORES](#)
- [Inscrição de "Ouvinte"](#)
- [Menção Honrosa: voto do público](#)
- [NOVO! NOTÍCIAS](#)
- [PROGRAMAÇÃO](#)
- [SALA DO CAFEZINHO](#)
- [SECRETARIA \(chat\)](#)
- [SOBRE NÓS](#)

ORGANIZAÇÃO

Textolivre

Cidade do Textolivre

FIGURA 16 - Artigo 6 no blog

Gonçalves e Silva afirmam que, embora a escola seja a responsável por letrar os estudantes, isso pode ocorrer fora dela, a partir de práticas com textos presentes no cotidiano. Trazem no artigo “os sentimentos das pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar e mesmo assim buscaram se alfabetizar, buscaram aprimorar os conhecimentos, pois estes sabem do valor que a língua tem, na interferência que a linguagem tem e causa nas práticas sociais” (p. 3). Com a pesquisa, as autoras relatam ter aprendido que ser letrado não é necessariamente ter “total domínio da escrita e da leitura” (p. 3), pois é possível ser letrado em textos não verbais. Citam Magda Soares para justificar o argumento de letramento como o “conhecimento e o domínio de algo” (p. 3).

Estabelecem uma relação de causa e consequência entre a linguagem e a cultura no sentido de que uma interfere na outra e as mudanças são constantes. Por fim, relatam que os moradores apresentaram dúvidas sobre a língua e a linguagem, e muito interesse em contribuir na pesquisa das autoras. Manifestaram, inclusive, em sua maioria os jovens, o desejo de continuar a pesquisa com outros moradores, se informarem sobre a linguagem dos avós. Gonçalves e Silva afirmam que, por meio do trabalho, aprenderam sobre a visão das comunidades a respeito das linguagens e culturas. Para elas, “muitos que vivenciam o contexto dessas palavras, não conseguem expressar os seus significados através da fala” (p. 4). Consideram pouco o tempo que tiveram para se aprofundar nas linguagens das comunidades e relatam perceber a riqueza e a curiosidade desse tipo de trabalho para os pesquisadores e os facilitadores.

5.6.1 Comentários no blog

O artigo recebeu mais de 30 comentários e as duas autoras estiveram presentes nas discussões. O professor elogiou o artigo. Destacou as reflexões empoderadoras sobre letramentos nas comunidades em questão e a escolha das entrevistas como uma decisão metodológica inteligente, uma vez que a pesquisa envolveu a cultura de duas regiões.

O trabalho foi muito elogiado pelos colegas de curso e por outros ouvintes, que destacaram a abordagem, a metodologia, a escolha das comunidades e a discussão sobre o letramento envolvendo contextos externos à sala de aula. Os últimos comentários postados pelo público não foram respondidos, talvez pela falta de acesso à internet.

As autoras agradeceram os comentários e elogios discutindo as questões destacadas pelos ouvintes. Indicaram, em uma das respostas, a leitura de Magda Soares para aprender sobre práticas sociais e letramentos.

Uma ouvinte questionou a relação estabelecida de causa e consequência entre linguagem e cultura, defendendo que as duas se implicam mutuamente. Uma das autoras concordou e esclareceu, discutindo a relação entre língua e cultura, que ambas sofrem mudanças e se influenciam, destacando uma parte do artigo que complementa esse raciocínio.

5.6.2 Análise

As autoras, a partir da pesquisa e de referências teóricas, validaram e valorizaram os sujeitos envolvidos e as práticas de letramento existentes nas comunidades do campo discutidas, empoderando-se como autoras acadêmicas.

É interessante observar que, nos comentários, discutem com propriedade as questões apontadas pelos colegas e revelam-se muito satisfeitas com a oportunidade de interação no blog e por terem desenvolvido o trabalho. A indicação de leitura de Magda Soares revela o conhecimento e interesse de uma das autoras pela teoria.

Novamente, o enfraquecimento é negado e o empoderamento reafirmado. As autoras não revelaram dificuldades acerca da escrita do artigo ou participação no evento.

5. 7 Artigo 7 - HQ'S e música na aprendizagem e nos letramentos - Ferreira, Moreira e Silva

Ferreira informa que é aluna do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM e sempre foi aluna da escola pública e do campo. É bolsista do PIBID e cita como interesses de estudo os Gêneros Textuais, a Literatura, a Língua Inglesa, os processos de Letramento e de aprendizagem na formação cognitiva dos estudantes. Moreira também identifica-se como aluna da UFVJM. Atua como professora e monitora de Língua Portuguesa na Escola Família Agrícola de Virgem da Lapa/MG e tem como interesse a Língua Portuguesa, a Literatura, os livros e a Pedagogia. Silva não informa no minicurriculo que é aluna da UFVJM. É graduada em Letras pela UNOPAR, já foi professora e monitora de Língua Portuguesa na Escola Família Agrícola de Virgem da Lapa/MG e atua como Técnica da Educação na Secretaria Regional de Educação de Araçuaí. Seus interesses são a Literatura, músicas e língua estrangeira.

As autoras propõem, no artigo²², a análise das influências das histórias em quadrinhos e da música na aprendizagem de estudantes do Ensino Fundamental tendo como base três textos presentes no livro Memórias de letramentos: vozes do campo, produzido pelos alunos da Licenciatura em Educação do Campo em uma das disciplinas do curso. Utilizaram, na maior parte do texto, a terceira pessoa, embora a primeira pessoa do plural também apareça em alguns trechos.

Citam Magda Soares para discutir o conceito de letramento e o definem como “a capacidade que as pessoas têm de lidar com textos em situações sociais”. Ressaltam que o analfabetismo não implica não letramento, e explicam que o letramento envolve a fala, a produção de enunciados. Citam também Bakhtin para contextualizar a questão dos enunciados e a relação com a aquisição da língua materna.

²² Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7885> – Anexo G desta dissertação.

INÍCIO | SOBRE | INSCREVA-SE | DATAS | TRABALHOS | CERTIFICADOS | DÚVIDAS

TOP POSTS | COLABORE!

← Previous Next →

HQs e música na aprendizagem e nos letramentos

Posted on 3 de fevereiro de 2017 by [ueadsl](#)

O presente estudo visa analisar as influências de histórias em quadrinhos e da música na aprendizagem de estudantes no ensino fundamental. Serão analisados textos do livro Memórias de letramentos: vozes do campo produzidos por graduandos da UFVJM. Demonstrar-se-á contribuições que HQ's e músicas trazem para o aprendizado no universo citado.

Autores: Janaina Dos Santos Ferreira
Flávia Idalina Alves Moreira
Sandra Moreira da Silva

Leia o [ARTIGO COMPLETO aqui](#)

Este artigo recebeu Menção Honrosa pela Comissão Científica do UEADSL2016.2



This entry was posted in [UEADSL 2016/2.o semestre](#), [UEADSL2016.2 - Menção Honrosa](#) by [ueadsl](#).
Bookmark the [permalink](#). Edit

75 THOUGHTS ON "HQs E MÚSICA NA APRENDIZAGEM E NOS LETRAMENTOS"

Lista de Links

- [DATAS IMPORTANTES](#)
- [ENTRAR \(logar\)](#)
- [EVENTOS ANTERIORES](#)
- [Inscrição de "Ouvinte"](#)
- [Menção Honrosa: voto do público](#)
- [NOVO! NOTÍCIAS](#)
- [PROGRAMAÇÃO](#)
- [SALA DO CAFEZINHO](#)
- [SECRETARIA \(chat\)](#)
- [SOBRE NÓS](#)

ORGANIZAÇÃO



Cidade do Textolivre



APOIO



FIGURA 17 - Artigo 7 no blog

Sobre a análise dos textos, resgatam exemplos para demonstrar os benefícios da música ambiente como um instrumento pedagógico. Uma professora de ciências ensinava, a partir do canto, sobre as vitaminas e seus benefícios, o que proporcionava um aprendizado prazeroso e interessante, segundo as autoras. As histórias em quadrinhos também são interpretadas como benéficas ao expandirem o universo das crianças com personagens e lugares não familiares. As manifestações de letramento, de acordo com as histórias analisadas pelo trio, são “conduzidas de forma meio leiga” (p. 3). Músicas e histórias permanecem registradas nas memórias das estudantes

autoras do livro. “De uma maneira inocente, ensinavam alguma coisa” (p. 3). Canções educativas também figuraram nas memórias e de maneira lúdica trouxeram ensinamentos. Trechos dos relatos presentes no livro foram citados para exemplificar como desenhos e contos de fadas, que extrapolam o universo das crianças, podem auxiliar no aprendizado. Segundo as autoras, crianças aprendem mais nessas situações. As músicas aparecem em diálogo com a poesia em um dos relatos. Definem a leitura como “um processo constante: para cada novo livro, revista, filme, etc., há uma nova experiência e um novo aprendizado. Leitura é um processo contínuo de desconstrução, construção e renovação. E assim vamos nos formando nos humanizando e nos apoderando de novos letramentos.” (p. 3)

Concluem que histórias em quadrinhos e músicas podem contribuir de maneira significativa para o processo de ensino/aprendizagem. Afirmam a necessidade de que profissionais da educação e linguagem desenvolvam “estratégias pedagógicas eficazes em seus mais variados espaços educacionais” (p. 4). Para elas, ainda há muito o que pesquisar em relação ao letramento. A escrita do artigo foi vista como uma possibilidade de se aprofundarem no tema. Como futuras educadoras do campo, reconhecem a importância de ler e pesquisar sobre os diversos gêneros textuais e discursivos.

5.7.1 Comentários no blog

Esse foi o artigo mais comentado dentre os sete analisados. Foram mais de 70 comentários. O professor elogiou o artigo, destacando o material e metodologia escolhidos oriundo de uma prática social docente com as teorias da enunciação e do letramento. O trabalho foi muito elogiado nos comentários e,

inclusive, recebeu menção honrosa durante o evento. As autoras responderam parte dos comentários recebidos. Alguns participantes questionaram a ausência de testes empíricos para comprovar o processo de letramento por meio de HQ'S e músicas. As autoras responderam que o artigo foi escrito a partir de relatos sobre aprendizagens e que, portanto, não houve teste. Uma delas, inclusive, relata a própria experiência com a música em seu processo de aprendizagem de ciências e geografia, no período em que foi aluna do ensino fundamental, e indica artigos relacionados ao tema. Moreira recorda, em resposta a um dos comentários, que aprendeu a contar os números a partir de uma cantiga, assim como o ouvinte, que passou pelo mesmo processo na infância. Ferreira afirma, em uma das respostas, que o propósito foi “quebrar, construir e desconstruir algo que valorize nosso conhecimento de mundo, e não só aquilo que aprendemos na sala de aula”, e que provavelmente outros artigos serão escritos.

Um participante questiona os critérios de observação e afirma não ter compreendido o artigo devido à falta de informações sobre os recursos utilizados. Ferreira responde que o artigo foi baseado nas experiências dos alunos da Licenciatura em Educação do Campo presentes no livro de memórias produzido na disciplina do curso. Ela complementa que os alunos da Licenciatura são a prova de que as músicas e HQ'S contribuíram para as próprias aprendizagens e que o critério de observação foram as próprias autoras do artigo relatarem as próprias experiências. O participante demonstra interesse pelo livro de memórias e Ferreira afirma que tentará disponibilizá-lo para ele. Outros participantes também demonstraram interesse pelo livro.

Muitos ouvintes lembraram das próprias experiências de letramento a partir de músicas e quadrinhos, descrevendo-as nos comentários. Outro participante faz uma série de críticas em seu comentário sobre questões gramaticais do artigo, estrutura do texto e falta de embasamento nas afirmações, que não conseguiu identificar se foram feitas pelas autoras ou por

outras pessoas. Comenta também que há erros ortográficos. Silva agradece a leitura e as observações realizadas e afirma que realmente constam alguns erros, pois faltou mais atenção na hora da digitação. Ela reforça que as afirmações realizadas no texto são baseadas nas experiências das autoras, informa o nome dos três textos utilizados do livro de memórias, que não foram citados no artigo por desconsiderarem essa necessidade, uma vez que são textos de própria autoria. Destaca que as referências de outros autores, como Bakhtin e Soares, foram devidamente inseridas. Novamente, agradeceu as observações.

As três autoras demonstram, em suas respostas, muita satisfação pela oportunidade de escrever o artigo e discutir as ideias no evento. Uma delas afirma estar muito feliz com a oportunidade de “colocarmos em prática os nossos conhecimentos de mundo, e experimentarmos novos letramentos”.

5.7.2 Análise

Assim como nos outros artigos, há empoderamento como autoras acadêmicas, como sujeitos do campo, como professoras em processo de formação. A escrita oscila entre o uso da terceira pessoa e o da primeira pessoa do plural que aparece nos momentos em que relatam as próprias experiências ou a própria opinião. Tanto no artigo quanto nos comentários o enfraquecimento é negado. Não citaram dificuldades ou outros problemas no corpo do texto ou no diálogo com os participantes no sentido de questionarem a própria capacidade.

Apenas nos comentários desse artigo, diferente do restante, alguns participantes questionaram mais o texto, inclusive apontando falhas e questões

não tão claras. As autoras, assim como nas respostas aos comentários mais positivos, agradeceram os apontamentos, tentaram esclarecer as dúvidas e reconheceram as falhas, promovendo um debate saudável e com respeito.

Embora o livro tenha sido utilizado por outros autores da Licenciatura em Educação do Campo em seus respectivos artigos, foi nesse que recebeu maior atenção e provocou o interesse do público. No diálogo com os participantes, as autoras compartilham suas experiências e leem sobre as experiências do público, não tão diferentes das relatadas, ainda que o público seja bastante variado. Há um reconhecimento entre as diversas vozes que participaram da interação, independente de onde estudaram ou de onde vieram. Reconhecimento no sentido de compartilharem as mesmas experiências de letramento na infância e também como profissionais que compartilham essas práticas, as defendem e valorizam.

5. 8 Análise da entrevista com o professor

Na entrevista²³ concedida à jornalista do CAED durante a edição do evento, o professor Carlos Castro, da UFVJM, explicou sua relação com o UEADSL, iniciada em 2011, e detalhes sobre a participação da sua turma de alunos da Licenciatura em Educação do Campo. Destacamos aqui alguns pontos para refletir sobre o trabalho desenvolvido pelo professor e sua percepção em relação ao desempenho dos alunos no evento.

O docente, ao contar um pouco da história do UEADSL, revela que teve contato com o evento a partir de 2011 na disciplina de produção textual da UFMG, que tinha como um de seus objetivos promover um diálogo entre a

²³ Disponível em: <https://www.cienciaaberta.net/entrevista-ueadsl-contribuindo-com-a-capacidade-de-lidar-com-praticas-de-leitura-e-escrita-socialmente-relevantes/> - Anexo H desta dissertação.

universidade e a comunidade em geral, em que a produção textual ocorresse “em contextos reais, com leitores reais, e feedbacks também reais”. O congresso surgiu para atender essa preocupação, comum entre profissionais da educação e da linguística. Como linguista aplicado, revela acreditar “no propósito funcional da escrita para resultados mais efetivos em termos de letramentos”, e sempre se propõe o “desafio de colocar os estudantes em diálogos reais”. Por já conhecer o evento “e seu potencial para interação, essa decisão não foi difícil”.

Carlos ministra algumas disciplinas da graduação em Licenciatura em Educação do Campo e trouxe para o evento sua turma de 23 alunos do 7º período do curso, composta por moradores de pequenas comunidades rurais dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, nem todas com acesso à internet. Dos 10 trabalhos produzidos individualmente, em dupla ou trio, sete foram selecionados para o evento pelo professor. Os artigos foram resultado de uma “pesquisa de cunho etnográfico promovida pela disciplina Gêneros Textuais e Discursivos”. De acordo com o professor,

o artigo é o passo final de um pequeno projeto que buscou fazer um levantamento das práticas de leitura e escrita das comunidades com foco nas práticas dos próprios estudantes-autores para, enfim, relatá-las. Para tanto, primeiramente, os estudantes fizeram autobiografias de letramentos que foram devidamente orientadas e revisadas, primeiro pelos colegas e depois por mim, e transformadas em um livro artesanal. A partir dessa coletânea de relatos, os estudantes foram encorajados, em uma perspectiva etnográfica, a encontrarem pontos relevantes, como pequenos pontos obscuros ou problemáticos, em seus processos de aprendizagem ou de outros sujeitos de suas comunidades e investigarem tais pontos. O resultado desse trabalho são os artigos apresentados no evento.

Os estudantes puderam optar se analisariam as próprias experiências ou as de outros sujeitos e preferiram se organizar em até três autores, de acordo com as normas do evento. As versões do artigo foram acompanhadas pelo professor e, segundo ele, “a versão final não é uma versão perfeita em termos normativos e

até mesmo metodológicos, mas podem ter certeza que evoluíram muito no processo”.

Alguns alunos se empolgaram, outros ficaram com medo de serem criticados e apenas dois não quiseram participar do evento, segundo o professor. No período em que a entrevista ocorreu, durante o UEADSL, o professor afirmou que os estudantes estavam engajados, relatando as várias aprendizagens ocorridas na apresentação, no debate, na evolução e no desenvolvimento da pesquisa. Nem todas as perguntas postadas pelo público foram respondidas no primeiro dia de discussão dos artigos e um possível motivo, segundo Carlos, é a dificuldade no acesso à internet, uma vez que muitos precisam ir até à cidade mais próxima para acessá-la.

Sobre a contribuição do evento à formação dos alunos, o professor afirma que, além de ser uma oportunidade de participar de um evento acadêmico, oportunidade concedida a poucos estudantes da graduação, o UEADSL contribui para letramentos diversos, ou seja, para a “capacidade de lidar com práticas de leitura e escrita socialmente relevantes”. Para ele, o “debate de ideias com produção argumentativa a partir de uma tese/tema também é uma outra habilidade importante para o profissional de nível superior que estamos formando”, além do trabalho com a escrita acadêmica e o uso de ferramentas digitais. E em uma análise antecipada e parcial, Carlos afirma ser justo elencar essas práticas, mas não se limita a elas devido ao fato de não ter realizado uma avaliação aprofundada dos resultados do evento, visto que o UEADSL ainda estava em andamento.

Essa entrevista revela um docente que buscou, com a participação no evento e com a metodologia adotada em sua disciplina, incentivar e colaborar para o protagonismo dos alunos como sujeitos do campo, universitários, autores e futuros docentes do campo. Houve uma valorização do campo, contexto dos estudantes, ao propor a escrita do livro de memórias e um diálogo entre o

campo e a universidade, representado pela escrita do artigo e pelas discussões no blog, em que ambos foram igualmente reconhecidos. Houve também, uma valorização dos alunos, vistos desde o início como capazes de produzir o artigo e participar do evento, ainda que o acesso restrito a internet e o uso das ferramentas digitais pudessem representar uma dificuldade.

6. CONCLUSÃO

O principal objetivo desta pesquisa foi verificar as diferenças e semelhanças entre o sujeito-autor construído no artigo produzido para o UEADSL e aquele construído durante a interação no blog considerando-se que o primeiro é um sujeito resultado de um trabalho colaborativo entre aluno e professor e o segundo, apesar de também ser resultado desse trabalho colaborativo, é a voz de um sujeito individualizado.

A partir das análises realizadas é possível afirmar que o sujeito-autor construído ao longo do artigo e o construído na interação no blog foram empoderados. Em todos os artigos figura a oposição enfraquecimento vs empoderamento em que o enfraquecimento é representado pelas dificuldades e anseios registrados no corpo do artigo e nos comentários, e o empoderamento é representado pelo status de autores acadêmicos, conquistado ao apresentar o texto no evento e na interação no blog. Os autores oscilaram entre uma postura mais acadêmica, de neutralidade, com posicionamento baseado em teorias e uso da terceira pessoa e outra postura mais informal, dando espaço às suas opiniões e sentimentos acerca do processo de escrita, da participação no evento e da temática dos artigos.

Houve uma mistura dos saberes populares com o conhecimento científico, podendo indicar momentos de transição entre o sujeito visado (o autor acadêmico, o professor formado pela universidade, o estudante universitário como pesquisador em formação) e o sujeito de origem (sujeito do campo, o indivíduo que se vê como futuro professor do campo). Mesmo que esse choque aconteça também em ambientes universitários nos quais a origem do estudante é ignorada em prol da formação de acadêmicos, nesse caso ele é mais evidente, mais fácil de discutir. É possível afirmar que o choque não é privilégio da

educação do campo, mas que ela é um contexto interessante para questionar a validade de uma educação superior que sublima a identidade cultural do estudante para promovê-lo a membro de uma sociedade científica que se crê acima da cultura, fora da cultura e, assim, superior.

A proposta do UEADSL e a primeira participação dos alunos da Licenciatura em Educação do Campo no evento revelam que essa metodologia e ferramenta podem funcionar e serem produtivas para um grupo de docentes em formação distante das oportunidades que envolvem a produção e a discussão de gêneros acadêmicos e, mais do que isso, podem fazer com que esses sujeitos se vejam como autores, protagonistas de sua evolução na formação como educadores do campo, capazes de produzir boas reflexões acerca do contexto em que vivem, sem desmerecê-lo ou diminuí-lo. Pelo contrário, utilizam as teorias trabalhadas no contexto universitário para validar as histórias e experiências no campo, colocando esses dois contextos em uma situação de igualdade, em que um oferece algo de positivo ao outro. Não é uma via de mão única em que apenas a universidade leva o desenvolvimento ou as novidades ao campo.

Os dois elementos com maior destaque, como pudemos constatar na análise, são o campo e a universidade, pois são os dois contextos que refletem diretamente nos sujeitos envolvidos no UEADSL. Comentários, artigos e minicurrículos revelam um pouco sobre essa relação sob o viés dos autores, produtores desses conteúdos. Houve uma troca entre os dois contextos, capaz de transformar a visão dos alunos, a formação e atribuir o status de autores, de universitários empoderados e autônomos, responsáveis pelo curso da própria trajetória.

Tudo isso só foi possível devido à forma como o professor, o evento e a metodologia utilizada atuaram em relação aos alunos, dando espaço para a produção, auxiliando nas etapas, valorizando o contexto dos alunos a partir de

trabalhos que focam nesses contextos, aliando a universidade ao campo sem estabelecer uma relação de oposição ou superioridade. Mesmo quando o professor reconhece, na entrevista, que o trabalho dos alunos não é perfeito em termos normativos e metodológicos, a importância é dada para a evolução, para a certeza de que evoluíram no processo, obtendo sucesso nesse processo de letramento acadêmico, de participação em um contexto real de letramento que, mesmo sendo utilizado como uma forma de avaliação, não ficou restrito a essa função.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mario Luiz Nunes. Caminhos e entraves para o sucesso de fóruns digitais pedagógicos. 2008. 154f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2006.

ARAÚJO JR., C. F. de. *Ambientes virtuais de aprendizagem: comunicação e colaboração na Web 2.0*. In: MARQUESI, S. C. et al. *Interações virtuais*. São Carlos: Editora Clara Luz, 2008.

ARAÚJO, Sinay Santos Silva de. *Cultura Informacional, representações sociais e educação a distância: um estudo de caso da EAD na UFMG*. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - ECI/UFMG. Belo Horizonte, 2011 (dissertação).

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: *Estética da Criação Verbal*. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BANDEIRA, Daniela Perri. *Trajetórias de estudantes universitários de meios populares em busca de letramento digital*. 2009. 272 f. Tese (Doutorado em Educação e Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001a.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2008.

BAZERMAN, Charles. *A escrita como desenvolvimento nas relações interpessoais*. In: *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007. Original publicado em 2001.

BENAKOUCHE, T. *Tecnologia e sociedade: Contra a noção de impacto tecnológico*. Berkeley, 1998.

BRAGA, Denise Bértoli. Práticas Letradas Digitais: *Considerações sobre Possibilidades de Ensino e de Reflexão Social Crítica*. In: ARAÚJO, Júlio César (Org). *Internet & Ensino: Novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 188.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. *As culturas do grupo Texto livre: um estudo de viés etnográfico sob a ótica da complexidade*. 2015. 303f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CNPq. Fazendo divulgação científica. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/divulgacao-cientifica-sobre>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

CONTI, Fátima. *Algumas razões: por que utilizar e ensinar sobre software livre?*. In: ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE, 12. e CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE, 9. Anais. v 4, n.1, 2015. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/8594 >.

COSCARELLI, Carla Viana. *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DOLZ, J., NOVERRAZ, M.; SWNEUWLY, B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. Trad. ROJO, R. e CORDEIRO, G. S. In: SCHNEUWLY, B e DOLZ, J. (orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FORNASIER, Mateus de Oliveira; SCARANTTI, Danielli Regina. *Internet no campo: direitos humanos e políticas públicas de inclusão digital*. Extraprensa: cultura e comunicação na América Latina, São Paulo, volume 10, número 2, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/116050>>. Acesso em 20 out. 2017.

FRANCO, Claudio de Paiva. *A Plataforma Moodle como Alternativa para uma Educação Flexível*. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/revistaeducaonline/vol4_1/3_Moodle_claudio.pdf>. Acesso em: 3 Jun. 2011.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 25 ed. (Coleção Leitura).

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. LIMA, A. D. et. al. São Paulo: Cultrix. s/d.

ILARI, R. *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LARA, G. M. P. (Org.) . *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lucerna/Faculdade de Letras da UFMG, 2006. v. 1.

LARA, G. M. P. ; MATTE, A. C. F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LOPES, Mariana Dutra de Carvalho. *Análise de um ambiente sociotécnico voltado para o ensino/aprendizagem de línguas: o blog do UEADSL*. Disponível em: <<http://ambientes-sociotecnicos.wikispaces.com/file/view/AnAlise+do+ambiente+UEADSL+-+Mariana+Dutra.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

_____. *Interações online na aprendizagem de leitura e produção de textos: um estudo do blog UEADSL*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Programa de Pós-Graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, Belo Horizonte, 2015.

MATTE, A. C. F. (Org.). *Lingua(gem), texto e discurso*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Lucerna / FALE, 2007. v. 2.

_____. *Existe Fala Neutra para a Poesia?*. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 24, 2008.

_____. *O processo semiótico de comunicação: sobre o esquema de comunicação de Ignácio Assis Silva*. In: CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 6, p. 1, 2008.

_____. *Como e porquê dar aulas de semiótica online?* In: Estudos Semióticos, v. 5, p. 1, 2009.

_____. *Análise semiótica da sala de aula no tempo da EAD*. In: Revista Tecnologias na Educação, v. 1, 2009. Disponível em: <http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/index.php>.

_____. *O Professor Livre na Rede: Projeto Aco*. In: ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE, 9. e CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE, 6. Anais. v 1, n.1, 2012. Disponível em: < http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/1936/3551 >.

_____. *Gêneros e Recursos Online: o texto é livre? Oficina de gêneros online*. 1. ed., vol. 1. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

_____. Recursos da disciplina de estudos temáticos Introdução à Semiótica. In: Plataforma Moodle da UFMG, 2017. Acesso em 14 nov. 2017. Acesso restrito em <<https://virtual.ufmg.br/20172/course/view.php?id=2756>>.

MATTE, A. C. F. ; LARA, G. M. P. . *Um panorama da semiótica Greimasiana*. In: Alfa : Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 53, p. 339-350, 2009.

MORAES, Júlia Clatt Lopes Moreira de. *O Moodle na Vida Acadêmica dos Alunos da UFMG*. Disponível em: <<http://www.textolivre.pro.br/blog/?p=185>>. Acesso em: 3 Jun. 2011.

NEPOMUCENO, Marinho. *A entrada da UFMG na oferta de Ensino a Distância*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em educação - FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2012.

SANTANA, Deusimar Angélica. *O uso da Plataforma Moodle na Educação à Distância como forma de Democratizar o Ensino*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/20991/1/O-Uso-da-Plataforma-Moodle-na-Educacao-a-Distancia-como-Forma-de-Democratizar-o-Ensino/pagina1.html>>. Acesso em: 3 Jun. 2011.

SILVA, J. Q. G. Gênero discursivo e tipo textual. In: Scripta 2, n. 4, 9, 1999.

RIBEIRO, Antônio Mendes. *Mudando de conversa com ambientes colaborativos de aprendizado: experiência com oficinas de blogs na Rede de Desenvolvimento de*

Práticas de Ensino Superior - GIZ/UFMG. Revista Docência do Ensino Superior, v. 2, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.

_____. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI. Licenciatura em educação do Campo: Projeto político pedagógico. Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Diamantina, 2014. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/lec/projeto-pedagogico/>>.

WENGER, Etienne; McDERMOTT, Richard; SNYDER, William M. *Cultivating Communities of Practice*. Boston: Harvard Business School Press, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – Reflexão sobre letramento campesino

Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7672>

ARTIGO - REFLEXÃO SOBRE LETRAMENTO CAMPESINO

Flaciene Ferreira Ribeiro¹, Daiane Núbia da Cunha¹

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Resumo – O presente estudo pretende apresentar benefícios dos resgates das memórias de letramento. Metodologicamente será feita uma reflexão teórica dos processos de letramento da comunidade de Capivari. O objetivo é evidenciar vantagens da leitura e escrita por meio de memórias de letramento incentivando alunos dessa comunidade a serem autores.

Palavras-chave: Letramento. Memórias. Aprendizado.

Introdução

O presente trabalho tem como ponto de partida uma abordagem teórica sobre alfabetização e letramentos no processo de Aprendizagem. Este artigo foi construído por discentes do quarto módulo do curso de Licenciatura Educação do Campo, da habilitação de Linguagens e Códigos, a partir de uma proposta da disciplina de Gêneros Textuais e Discursivos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) de se construir um livro sobre os letramentos da turma e refletir sobre eles. *Memórias de Letramento* foi um livro educativo, feito em sala, sobre memórias e aprendizagens, com várias vozes de sujeitos campesinos, trazendo experiências de letramentos do campo, práticas relevantes para a educação da comunidade de Capivari. Foi enriquecedor poder relembrar como foram os nossos primeiros contatos com os gêneros textuais na nossa infância, as brincadeiras, as dificuldades e principalmente as histórias contadas, ora pelas pessoas mais velhas da comunidade, ora por amigos e familiares letrados ou não.

A construção do livro também foi de muita importância por nos propiciar, como futuros educadores do campo, trabalhos educativos sobre o processo de letramento com os alunos de escolas do campo. A finalidade desse livro foi fazer uma relação de letramento, em que possa contribuir com nosso aprendizado e também com nossos futuros alunos, uma possível ferramenta de trabalho a partir de memórias de aprendizados.

Letramento

Para Soares, “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (2001, p.18). Nesse contexto, o letramento não depende unicamente da escrita e da leitura, mas de várias outras práticas, incluindo também os primeiros rabiscos. Tais rabiscos, relatados no livro, já são considerados como processo de letramento, pois desde que nascemos, cada dia que passa, estamos em buscas de novos conhecimentos. Então consideramos que esse processo é contínuo e que influencia as pessoas a buscar conhecimentos básicos e viver em uma sociedade letrada. Para que isso se torne possível, precisamos da escola para transformar esses conhecimentos informais em conhecimentos formais. Letramento é um processo que contribui para envolver a criança na cultura escrita e oral, criando ponte de possibilidades para a participação em experiências variadas e diversificadas com a escrita e a leitura do mundo. E não somente isso também para obter conhecimentos que a sociedade impõe. Segundo os PCN,

[o] domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p.15).

Nesse contexto, a citação traz que antes da criança aprender a ler, já traz em seu currículo uma bagagem cognitiva, em que tem uma capacidade própria, a linguagem materna. As memórias referem-se à realidade campesina, às lutas e às dificuldades, que os sujeitos que as relatam, tiveram e ainda têm na busca pelo conhecimento. Antigamente as pessoas tinham contato com diferentes gêneros textuais, mas não tinham conhecimento disso. É o caso dos telegramas que recebiam, ou programas de rádios que ouviam. O citado livro, objeto construído pelos estudantes aqui em estudo, traz também memórias de dificuldades, que encontravam para ter acesso à educação, como ter que levantar, bem de madrugada, para ter acesso à escola. Às vezes, tinham que correr para igrejas para protegerem-se da chuva que chegava a destelhar a sala de aula. As memórias também ajudam as crianças a serem autores de seu próprio conhecimento e, com isso, a motivá-las para que eles se aproximem cada vez mais da leitura e escrita. De acordo com Jolibert e Sraiki (2008, p. 54), ler e escrever:

[é] se engajar num processo dinâmico de construção cognitiva, ligado à necessidade de agir, no qual a afetividade e as relações exercem simultaneamente o papel de motores que estimulam e

exigem. Trata-se de um processo no qual o indivíduo se encontra envolvido por inteiro, em função de seus desejos, de suas necessidades e de seus projetos. Todo ato de leitura e de produção de escritos é singular. O sentido do texto lido ou produzido resulta da relação única entre uma pessoa única (o leitor e o produtor). Um aluno ao produzir seu próprio texto através de sua memória e realidade passa a ter o pertencimento de sua produção e identidade enquanto campesino, podendo valorizar sua cultura e variedade linguística.

Contribuição para o aprendizado

O trabalho do livro, citado anteriormente, tem como aprendizado uma das maneiras possíveis para interação com as pessoas e com o meio social. Pois ele relata que a aprendizagem se dá por meio de brincadeiras, músicas, leituras, e outras ferramentas que estão disponíveis no meio social em que se vive. Ou seja: esses gêneros textuais não são apenas um Passa-Tempo, uma distração, mas sim uma ferramenta de aprendizagem de uma forma divertida que fazem com que as crianças não fiquem dispersos sem interesse. Esse contato com os gêneros textuais ajuda também aquelas crianças com dificuldades e defasagens, pois é brincando que uma criança se diverte, imaginam e constroem valiosos conhecimentos em sua trajetória de vida. De acordo com Saltini é preciso:

[...] encorajar a criança a descobrir e inventar, sem ensinar ou dar conceitos prontos. A resposta pronta só deve ser dada quando a pergunta da criança focaliza um ato social arbitrário (funções do objeto cotidiano). Manter-se atento à série de descobertas que as crianças vão fazendo, dando-lhes o máximo de possibilidades para isso. Dar atenção a cada uma delas, encorajando-as a construir e a se conhecer. Dar maior incentivo à pergunta que à resposta. Sempre buscando no grupo a resposta o professor procurará sistematizar e coordenar as ideias emergentes. A relação que se estabelece com o grupo como um todo e a pessoal com cada criança é diferenciada em todos os seus aspectos quantitativos e cognitivos respeitando-se a maturidade de seu pensamento e a individualidade. [...] (1997, p.90)

No entanto, é evidente que a criança deve ser estimulada na construção de conhecimento levando em conta que cada criança tem sua diferença e especificidade em cada fase do seu desenvolvimento. Acreditamos que as crianças aprendem brincando de acordo com sua realidade, que é assim que começa a perceber o mundo letrado que as rodeiam. Para que o professor possibilite aprendizagem aos estudantes, ele também deve sempre buscar novos conhecimentos de práticas letradas em contextos diferentes.

Conclusão

Por meio deste artigo, tivemos a oportunidade de fazer uma reflexão teórica sobre memórias e letramento da nossa comunidade que está inserida no campo. Este trabalho nos fez perceber as memórias de letramento, em percepções de maneiras diferentes de ensinar que se propõe a ideologia, de que ele está inserido apenas em contexto formais de aprendizado. Apesar das limitações, fizemos o melhor que conseguimos e esperamos termos atingido o esperado. Além disso, observamos que vivenciar na prática os conteúdos teóricos, possibilita que façamos uma análise bem melhor, pois vivenciamos a teoria e a prática.

Referências

- BRASIL, Secretaria de educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- JOLIBERT, Josette; SRAIKI, Christine. *Caminhos para aprender a ler e escrever*. São Paulo: Contexto, 2008.
- SALTINI, Cláudio. J. P. *Afetividade & inteligência*. Rio de Janeiro: DPA, 1997. P.90.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

COMENTÁRIOS - 14 THOUGHTS ON "REFLEXÃO SOBRE LETRAMENTO CAMPESINO"

[Graziele Aparecida de Jesus on 6 de fevereiro de 2017 at 13:27 said:](#)

Caras colegas gostaria de parabeniza-las pelas colocações sobre a produção do livro memória de letramentos da disciplina cursada por vocês na habilitação de Linguagens e códigos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM.

Gostaria de destacar a fala de vocês com relação ao conhecimento científico, que vocês trouxeram para a comunidade de Capivari, como forma de entender melhor como tem funcionado o letramento nesta comunidade.

Através deste artigo fica mais claro conseguir entender que o conhecimento com relação ao letramento é contínuo e que ele está presente em nossa vida o tempo todo. Além disso destaco a fala de vocês com relação a importância do letramento para vocês, bem como para as demais crianças, constituindo assim o que já propõe o desenvolvimento humano.

Tive o prazer de contribuir com vocês na construção deste artigo e apesar de ser da Habilitação de Ciências da Natureza creio que estas trocas de conhecimento são importantíssimas para um trabalho de pesquisa ação que valoriza os conhe-

cimentos dos sujeitos da comunidade, uma vez que também sou moradora da comunidade de Capivari.

No mais acreditem sempre que é possível superar os seus medos, bem representado pela seleção do artigo de vocês para o congresso online.

Parabéns a vocês e ao docente Carlos Henrique.

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 23:09 said:

O texto traz uma reflexão muito interessante sobre os processos de letramentos no contexto da comunidade camponesa de Capivari a partir de relatos memorialísticos que compõem um livro feito por estudantes de educação do campo. É interessante notar que as autoras veem a atividade didática como provocadora de reflexão, como exemplo de atividade a ser replicada e como incentivadora da autoria. Tenho certeza que qualquer professor que tivesse orientado tal atividade estaria orgulhoso de notar o alcance, em termos de reflexão e a consequente aprendizagem, que o trabalho alcançou.

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 18:59 said:

Obrigado Carlos pelo comentário e pelo incentivo devo isso a você foi meu primeiro trabalho desse tipo e estou muito feliz de ter alcançado o pedido e como moradora e futura educadora do campo pretendo fazer a diferença em minha comunidade.

mariana-dutra on 9 de fevereiro de 2017 at 19:03 said:

Olá, autoras!

Muito interessante o artigo de vocês. Fui lendo e percebendo um duplo movimento, porque ora vocês demonstram um amadurecimento com relação à prática pedagógica e ora revelam um crescimento pessoal como estudantes.

Refletindo especificamente sobre os gêneros textuais, percebi uma espiral de experiências porque trata-se de um artigo que relata a produção de um livro sobre as memórias que envolvem rabiscos, narrativas orais, telegramas e até programas de rádio. Entre tantos gêneros, há a produção e o compartilhamento de conhecimentos formais e informais e acho fundamental esse reconhecimento dos espaços informais de conhecimento. Afinal, a escola é apenas um dos lugares em que a aprendizagem é possível, não é?

Por fim, como vocês disseram, fica latente que o conhecimento teórico aprimora a percepção da realidade prática.

Parabéns pelo trabalho!

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:24 said:

sim, aqui na comunidade valorizamos muito também os espaços informais sobretudo temos vários gêneros que não foram citados por vocês e falta de espaço

e um bem importante é o teatro que temos na comunidade que vem sendo passado desde antigamente de geração para geração.

obrigada pelo comentário esse é o meu primeiro trabalho desse tipo, espero poder participar de outros.

Vanilsa on 10 de fevereiro de 2017 at 16:01 said:

Ótimo artigo, parabéns às autoras. Vejo a riqueza de detalhes ao descrever a forma de letramento e alfabetização das crianças, que tem ligação com o vínculo familiar. É importante abordar esse fato, pois mostra o quanto o meio social em que está inserido o sujeito influencia no seu letramento, a criança começa estudar já desenvolvida cognitivamente, através das brincadeiras e outras interações. Vejo que a produção deste artigo contribui também para auto-reflexão das autoras, que por vez, participaram deste tipo de letramento e aprendizagem na comunidade, Capivari, em que residem.

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:28 said:

esse trabalho foi muito importante para mim, me fez recordar de coisas que as vezes deixamos esquecidas e que são super importantes em nossas vidas.

flaviachaves99@gmail.com on 11 de fevereiro de 2017 at 12:17 said:

Parabéns as autoras do texto.

Pude perceber que o texto traz uma importante reflexão acerca dos processos de letramento no contexto da comunidade de vocês, isso é muito importante, pois mostra o quanto as comunidades camponesas tem a nos ensinar. isso é notável ao ver no texto de vocês a relação dos processos de letramento e alfabetização estão ligadas com a aprendizagem que as famílias passam para seus filhos, e nesse contexto vocês também trazem sobre suas experiências de letramento e a importância que tudo isso tem tanto a vida pessoal como para a acadêmica, nesse sentido nota-se que o meio a qual estamos inseridos sempre pode e nos oferece um aparato de riquezas com relação ao nosso letramento e futuras aprendizagens.

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:31 said:

obrigada meninas olha que me faltou espaço de colocar mais coisas, como a época em que eu estudava as vezes as escolas eram destelhadas pela chuva e que fazíamos das igrejas uma escola.

Marilene Rosa Dos Santos on 13 de fevereiro de 2017 at 21:23 said:

Parabéns meninas, conseguiram trazer com esse artigo conhecimentos muito importante sobre o letramento, deixando claro que há várias possibilidades de

aplicar o letramento, que a bagagem de letramento que cada um carrega e fundamental ser valorizado!

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:34 said:

obrigada o seu trabalho também estava bem bacana em que me despertou ainda mais vontade de conhecer uma EFA.

Joycek on 14 de fevereiro de 2017 at 16:12 said:

O artigo das autoras está sensacional, além da reflexão que o texto nos leva, o trabalho instiga a pensar como o processo de letramento condizente com as realidades de cada um é de suma importância e sobretudo valorizar o que a comunidade pode fazer e tem a oferecer. Parabéns pelo trabalho desenvolvido e pelo incentivo dados aos alunos. É sem dúvidas um trabalho gratificante.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:37 said:

mesmo, e como futura educadora do campo pretendo dar o melhor de mim para valorizar o contexto campo na aprendizagem dos alunos.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:51 said:

Agradeço as pessoas que promoveram esse evento e principalmente ao professor Carlos, por nos ter incentivado e ter nos dado essa oportunidade, de estarmos participando de um evento tão importante em uma universidade com grande referência. Esse trabalho foi muito valioso em minha vida pessoal quanto futura educadora do campo, pretendo com gosto replicar essas atividades em minha comunidade de acordo com nossa realidade, também me embasando em outros trabalhos dos meus colegas que achei super interessante, um exemplo é trabalho sobre as tecnologias em que na minha comunidade só é usada em momentos como perda de tempo, gostei da ideia de trazer pra minha comunidade de forma que também possa ser educativo, mas sempre incentivando que não deixe que as tecnologias atrapalhem a nossa língua e a nossa linguagem e que a língua ainda continua sendo o nosso principal veículo de comunicação e não deixarmos sermos controlados pelo que a sociedade impõe.

o brigado a todos pela contribuição em meu aprendizado.

ANEXO B – Letramento digital em uma comunidade do campo

Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7676>

ARTIGO - LETRAMENTO DIGITAL EM UMA COMUNIDADE DO CAMPO

Maria Nilza Rodrigues dos Santos¹

1 Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri/ nilzarpm@gmail.com

Resumo – Este texto aborda relevantes benefícios quanto ao uso da internet pelo público jovem na comunidade de Ilha das Cabras. Esta pesquisa está relacionada a estudos sobre como trabalhos acadêmicos são elaborados por estudantes da UFVJM residentes na comunidade e sobre como utilizam das redes sociais.

Palavras-chave: trabalhos acadêmicos, letramento digital, comunidade do campo.

1. Introdução:

Para a elaboração deste trabalho, foi escolhida uma pequena comunidade chamada Ilhas das Cabras; que está localizada na área rural do município de Rio Pardo de Minas, Minas Gerais. A localidade é habitada por pessoas que possuem forte ligação com o campesinato, pois vivem e trabalham na terra; além disso, possuem ligações com movimentos sociais como a Associação de Agricultores de Ilhas das Cabras e com o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e Assalariados de Rio Pardo de Minas. Com isso, pode-se destacar a importância de alguns jovens do local serem estudantes da Licenciatura em Educação do Campo em três diferentes universidades federais diferentes do estado.

Esses jovens graduandos estão em um curso no qual o ensino possui vínculo com o campo que lhes permite alternar seus estudos passando um tempo nas cidades onde estão situadas as respectivas Universidades – o Tempo Universidade – e um tempo em suas localidades – o Tempo Comunidade - onde permanecem com seus estudos em diálogo com a comunidade. Dessa maneira, dedicam-se à faculdade por meio da pedagogia da alternância. É a dinâmica de como os universitários estabelecem contatos entre eles próprios para a elaboração dos trabalhos e como fazem a interligação com a universidade que é uma das duas justificativas para este estudo, pois, se tratando de ser uma localidade do meio rural, o acesso à comunicação por meio da internet tende sempre a ser mais difícil do que nas cidades. A outra justificativa está no estudo de como esses jovens transmitem à comunidade um pouco do letramento digital adquirido com a elaboração de atividades acadêmicas e a dificuldade da não totalidade

nessa transmissão. Este tipo de letramento diz respeito a habilidades com as novas tecnologias de comunicação e ainda a seguir neste texto será discutido sobre este conceito.

2. Dos Fatos

As constantes e inúmeras transformações que acontecem na nossa sociedade impactam de maneiras diversas as nossas vidas; principalmente as transformações tecnológicas e científicas. Essas mudanças refletem na maneira como nos comunicamos, vivemos, trabalhamos e aprendemos; elas desestabilizam, reformam ou tornam praticamente esquecidas práticas rotineiras da nossa vida como, por exemplo, o gênero carta que tanto já foi utilizado e vem sendo substituído pelas mensagens instantâneas de e-mails, redes sociais, telefone e demais meios digitais possíveis de se efetivar a comunicação que antes era feito pela carta.

No que diz respeito à comunidade em estudo pode-se entender que também ela não ficou livre dessas mudanças que hora têm trazido benefícios para a localidade. Os universitários da comunidade “movimentam” o local, pois organizam e publicam eventos, convites e registro das atividades em uma página do *Facebook*²⁴. Essa *fanpage* leva o nome da própria localidade e bem como um grupo: “*Eu amo a Ilha*” que foi criado no *WhastApp*²⁵, facilitam a comunicação entre a própria comunidade, acerca, sobretudo, das atividades locais, e com sujeitos externos que vêm interagir com os moradores. Os usuários desses meios são jovens e adultos com idade até os 45 anos que praticam a leitura e a escrita, práticas sociais que possibilitam para seus letramentos. Como diz Soares:

[...] a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (2001, p.36).

Percebe-se na afirmação da autora uma que existe uma grande diferença entre ser alfabetizado e ser letrado. A interação dos usuários no *WhastApp* e da *fanpage* da comunidade é também parte do processo de usar socialmente a leitura e a escrita. Nesse sentido entende-se dizer que também favorece ao letramento do sujeito.

²⁴ <www.facebook.com.br>

²⁵ Aplicativo de troca de mensagens (escritas, áudios, imagens) instantâneas por meio do *smartphone*.

Nas imagens a seguir, vemos como os jovens interagem para a elaboração de seus trabalhos.



Figura 1: Telas das interações no WhatsApp e no Facebook

Na fotografia da página da comunidade no *Facebook*, à direita da FIG.1, nota-se a importância na divulgação das festividades e de se promover a preservação da cultura local. Mostra também a interligação feita pelos professores com seus alunos.

Como sabemos o letramento que sempre conhecíamos é o letramento a partir da leitura, escrita e produção de textos e demais gêneros que não seja o letramento digital. Segundo Xavier;

Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (2002, p.2)

O letramento digital ainda é uma novidade até para algumas pessoas com outros tipos de letramentos. Ser letrado digitalmente significa muito mais que saber ler e escrever; significa saber interagir com o ambiente virtual, seja por meios propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*, em plataformas como e-mail, redes sociais na web, entre outras. É comum vermos acontecendo até mesmo com artistas famosos se enganarem e fazerem sem querer divulgações de fotos pessoais na internet e os comentários a respeito disso não tem sido raro nos programas de televisão, por exemplo. Na comunidade a interação social entre os próprios moradores e a divulgação das atividades locais por meio de redes sociais; começou com a presença das univer-

sidades na localidade e foi dado início com a criação *fanpage* criada por uma moradora local; estudante do curso da LEC/UFVJM. Isto está mostrando-se vantajoso principalmente devido à promoção da harmonia da comunidade, suas festividades, encontros de amigos, celebrações e a possibilidade na colaboração aos estudantes por terem mais facilidades em se organizarem para os trabalhos e a exposição dos mesmos.

3. Conclusão

A falta de acesso à internet torna, muitas vezes, difícil a vida de pessoas que não são letradas digitalmente, por diversos fatores, como a falta de recursos ou de estímulo ao uso. Por não saberem interagir com o mundo digital, não estabelecem mais relações sociais que poderiam trazer melhorias para a vida profissional e pessoal. Nesse sentido, o trabalho dos jovens na comunidade tem dado mais este espaço ao letramento digital na comunidade. Escrever este texto foi algo gratificante ainda por se tratar da minha localidade mais, também foi algo dificultoso devido o entendimento sobre letramento digital não ser comumente discutido, mas, alcançou-se neste trabalho o objetivo esperado, embora, ainda ser uma questão que possui temas para serem pesquisados e discutidos.

4. Referências

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 36.

XAVIER, A. C. dos S. *Letramento digital e ensino*. 2002. Núcleo de Estudos de Hiper-texto e tecnologia Educacional- NEHTE. Disponível em:<<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>> Acesso: 20 out.2016.

COMENTÁRIOS - 38 THOUGHTS ON “LETRAMENTO DIGITAL EM UMA COMUNIDADE DO CAMPO”

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 22:59 said:

Dentre os textos dos autores da UFVJM, este é o único que traz a questão do letramento digital no contexto do campo. Parabéns à autora pela escolha da abordagem e pela forma como conduziu sua escrita. Ela é feliz na articulação teórica de dois autores de renome na área e na exemplificação da teoria por meio das práticas dos jovens de Ilha das Cabras. Excelente contribuição!

Ma on 10 de fevereiro de 2017 at 23:55 said:

Obrigada!

Sim, especialmente entre o público jovem a internet tem sido meio de letramento digital, porém, é amplamente e não restrito torna-se tão comum o uso de redes sociais o que faz entender a necessidade de se estudar sobre o assunto.

Ma on 11 de fevereiro de 2017 at 0:28 said:

Sim!

* Especialmente entre o público jovem a internet tem sido meio de letramento digital, porém, não somente aos jovens. É amplamente e não restrito tornando-se tão comum o uso e uso das redes sociais o que faz entender a necessidade de estudar sobre o assunto, pois, é um que tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade.

Carlos Castro on 7 de fevereiro de 2017 at 21:06 said:

Parabenizo à autora pela escolha da temática do letramento digital e pela forma como conduziu sua escrita. Trata-se do único texto dos dois últimos dias que reúne os autores da Educação do Campo da Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri que trata a relação com os textos neste viés e desconstrói preconceitos relacionados às comunidades rurais e ao uso das novas tecnologias. Adicionalmente, a autora é feliz na articulação teórica e na exemplificação das práticas dos jovens de Ilha das Cabras no meio digital.

Vanilza on 10 de fevereiro de 2017 at 15:00 said:

Parabéns à autora Maria Nilza.

Vejo que, a análise realizada pela autora através da sua realidade local traz perspectivas fundamentais para a compreensão do “letramento digital”, que, na sua comunidade, tem a contribuição do uso de ferramentas interativas ligadas à internet. Como sabemos atualmente a vivência e cotidiano das pessoas se baseiam pelo contato através de redes sociais, o que é tido por vezes, como algo negativo e empobrecedor. Mas a autora quebra este conceito ao descrever com seu olhar crítico a realidade da sua comunidade quanto ao uso da internet como algo que beneficia e contribui no processo formativo dos seus moradores.

Ma on 10 de fevereiro de 2017 at 23:51 said:

Obrigada!

Sim, podemos ter essa percepção do a internet é um meio formativo para as pessoas e como percebe-se no artigo maneiras de como é benéfica.

Ma on 11 de fevereiro de 2017 at 0:06 said:

Sim! Realmente, a internet tem sido cada vez mais um meio formativo para as pessoas. E se tratando de uso da internet pode se perceber o quanto mais amplo

é o uso das redes sociais e nesse artigo percebe-se o quanto este tema é almente incluído nos diálogos atuais.

Obrigada!

Ma on 11 de fevereiro de 2017 at 0:08 said:

Sim! Obrigada.

Ma on 11 de fevereiro de 2017 at 0:15 said:

O uso da internet como meio formativo tem sido cada vez mais amplo. E o acesso a internet para o uso das redes sociais tem sido almente incluído nos discursos da sociedade; assim, tratar esse assunto torna-se necessidade e este artigo vem trabalhar esse tema numa comunidade rural; e por ser o campo pouco se é comentado quando se diz sobre novas tecnologias e o uso delas.

flaviachaves99@gmail.com on 10 de fevereiro de 2017 at 19:18 said:

Parabenizo a autora Maria Nilza pela produção do trabalho. O trabalho em destaque contextualiza bem os processos de letramento digital no contexto do campo, pois atualmente vivemos em um mundo globalizada que requer que toda a população tenha acesso as informações, deixando de lado o prepotente preconceito de que quem tem acesso a internet e aos meios comunicativos são as pessoas que vive na zona urbana. nesse sentido, é muito importante e interessante, uma vez que o campo sempre foi estigmatizado e visto com olhar preconceituoso, com isso o uso digital nos processos de letramento mostra o quanto o campo vem crescendo e buscando por melhorias e uma educação de qualidade para aqueles que ali vivem quebrando os preconceitos e tabus com relação a vida no campo.

Ma on 10 de fevereiro de 2017 at 23:58 said:

Agradecimentos!

Sim, muitas vezes existe o preconceito quanto a possibilidade de acesso a internet no meio rural ou o uso dela. Este artigo mostra um pouco dessa possibilidade e benefícios do uso da internet numa comunidade do campo.

Marcio Ronei on 11 de fevereiro de 2017 at 20:17 said:

Olá, Maria Nilza, tudo bem? Grata surpresa a que você trouxe sobre a comunidade da Ilha das Cabras. Muito bacana saber que a distância física dos

“centros” não é impedimento para que as pessoas tenham acesso e divulguem informação e conhecimento. Os benefícios da tecnologia digital devem, sim, chegar ao maior número possível de pessoas. E penso que isso favorece, inclusive, a troca de culturas, minimizando a distância física e cultural entre localidades ou, ainda, fazendo com que essas distâncias não sejam compreendidas como “problemas”. Abraço!

Ma on 15 de fevereiro de 2017 at 23:59 said:

Obrigada! Abraços.

sandrasilva on 13 de fevereiro de 2017 at 8:46 said:

Olá, Maria Nilza!

Achei oportuno você trazer questões relacionadas ao uso da Internet em uma comunidade pequena. Através do seu texto, percebe-se que o uso sensato deste recurso propicia benefícios para os jovens universitários e demais da região. Em dias em que muitas pessoas fazem mal uso das tecnologias como, por exemplo, usar a Internet para disseminar o que é negativo e, muitas vezes, depravado, é satisfatório ver que têm pessoas destacando o que há de melhor em suas comunidades e criando mecanismos para fazer isso.

Parabéns pelo artigo!

Ma on 15 de fevereiro de 2017 at 23:59 said:

Obrigada!

Geralda Schyra on 13 de fevereiro de 2017 at 21:45 said:

Parabéns Maria Nilza pelo artigo.

Quando falamos sobre letramento sempre pensamos em alfabetização e os outros tipos de letramentos quase não são mencionados.

Você abordou muito bem o letramento digital e como ocorre em outros territórios e não apenas nos grandes centros urbanos.

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:00 said:

Obrigada!

Geralda Schyra on 13 de fevereiro de 2017 at 21:54 said:

Olá Maria Nilza,

Seu artigo sobre os letramentos é muito bom. Quando se fala em letramento nos lembramos de alfabetização e você sobre abordar o tema de forma clara e didática.

Parabéns!

Joycek on 14 de fevereiro de 2017 at 16:06 said:

O artigo da autora, nos faz refletir sobre diversas perspectivas, entretanto a principal diz respeito aos benefícios da internet para os jovens, com isso a autora desconstrói diversos preconceitos e paradigmas. De fato a internet pode ser um espaço para a alfabetização e formação dos sujeitos. Parabéns pelo trabalho informativo e dinâmico.

mariana-dutra on 14 de fevereiro de 2017 at 18:33 said:

Oi, Maria Nilza!

Gostei muito do seu trabalho. Ficou muito claro, pra mim, o valor da pedagogia da alternância na formação de professores para educação no campo. Se vocês, graduandos, fossem para outra cidade passar quatro anos e depois retornassem às suas comunidades com certeza os resultados seriam outros, né?

Também me chamou a atenção a fala da Magda Soares sobre as práticas sociais de leitura e de escrita. No seu relato isso ficou muito evidente. As pessoas da comunidade não estão usando a internet aleatoriamente, há um propósito nesse uso e ele promove muitas novas experiências.

Parabéns pelo trabalho e pela atuação na Ilha das Cabras!

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:00 said:

Obrigada!

mauricioedocampo@gmail.com on 14 de fevereiro de 2017 at 20:47 said:

Muito bom colega.

Realmente estamos em uma era digital e desafiadora. Há escolas que se afastam ou ignoram a tecnologia digital, apenas proíbem o uso das novas tecnologias sem discuti-las, isto é um retrocesso.

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 13:33 said:

Parabéns Maria Nilza!

O tema é oportuno para diversas reflexões, e você ao longo o texto aborda explicitamente cada ponto relevante do letramento digital, além de mostrar os benefícios da tecnologia na vida das pessoas de sua comunidade e o projeto no qual você desenvolve.

Ler o seu Artigo me fez compreender ainda mais o Conceito " Letramento", o quão abrangente e desafiador ele pode ser, mais essencial para a nossa formação quanto futuros educadores do CAMPO!

Abraços.

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:21 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade fazer com que esse meio tecnológico se torne útil e educativo, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação.

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:00 said:

Obrigada!

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 19:52 said:

Interessante o seu trabalho, como esse meio tecnológico se torna útil para a comunidade, mas mesmo assim tenho um pouco de preocupação com isso, o quanto esse meio atrapalha as pessoas a terem contato através da língua sendo ela o principal meio de comunicação. Como não conheço essa comunidade pode me dizer o que acha sobre essa questão?

mas mesmo assim ótimo trabalho e boa iniciativa para que esse meio se torne útil e educador.

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 19:59 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade fazer com que esse meio tecnológico se torne útil e educativo, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação.

um abraço

Flaciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:02 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade fazer com que esse meio tecnológico se torne útil e educativo, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação.

um abraço

um abraço

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:06 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade fazer com que esse meio tecnológico se torne útil e educativo, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:14 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade fazer com que esse meio tecnológico se torne útil e educativo, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação.

parabéns pelo trabalho

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:19 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade de ilha das cabras por fazer com que esse meio tecnológico se torne útil e educativo, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação.

belo trabalho

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:08 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade de ilha das cabras em fazer com que esse meio tecnológico se torne uma ferramenta útil e educativo para a comunidade, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação, será que não atrapalha um pouco?

abraços

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:01 said:

Obrigada!

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:15 said:

Não! Muitas outras outras tecnologias virão e logicamente e possivelmente as conversas não deixaram de existir, com isso, pode se dizer que não afetará a língua e no máximo uma uma descoberta de uma palavra nova, isso, como parte natural do processo e da existência da fala.

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:16 said:

*positivamente ao invés de possivelmente.

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:21 said:

*haverá inclusões ao invés de “no máximo”.

Claudia Ribeiro Rodrigues on 15 de fevereiro de 2017 at 22:20 said:

O artigo mostra que o letramento digital é uma necessidade independentemente da região em que se encontre. Com o advento e propagação das novas tecnologias, a internet chegou às zonas rurais e é preciso que as escolas cumpram o papel de conduzir a população dessas áreas ao letramento digital. Obrigada por compartilhar conosco seu texto!

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:02 said:

?

ANEXO C – A análise teórica dos letramentos de famílias da comunidade Quilombola de Raiz

Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7668>

ARTIGO - A ANÁLISE TEÓRICA DOS LETRAMENTOS DE FAMÍLIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE RAIZ

Andreia Ferreira dos Santos¹, Francine Nilma Perpetuo¹.

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Resumo: *O presente estudo pretende analisar letramentos em gêneros textuais no contexto do campo no Quilombo de Raiz. Serão colhidos dados por meio de entrevistas e, a partir destes, serão analisados gêneros como estórias contadas, Bíblia e hinários. Tratam-se de gêneros de grande valor para os letramentos na comunidade.*

Palavras-chave: *Gêneros textuais. Letramentos. Comunidade quilombola.*

Introdução

Para a elaboração deste artigo, foi realizado uma pesquisa de campo e entrevistas com alguns moradores da Comunidade Quilombola de Raiz no Município de Presidente Kubitschek/MG. Para a análise dos letramentos, foram usadas, também, algumas autobiografias produzidas na disciplina de Gêneros textuais, do curso Licenciatura em Educação do Campo (LEC), habilitação Linguagens e Código, ministrada no segundo semestre de 2016. Como os textos foram produzidos pelos próprios autores deste artigo, decidimos utilizá-las na análise sem a necessidade de um pedido de autorização.

Práticas de letramentos na Comunidade Quilombola de Raiz

“Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p. 18). A partir dessa reflexão, entende-se que letramento não é apenas o fato de ensinar a ler e a escrever, mas é também criar meios para que o indivíduo seja capaz de se inserir de modo mais participativo nas práticas escritas da nossa sociedade que, hoje, pode ser considerada letrada.

Com base nos tipos de letramentos encontrados na comunidade, destacam-se as habilidades com o gênero causa – ou estórias contadas principalmente pelos mais velhos – que são, sobretudo, leituras ligadas às práticas religiosas como a

leitura e o canto de hinos e a leitura da Bíblia. Isso acontece porque as crianças, desde o nascimento, já vão à igreja com os seus pais, onde iniciam letramentos ligados à leitura e à cantiga de hinos e à leitura e discussão da Bíblia. Assim, quando aprendem as primeiras palavras, via de regra, já aparece o interesse por ler e decorar os versículos do livro considerado sagrado pelos cristãos.

As histórias contadas quase sempre pelos mais velhos é uma forma utilizada para repassar as memórias da comunidade, os conhecimentos culturais, religiosos, princípios e valores. É muito comum, à noite, antes de dormir, as crianças e demais moradores do lar se juntarem para ouvir as histórias como se pode ver no relato de Andreia Ferreira dos Santos, no livro *Memórias de Letramento: Vozes do Campo*²⁶: “Todas as noites meu tio Bené ia até a casa de minha avó ler histórias ou contar contos. Para mim era a melhor hora do dia” .

Esse gênero, história oral ou caso, também é usado quando a comunidade se junta para as comemorações que ocorrem na comunidade. As crianças participam ativamente de todas as atividades e fazem pergunta. Muitas vezes, reproduzem os gêneros textuais que ouviram, uma forma de guardar as memórias. Esse gênero é visto como de grande importância para os moradores, pois, com ele, se retrata a história da origem da comunidade reforçando a identidade quilombola para que as crianças cresçam contando e conhecendo suas próprias raízes.

Os pais e avós das crianças e dos jovens pouco frequentaram a escola, mas possuem letramentos variados e incentivam os seus filhos a estudarem. Para se qualificarem, usam, às vezes, termos como “tradicionais”, o que os inferioriza na medida que se referem à falta de oportunidade de estudar. Esquecem-se que possuem conhecimentos valiosos adquiridos ao longo da vida que podem ser observados em trecho de relato presente na biografia de Francine Nilma Perpetuo, do já citado livro produzido pelos estudantes da LEC:

[...] hoje percebo que tive uma grande motivação da parte de meus pais que sempre se mostraram muito felizes e sempre incentivam a mim e meus irmãos. Lembro-me de uma fala que meu pai sempre dizia pra gente “vocês tem que estudar aproveitar a oportunidade que eu e sua mãe não tivemos” [...].

As crianças da comunidade vão para a escola aos quatro anos de idade e iniciam seus estudos formais com alguns gêneros textuais verbais e não-verbais. As escolas mais próximas ficam na cidade de Presidente Kubitscheck, onde alguns estudam na Escola Municipal Nossa Senhora das Dores do 1º ao 5º ano do ensi-

²⁶ Livro escrito pelos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo em fase de edição.

no fundamental e depois vão para a Escola Estadual Pio XII, onde estudam do 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. As escolas não trabalham nenhum gênero específico para valorizar a cultura quilombola, de acordo com relatos dos moradores do quilombo. Essa postura das escolas para a comunidade é vista como um descaso. De acordo com Bakhtin:

(...) os gêneros constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. (1992, p. 274)

Como se pode ver na fala de Bakhtin, existem várias possibilidades de inserir a cultura quilombola no currículo escolar. Essa deficiência da escola, que é considerada o segundo lar dos alunos, é preocupante, pois os pais esperam que os filhos sejam letrados, também, com conhecimentos populares e não apenas com o científico.

A comunidade, por sua vez, cumpre bem o seu papel na valorização da cultura. Nela, há vários grupos que colaboram nesse sentido, como o de teatro formado pelos jovens que usam as histórias contadas pelos mais velhos e as transformam em textos escritos e, depois, em peças de teatro. Há, ainda, o grupo da igreja que usa os hinários para estudar música e a Bíblia para recitar versículos. Tratam-se de gêneros com um papel importante nesses grupos e na comunidade, pois promovem uma valiosa troca de conhecimento levando a um multiletramento. Foi feita uma entrevista com Alba Janaina Perpetuo²⁷, a partir de seu conhecimento sobre os letramentos locais como se vê no trecho a seguir:

Sou mãe de uma criança de três anos de idade e percebo que ele possui certa dificuldade de interagir até mesmo dentro do grupo familiar. Mas quando estamos participando de algumas atividades desses grupos, ele se interage com todos, canta, dança, conversa. Vejo como estes grupos são importantes não só para mim, mas para todos da comunidade assim as nossas crianças saberão o valor da nossa cultura. (PERPETUO, 2016).

Nota-se no relato a valorização dos gêneros presentes na comunidade, como este texto defende.

Conclusão

²⁷ A entrevistada autorizou a publicação de seu relato.

A partir dos dados analisados e por pertencermos a essa comunidade, a condução do estudo foi fácil. O tema foi apresentado em reunião, onde as pessoas da comunidade contribuíram de forma participativa, com perguntas. Daí, tiramos o trecho citado anteriormente. Então, construímos juntamente os conceitos a partir do conhecimento prévio que eles tinham. Levando a muitos deles a valorização do seu próprio eu, pois perceberam que fizeram e ainda fazem parte de um momento muito importante na vida das crianças da comunidade, que é o início de seus letramentos.

Concluimos que as crianças da comunidade têm o início de seus letramentos ligado ao modo de vida que inclui a ida para escola bem cedo, quando já conhecem um pouco do alfabeto e dominam um pouco de alguns gêneros textuais e conseguem escrever seus próprios nomes. A família possui um papel muito importante no início do letramento que recebe o complemento dos demais grupos presentes na comunidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PERPETUO, Alba Janaina **[Entrevista para o artigo]** Raiz, 31/09/2016. Entrevista concedida a Andreia Ferreira Francine Nilma.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COMENTÁRIOS - 9 THOUGHTS ON “A ANÁLISE TEÓRICA DOS LETRAMENTOS DE FAMÍLIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE RAIZ”

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 23:01 said:

O maior mérito do texto das autoras é mostrar como as culturas locais, especialmente o contato com o texto escrito por meio de hinários e da Bíblia, contribuem para os letramentos das crianças. Para além de notarem e relatarem essa contribuição, fiquei satisfeito em ver, já nas conclusões, que essas constatações foram construídas em conjunto com a comunidade quilombola. O olhar crítico das autoras também atinge a escola e constata, infelizmente, que essas culturas locais, ligadas à questão quilombola, não são valorizadas no espaço escolar. No que se refere à forma do texto, creio que o leitor ficaria mais satisfeito em saber dessa reunião antes das conclusões. No que se refere aos resultados alcançados pelo trabalho desenvolvido, parece que as educadoras do campo em formação, autoras do artigo, não incorrerão no mesmo erro detectado nos métodos utili-

zados no ensino local no que se refere ao trato com os gêneros textuais que contribuem para os letramentos dessas crianças quilombolas.

Vanilsa on 10 de fevereiro de 2017 at 14:01 said:

Parabéns as autoras pelo artigo. Percebo através da análise feita na comunidade quilombola de Raíz, a importância da cultura e religiosidade na formação e letramento dos seus moradores. Muitos destes não tiveram oportunidade de frequentar à escola, mas têm contribuído com o letramento das crianças, de forma oral, através das histórias e causos contados. As falas apresentadas no artigo revelam a riqueza da cultura da comunidade, que é preservada pelos moradores como forma de valorizar a sua identidade.

flaviachaves99@gmail.com on 10 de fevereiro de 2017 at 21:33 said:

Em primeiro lugar parabeno as autoras Andreia e Francine pelo trabalho e pela iniciativa de pontuar no mesmo sobre sua cultura local. O trabalho abordo bem algo muito comum nas comunidades tradicionais, em que se usa muito a bíblia e os ensinamentos religiosos que contribui muito para os processos de letramento das crianças e principalmente levando em conta a cultural local da comunidade que é quilombola. Com isso, podemos constatar que na comunidade quilombola de Raiz os moradores prezam muito a importância da cultura e da religiosidade na formação dos que ali vivem, levando a prática do letramento por meio das histórias, causos e dentre outros aspectos citados no texto para contribuir no processo de letramento dos moradores preservando e valorizando a cultura e identidade dos povos tradicionais que reside na comunidade.

sandrasilva on 14 de fevereiro de 2017 at 11:28 said:

Olá, meninas!

Uma vez que as escolas locais não dão a devida atenção a cultura local é significativo que a comunidade tome a dianteira em propor a perpetuação dessa cultura; com certeza esse empenho traz e trará resultados gratificantes. Muito apropriado o artigo de vocês. Parabéns!

Joycek on 14 de fevereiro de 2017 at 15:53 said:

O que mais me chamou a atenção nesse texto, diz respeito ao processo de construção realizado conjuntamente com a comunidade quilombola. O artigo é bastante dinâmico, fluido e crítico reflexivo, o qual nos leva a pensar como a cultura dos quilombos ainda é estigmatizada socialmente até mesmo no cenário escolar. O texto abre espaço para aprofundar essa discussão, bem como favorecer um novo olhar acerca da temática e da valorização e perpetuação dessa cultura. E o primeiro passo mais importante dado é esse, problematizar nas escolas para que a própria comunidade trabalhe o sentido de pertencimento. Parabéns pelo excelente trabalho.

mariana-dutra on 14 de fevereiro de 2017 at 18:53 said:

O texto de vocês demonstra que há grande chance de a próxima geração de professores, que vai educar as atuais crianças da comunidade, ser diferente e não virar as costas para a cultura local! Parabéns pelo trabalho acadêmico e social!

mauricioedocampo@gmail.com on 14 de fevereiro de 2017 at 20:54 said:

Parabéns, pelo excelente trabalho. A realidade local não pode ser ignorada e sim valorizada.

Flavia Idalina Alves moreira on 14 de fevereiro de 2017 at 21:01 said:

Muito bom esse artigo!

O que me chama atenção nesse artigo é a união que a comunidade tem de fazer com que as coisas aconteça como por exemplo: a valorização da cultura, ou seja o processo de ensino do cidadão da comunidade acontecer no coletivo com a comunidade.

Parabenizo pelo belo trabalho!

Ma on 15 de fevereiro de 2017 at 23:57 said:

Olá colegas!

O trabalho me chama atenção para o fato das ações da escola em relação ao valor tradicional e cultural da comunidade, isso, por que se trata de uma comunidade quilombola na qual é preciso um trabalho escolar que dialogue com os costumes tradicionais de seus sujeitos e em relação a questão de causos relatados e histórias é o letramento por meio desses meios legais do contexto familiar. Parabéns pelo trabalho.

ANEXO D – Letramento em uma escola do campo

Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7674>

ARTIGO - LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DO CAMPO

Flavia Moreira Chaves¹, Marilene Rosa Dos Santos¹.

1Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

Resumo: *O presente estudo tem como objetivo analisar as práticas com leitura e escrita na Escola Família Agrícola (EFA) Bontempo, uma vez que auxiliam na alfabetização e nos letramentos dos estudantes. Nessa perspectiva, entende-se que a escola deva ser um ambiente que venha proporcionar reflexões, trocas de ideias e construção de conhecimentos.*

Palavras-chave: *Práticas de letramento, alfabetização, Escola Família Agrícola (EFA) Bontempo.*

Introdução

A ideia de escrever este artigo surgiu a partir do livro *'Memórias de letramento vozes do campo'*, produzido a partir das experiências de letramentos dos estudantes de Licenciatura em Educação do Campo do IV módulo da área de Linguagens e Códigos da Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Este trabalho tem o objetivo de apresentar questões sobre letramento e alfabetização nas escolas do campo com ênfase no letramento na Escola Família Agrícola de Itaobim/MG (EFA Bontempo). Para Kleiman:

(...) há uma dimensão de poder envolvida no processo de aculturação efetivado na escola: aprender – ou não – a ler e escrever não equivale a aprender uma técnica ou um conjunto de conhecimentos. O que está envolvido para o aluno adulto é a aceitação ou o desafio e a rejeição dos pressupostos, concepções e práticas de um grupo dominante – a saber, as práticas de letramento desses grupos entre as quais se incluem a leitura e a produção de textos em diversas instituições, bem como as formas legitimadas de se falar desses textos -, e o conseqüente abandono (e rejeição) das práticas culturais primárias de seu grupo subalterno que, até esse momento, eram as que lhe permitiam compreender o mundo. (2001, p. 271).

O presente trabalho é composto pelo resumo, que tem o objetivo de pontuar as informações trazidas ao longo do texto de forma sintetizada. A introdução apresenta a situação do problema exposto no decorrer do texto. O desenvolvimento consiste em detalharmos o que foi colocado na introdução e para esse movi-

mento da escrita é necessário uma fundamentação teórica, para embasar e dar sentido ao texto construído. Já a conclusão é o desfecho do que foi debatido e exposto ao longo do texto, posicionando os resultados do trabalho e por último está as referencias bibliográficas.

Desenvolvimento

Partindo da concepção sobre letramento e alfabetização citado na introdução, nesta seção, primeiramente, contextualizaremos o estudo a partir da visão que sem tem da Educação do Campo atualmente. Em um segundo momento, pretendemos analisar se esse olhar pode interferir nas práticas de alfabetização e letramentos de estudantes desse contexto.

Nessa perspectiva, partindo da realidade geral das escolas do campo, que conhecemos, algumas dessas realidades foram citadas no livro '*Memórias de letramento vozes do campo*', que mostram as dificuldades de quem estuda nas escolas do campo, pois as mesmas não têm estruturas qualificadas para receber os alunos e tão poucas os materiais didáticos que são utilizados correspondem com o que caberia ser ensinado a cada série/ano.

Dessa maneira, podemos notar a precariedade que ainda existe e, com isso, os altos níveis de analfabetismo. Nesse sentido, são muitas as reflexões feitas sobre a alfabetização e elas têm mostrado o quanto à aquisição da escrita vem sendo um processo complexo para a alfabetização. Como pontua Ribeiro:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *Letramento* que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (2003, p. 91).

A citação acima nos mostra a importância desse processo de alfabetização na vida do individuo, pois através dela adquirimos habilidades para a leitura e a escrita, com isso nos possibilita o domínio sobre apropriação da nossa escrita, assim como também da fala dentre outros anseios que a alfabetização e o letramento nos proporcionam.

Partindo dessa realidade, o letramento para os jovens do campo nunca foi fácil, sempre foi nítido o desejo de que melhoras viessem acontecer. Não é fácil o acesso à escola, ao material didático e à merenda. Alguns pais defendem que trabalhar é mais importante que estar na sala de aula, que ser letrado em uma

roça é besteira, que não teria serventia alguma, o que por anos afastou muitas crianças e jovens da sala de aula. Dessa forma, compartilhavam a ideia de que o necessário para uma pessoa viver era saber assinar seu nome.

Então, percebemos que a dificuldade de acesso ao letramento não era imposta somente pela falta de investimento, mas também pela falta de conscientização das famílias que também causam sofrimento e impedem o acesso aos seus direitos como cidadãos.

Foi uma barreira vencida com muita dificuldade e graças ao apoio dos movimentos sociais que mobilizou comunidades em prol da educação do campo, para que as letramentos fossem para todos; mais importante que a alfabetização, pois vai além de se escrever o nome já refere-se ao uso da escrita e da fala no meio onde se vive. Para que isso ocorresse, foi preciso uma educação que despertasse o interesse dessas pessoas que viviam aquela realidade. O processo de buscar por uma educação do campo resultou-se na luta pela criação das EFAs. Dessa forma pode-se afirmar que:

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, tem nomes e rostos, lembranças, gêneros e etnias diferenciadas. Cada sujeito individual e coletivamente se forma na relação de pertença a terra e nas formas de organização solidária. Portanto, os *currículos* precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente. (BRASIL, 2003, p. 22, grifo nosso).

Baseado em informação de uma destas autoras, a Marilene Rosa dos Santos que teve a experiência de estudar na EFA Bontempo, e com base nas informações encontradas no site <www.efabontempo.com.br/escola>, podemos destacar algumas das metodologias que são usadas dentro das Escolas Família Agrícolas. As EFAs são escolas que trabalham em alternância buscando valorizar a realidade dos alunos, construindo conhecimentos juntos a eles e retornando a comunidade tais conhecimentos. Fazem, assim, com que o letramento não fique só para os que estão na sala de aula, mas que seja compartilhado com a família e a comunidade.

Diante do que acima foi exposto, a experiência da Marilene retrata bem a relação do letramento nas escolas da cidade e a EFA. Para ela, é bem diferente a experiência de ter cursado as séries iniciais numa escola da cidade e o ensino médio na escola agrícola. É afirmada essa diferença tanto nos livros didáticos como na metodologia utilizada.

O processo de letramento nas EFAs não acontece somente na sala de aula, pois a metodologia da escola intermedia os estudos, as aulas práticas, ou seja, os alunos não ficam presos a salas de aula, livros e cadernos, mas têm aulas práticas que são voltadas para suas realidades locais.

Conclusão

Considerando a realidade das escolas e sua relação com a comunidade, entendemos que o processo de letramento e alfabetização, juntamente com as teorias e práticas que estes alunos vivenciam ao estudarem na EFA é de suma importância. Uma vez que as metodologias utilizadas visam buscar métodos de ensino para assim reverter os baixos níveis de alfabetização e letramento dos alunos. A partir de todas essas reflexões e análises podemos destacar a relevância de se discutir questões que correspondem no âmbito da alfabetização e do letramento, com isso notamos a importância de tal discussão para entendermos o quanto esse processo é importante para nossa vida.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Referências para uma política nacional de Educação do Campo, Caderno de Subsídios. Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, Outubro de 2003. Disponível em:<http://www.inep.gov.br/download/imprensa/Miolo_Seminario_Ed_Campo.pdf>. Acesso em 10 de agosto 2016.

EFA Bontempo. Disponível em: www.efabontempo.org.br. Acesso em 01 de novembro de 2016.

KLEIMAN, A. B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

RIBEIRO, V. M. (org.) *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.

TFOUNI, Leda. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2000.

COMENTÁRIOS - 20 THOUGHTS ON “LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DO CAMPO”

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 23:05 said:

Gosto muito do desenvolvimento teórico e do exemplo da EFA Bontempo trazida pelo texto. A escrita do texto também é muito boa. Deixaram uma vontade de saber mais sobre esses processos de letramentos da EFA. O trabalho com os contextos das comunidades dos sujeitos feito pelo regime de alternância das

EFAs é admirável e as autoras têm razão em ressaltar a diferença que tal prática faz na vida dessas comunidades. Parabéns às EFAs e às autoras por nos trazerem essa experiência.

Marilene Rosa Dos Santos on 9 de fevereiro de 2017 at 8:10 said:

O tema abordado era bem extenso, devido a limitação de espaço para escrita, mas está aí uma oportunidade de buscarmos suprir mais esse desejo de conhecermos melhor esse processo de letramento na EFA. As nossas EFAs tem uma metodologia muito interessante, que faz a diferença na Educação do Campo.

flaviachaves99@gmail.com on 9 de fevereiro de 2017 at 22:31 said:

A produção desse artigo foi muito importante, pois através do mesmo conseguimos mostrar um pouco sobre como funciona a metodologia de uma EFA, mais especificamente na EFA Bontempo. No decorrer do texto demos destaque sobre a importância de tais metodologias dentro de uma escola do campo que trabalha com a pedagogia da alternância, uma vez que as escolas do campo prezam muito a relação entre escola e comunidade, o que já é um grande diferencial se formos compararmos uma escola do campo com uma escola da cidade, e isso nos faz imaginar mais ou menos como se dá os processos de letramentos entre tais escolas, que fazem uso de metodologias totalmente diferentes e que pregam ideologias diferentes. Dessa forma podemos ver no texto que os processos de letramento e alfabetização de alunos em uma escola do campo tem suas dificuldades, mais também podemos perceber que por trás das dificuldades há grandes histórias e expectativas daqueles que buscavam e buscaram superar tais obstáculos por meio de uma educação de qualidade e que contextualize a realidade do povo campestre.

mauricioedocampo@gmail.com on 12 de fevereiro de 2017 at 11:50 said:

Muito bom este artigo.

Acredito a partir de experiências como educador do Campo que esta relação escola e comunidade deveria ser aplicada em todo modelo de educação uma vez que em todos espaços existem diferentes saberes que se somados ao espaço escolar fará toda a diferença. Com esta relação próxima entre comunidade e escola o sentimento de pertença da comunidade poderá vir a culminar e uma independência escolar em várias questões, que fortalecerão a educação.

GISELE FERREIRA PACHECO on 13 de fevereiro de 2017 at 17:59 said:

Parabéns pelo trabalho! Gostei muito desse artigo o letramento é muito importante para a construção de conhecimento do processo de leitura e escrita dos alunos.

carlathatiane on 14 de fevereiro de 2017 at 12:06 said:

Acho interessante como abordam no texto a importância da escola como um lugar para o vínculo entre os diferentes saberes adquiridos pelos alunos, especialmente os valorizados no campo e as dificuldades, pois é um ambiente no qual o trabalho ainda é mais valorizado que a educação, mas que mesmo com esses obstáculos e com uma conscientização o letramento se estendeu pela população.

Flavia Idalina Alves moreira on 14 de fevereiro de 2017 at 20:41 said:

muito bom esse artigo!

muito interessante essa forma das EFAS trabalhar com a alternância, de forma que a formação do discente é trabalhada de acordo com sua realidade, muito bom esse contato que existe da escola com a família . No qual a participação dos dois são de grande valia para formação do discente.

Parabéns meninas!

Graziele on 15 de fevereiro de 2017 at 8:22 said:

Olá Flávia e Marilene!

Foi um prazer ler o artigo de vocês. A alfabetização e letramento tem que ser entendida e compreendida por todos, principalmente no que diz respeito aos currículos que temos. Impor um mesmo currículo para situações estruturais, sociais e culturais é absurdamente impossível, pois não conseguirá atingir os mesmos objetivos. Pensar cada lugar como único culturalmente, pois cada lugar manifesta, com certeza, cultura diferente, mesmo que no espaço urbano, é importante para despertar o interesse dos alunos, partindo do pressuposto que o que eles vivenciam é uma ótima ferramenta de aprendizagem. O tempo todo ouvimos dizer que temos que levar em consideração a “bagagem” que o aluno traz consigo, mas será que estamos lembrando de ver essa tal bagagem?

No relato das autoras fica claro que a EFA leva em consideração a cultura a qual essas crianças vivenciam, fico feliz em ver que estamos aos poucos construindo um mundo mais igualitário ao menos na formação educacional do ensino público.

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 13:15 said:

Parabéns Garotas!

O artigo é enriquecedor em aspectos teóricos e experiências, tornado-o assim um texto fácil e prazeroso de ser ler. Confesso que não tenho nenhuma relação

com EFAs , mas o tema e reflexões abordadas são pertinentes para pensarmos uma educação do campo qualitativa, comunicava, que envolva não somente a sala de aula, e sim a comunidade/sociedade como um todo.

Gostei Muito!

Abraços.

Aline Cordeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 15:24 said:

Parabéns pelo trabalho, como bem expuseram as autoras, é necessário considerar a realidade de cada lugar no ensino de qualquer que seja a disciplina, em particular no processo de letramento e alfabetização. Desse modo, considerar a realidade dos alunos, suas experiências, sua cultura, seus costumes podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Percebemos que cada vez mais a Educação do Campo vem tomando destaque em estudos, isso é muito importante.

lucianacaixeta on 15 de fevereiro de 2017 at 18:32 said:

Parabéns pelo trabalho! Muito interessante a discussão do letramento na EFA.

Abs, Luciana Caixeta

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:28 said:

parabéns meninas por esse trabalho, o que vocês trazem sobre a EFA é muito interessante, sendo ela que realmente dialoga com uma educação do campo trabalhando com realidades de alunos e trazendo a prática, meu sonho é conhecer alguma e os trabalhos realizados que são sempre elogiados e com a questão do letramento em minha comunidade também existia isso de os estudos não serem importantes aos poucos foram se quebrando essa barreira e atualmente os pais são bem incentivadores até pelo local ser bem esquecido pelos Órgãos públicos.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:33 said:

parabéns meninas pelo trabalho, meu sonho é conhecer uma EFA pois ela realmente dialoga com a educação do campo com um trabalho de acordo com a realidade do povo do campo.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:40 said:

parabéns pelo trabalho muito interessante essa EFA percebe-se que dialoga verdadeiramente com a educação do campo em que sua alfabetização é de fato voltada para realidade do alunos do campo quebrando barreiras e fazendo com que os pais descubra a importância da educação na vida do povo do campo.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 20:58 said:

Bom trabalho, e boa iniciativa da comunidade de ilha das cabras em fazer com que esse meio tecnológico se torne útil e educativo para a comunidade, somente tenho uma preocupação de como esse meio pode interferir na língua nessa comunidade sendo a língua o principal veículo de comunicação.
abraços

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:02 said:

parabens pelo trabalho muito legal ,a EFA é uma escola que dialoga com a educação do campo , fazendo um diálogo em realidade, teoria e prática

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:14 said:

por favor desconsiderem o meu primeiro comentário era para outro grupo e levem em conta o segundo, eu estava tendo muito dificuldade em enviar os comentários por isso essa confusão
desculpe-me as vezes cometemos erros pelo fato de não dominarmos essas tecnologias espero que fique entendido valendo o segundo comentário.
abraços

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 21:16 said:

parabéns pelo trabalho muito interessante essa EFA percebe-se que dialoga verdadeiramente com a educação do campo em que sua alfabetização é de fato voltada para realidade do alunos do campo quebrando barreiras e fazendo com que os pais descubra a importância da educação na vida do povo do campo

Lucilialisboa on 15 de fevereiro de 2017 at 21:53 said:

Boa Noite!

Parabéns pelo trabalho,os alunos da EFA sem dúvida obtiveram grandes evoluções com este estudo lhe proporcionando vários conhecimentos .

Ma on 15 de fevereiro de 2017 at 23:34 said:

Parabéns colegas pelo trabalho!

Gostei muito. Como sabemos as EFAs possuem uma metodologia de ensino que dialoga com a realidade dos alunos. E eu como já participei de atividades na Bontempo pelo projeto PIBID, fiquei contente em ver este trabalho que destaca a do Campo.

ANEXO E - Práticas de letramento na comunidade Padre João Afonso

Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7678>

ARTIGO - PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA COMUNIDADE PADRE JOÃO AFONSO

Mauricio Teixeira Mendes¹

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Resumo – *O presente estudo pretende analisar a falta de acesso à literatura em uma comunidade do campo que, talvez, o único acesso à leitura sejam textos bíblicos. Serão identificadas quais as práticas de letramentos se fazem presentes na comunidade. Objetiva-se apresentar dados desses letramentos e suas contribuições para a comunidade*

Palavras-chave: Práticas de letramento. Religiosidade. Acesso a textos escritos

1. Contextualizando a comunidade de Padre João Afonso

Padre João Afonso é um distrito do município de Itamarandiba-MG que está situado no Vale do Jequitinhonha. Segundo a prefeitura de Itamarandiba, o distrito possui cerca de 250 famílias e um número aproximado de 1000 habitantes. Suas principais fontes de renda são a pecuária e a agricultura familiar. A comunidade sempre esteve ligada à religiosidade, tanto é que seu nome demonstra isso. As principais festas e eventos do local geralmente também têm caráter religioso como as festas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora Aparecida e eventos como a Cavalgada e a Folia do Divino. Quanto à educação, atualmente a comunidade possui duas escolas, que atendem desde os anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio, e uma creche, que atende as crianças da comunidade e localidades vizinhas. Como já citado, a comunidade está fortemente ligada à religiosidade Cristã e a Bíblia, como gênero literário, é introduzido nas práticas de letramento e também nas escolas da comunidade. Por um lado, temos uma riqueza literária na Bíblia, porém ela vem com ideologias que podem influenciar tanto negativamente quanto positivamente os sujeitos que a utilizam. Apresentarei um resultado de uma pesquisa de campo feita nas duas escolas da comunidade, nas quais podemos perceber a presente do citado gênero textual, bem com os pontos positivos e negativos relativos à tal situação.

2. Gêneros textuais, práticas de letramento e suas influências em uma comunidade

Começarei relatando minha experiência como o letramento, uma vez que sou nascido e criado nesta comunidade e minha a leitura de mundo foi iniciada a partir da Bíblia; depois discutirei a relação do letramento com a comunidade; e, por fim, apresentarei o gênero textual religioso, e as contribuições e/ou prejuízos quando se insere a Bíblia no ambiente escolar.

O citado conceito de letramento guia toda a discussão e, então, deve ser logo esclarecido. Segundo Soares:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita". (2001, p.18).

Lembro-me que meu primeiro livro, que contava a história de Adão e Eva, ganhei de uma tia. Assim com Paulo Freire, na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981 -, disse: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra (...). O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo". Então, eu ainda não sabia ler as palavras, mas fazia uma leitura quando eu ficava olhando as imagens e pensando o que ali estava representado. Minha família participava das novenas de Natal e, vez ou outra, acabava tendo contato com os livros da novena. Quando aprendi a ler e escrever sempre fazia leituras bíblicas na igreja aos domingos. Também, quando aprendi a tocar violão, tocava letras de músicas religiosas. Portanto, meus primeiros passos na leitura de mundo e da palavra foram a partir de um gênero religioso.

Esta relação de letramento com introdução da bíblia e outros gêneros religiosos está presente em toda comunidade. Como, por exemplo, na imagem abaixo, que foi tirada na Escola Estadual Padre João Afonso:



Na imagem, vemos um mural com várias palavras retiradas da Bíblia e a mesa ao lado em uma espécie de altar. Todos os dias antes da aula iniciar, um aluno retira destas bolsas fixadas no mural uma frase bíblica e lê para a turma. Nas bolsas contêm palavras de alegria, amizade, ânimo e amor.

Neste contexto, e refletindo sobre minhas primeiras experiências em letramento, apresento uma preocupação com esta ideologia que foi construída e enraizada em mim. Quando entrei na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), tive que deixar minhas crenças de lado para entender melhor questões de homossexualidade. Tenho vergonha de dizer, mas era muito machista e preconceituoso e isso me fez muito mal. Aprendi a olhar um cultura ou um grupo “diferente” com um olhar de alteridade, conseguimos quebrar nossos orgulhos a partir de uma visão de dentro do grupo. O grande erro que gera esses preconceitos é o grupo X achar que o grupo Y será melhor se for igual a ele. Em um trabalho na disciplina Teoria de Currículos, minha professora me colocou em um grupo que teria que apresentar a teoria *Queer*. Quando comecei a ler a teoria e conversar com colegas homossexuais, pude entender que ser “diferente” é o normal”. Esta teoria questiona toda forma “bem-comportada” de conhecimento e de identidade padronizada pela sociedade, daí eu comecei a me perguntar: Por que banheiro masculino e feminino? Por que azul é cor de menino e rosa é de menina? E passei a perceber que “todo ser humano é um estranho ímpar”.

Hoje lido com essa questão na minha comunidade como um problema a ser enfrentado, pois essas ideologias acabam formando uma cultura machista e etnocêntrica. Não deixei minha religião de lado, hoje penso que se Deus e o céu existem, e que veremos muitos homossexuais entrando para o céu e muitos padres e líderes religiosos ficando do lado de fora, pois não entenderam que para seguir a Deus “deve-se amar ao próximo como a ti mesmo”.

Ao visitar as bibliotecas das escolas da comunidade, nota-se a falta de acervos literários, mas por outro lado estão presentes vários gêneros textuais que deveriam ser introduzidos no contexto escolar. Na comunidade, há contadores de estória que ainda se utilizam de bilhetes para mandarem recados, e vários outros gêneros que estão surgindo com a tecnologia que poderiam estar substituindo o uso demasiado destes gêneros religiosos.

3. Considerações finais

Ao analisar a ligação desta comunidade com a religiosidade, pode-se pensar que esta é a realidade de outras comunidades pequenas. Sem dúvida, a riqueza literária da Bíblia é imensa, mas é preciso cautela quanto a este gênero, pois ele vem carregado de ideologias machistas como por exemplo em vários textos esta escrito que homem é a cabeça da família e a mulher deve ser submissa e outros. Por exemplo, na escola Estadual de Padre João Afonso, uma professora encontrou imenso desafio ao trabalhar orientação sexual (gênero) devido professores

e pais de alunos serem contra a partir do entendimento de que na bíblia está escrito que Deus fez apenas o homem e a mulher, com seus gêneros correspondentes, dentre vários outros argumentos. Este sim é um problema, além de outros, pois “somos o que lemos” e, se estamos em contato com uma cultura machista, ficará difícil discutir questões como, por exemplo: homossexualidade, aborto e outros temas que são julgados “polêmicos”, pois fogem dos “padrões” ideológicos que as igrejas consideram aceitáveis. Penso que seja possível substituir o uso demorado da Bíblia na escola por histórias contadas por pessoas da comunidade, canções que fazem parte do contexto local e outros. Aliás, é necessário fazer estas mudanças, uma vez que o Brasil é laico.

4. Referências Bibliográficas

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. In_____ Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

COMENTÁRIOS - 28 THOUGHTS ON “PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA COMUNIDADE PADRE JOÃO AFONSO”

Graziele Aparecida de Jesus on 6 de fevereiro de 2017 at 13:10 said:

Caro colega gostaria de parabeniza-lo pelas excelentes colocações no artigo com relação ao letramento e suas contribuições para a comunidade, neste sentindo gostaria deixar alguns posicionamentos:

1 °- Parabéns pela colocação com relação a questão dos textos bíblicos. Mesmo sabendo que a universidade é laica, é importante colocarmos que em algumas comunidades mais rurais o contato com o letramento ainda se fundamenta através das leituras bíblicas, uma vez que dificilmente outros tipos de gêneros textuais circulam em comunidades como a sua e a minha por exemplo.

2 °: Gostaria de parabeniza-lo também por ter trago para dentro de seu artigo a importância que a disciplina de teoria de currículos trouxe para sua formação pessoal, ensinando-o a respeitar os diferentes e entender que muitas vezes é preciso tomar um choque de realidade para que possamos para de reproduzir muitos discursos. Destaco sua coragem de expor que era machista, visto que muitos não teria coragem de assumir isso e mais entrar em um banheiro feminino e sem estranhamento responder que precisamos romper com a visão de que homem e mulher não podem estar no mesmo espaço, o respeito muda tudo . Espero que enquanto futuro educador você possa levar este diálogo para a sala de aula; uma vez que no nosso caso precisamos primeiro chegar a universidade pa-

ra que pudêssemos entender isso e quanto mais cedo oferecermos aos alunos mais consciência com relação ao respeito ao diferente eles terão.

Parabéns a você, aos demais colegas da habilitação Linguagens e códigos do Curso de Licenciatura em Educação Do Campo da UFVJM e ao Docente Carlos Henrique.

Vocês arrasaram...

mauricioedocampo@gmail.com on 6 de fevereiro de 2017 at 15:24 said:

Obrigado Graziele.

Acredito que temos que refletir diante as nossas ações, com certeza investi em um tema que me seria útil enquanto futuro educador do campo.

Não é fácil admitir nossos preconceitos, que são uma reprodução de uma sociedade que nos ensinaram assim. Por isso defendo que tais temas devem ser abordados com cautela, pois podemos continuar reproduzindo preconceitos.

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 22:58 said:

A partir da observação do cotidiano da escola local, sobretudo no que diz respeito às práticas de letramento, o autor faz uma série de questionamentos bastante pertinentes sobre a influência de gêneros religiosos nos letramentos e na formação ideológica dos leitores. Parece que é positivo que a comunidade tenha gêneros textuais escritos, mesmo que sejam folhetos ou livros religiosos. Contudo, o autor, corajosamente, parte da sua própria experiência para questionar a influência ideológica da igreja em males sociais como o machismo que também afeta sua comunidade. Espero que os questionamentos de Maurício Mendes inspirem vários outros.

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 23:13 said:

A partir da observação do cotidiano da escola local, sobretudo no que diz respeito às práticas de leitura e escrita, o autor faz uma série de questionamentos bastante pertinentes sobre a influência de gêneros religiosos nos letramentos e na formação ideológica dos leitores. Parece que é positivo que a comunidade tenha gêneros textuais escritos, mesmo que sejam folhetos ou livros religiosos. Contudo, o autor, corajosamente, parte da sua própria experiência para questionar a influência ideológica da igreja em males sociais como o machismo que também afeta sua comunidade. Espero que os questionamentos de Maurício Mendes inspirem vários outros.

mauricioedocampo@gmail.com on 10 de fevereiro de 2017 at 19:29 said:

Com certeza professor Carlos, a bíblia possui sim grande riqueza literária, porem em torno das escolas (comunidades) principalmente no campo, temos uma variedade de gêneros literários como, contadores de história, musicas, e outros meios de manifestações culturais, que podem e devem fazer parte do contexto

escolar. Quanto a minha coragem, acredito que não existe meio termo, temos que nos posicionar, ainda mais em tempos difíceis como estes onde governos impostores e impositores, implantam suas ideologias sem diálogo com a sociedade. Acredito que a educação é o caminho para uma sociedade liberta, e por enquanto ainda podemos expressar nossas opiniões, que usemos os espaços que temos para construir uma sociedade mais justa e libertadora.

Grato pelas palavras de incentivo, agradeço muito a sua ajuda para chegar até aqui.

Carlos Castroon 13 de fevereiro de 2017 at 21:02 said:

Tudo mérito seu, Maurício. 😊

mauricioedocampo@gmail.com on 13 de fevereiro de 2017 at 21:25 said:

Sem a sua ajuda não estaria aqui.

Confesso que o ano que vem estarei aqui novamente.

mauricioedocampo@gmail.com on 7 de fevereiro de 2017 at 17:42 said:

Com certeza professor Carlos, a bíblia possui sim grande riqueza literária, porem em torno das escolas (comunidades) principalmente no campo, temos uma variedade de gêneros literários como, contadores de história, musicas, e outros meios de manifestações culturais, que podem e devem fazer parte do contexto escolar. Quanto a minha coragem, acredito que não existe meio termo, temos que nos posicionar, ainda mais em tempos difíceis como estes onde governos impostores e impositores, implantam suas ideologias sem diálogo com a sociedade. Acredito que a educação é o caminho para uma sociedade liberta, e por enquanto ainda podemos expressar nossas opiniões, que usemos os espaços que temos para construir uma sociedade mais justa e libertadora.

Grato pelas palavras de incentivo, agradeço muito a sua ajuda para chegar até aqui.

flaviachaves99@gmail.com on 10 de fevereiro de 2017 at 18:45 said:

Em primeiro lugar quero parabenizar meu caro colega Mauricio pelo excelente trabalho produzido, o trabalho trás no seu desenvolvimento um aparato de riquezas relacionadas aos processos de letramento e alfabetização existentes na comunidade Padre João Afonso, em que podemos ver que esses processos estão ligados a vários gêneros textuais Dessa forma, podemos notar o quanto a educação é importante para os moradores desta comunidade, seja pela educação formal ou informal.

mauricioedocampo@gmail.com on 10 de fevereiro de 2017 at 19:27 said:

Obrigado Flavia.

Com certeza as variedades textuais existentes em uma comunidade deveriam ser valorizadas em toda escola. Cito esta comunidade devido ser onde nasci e tive meus primeiros contatos com a leitura, mas penso a partir de conhecimento prévio de outros lugares que já passei, que esta variedade de gêneros textuais estão presentes em diferentes contextos e que poderiam substituir o uso demasiado da bíblia em âmbito escolar. Penso que nem precisaríamos discutir este assunto uma vez que o estado é laico.

Abraços

sandrasilva on 13 de fevereiro de 2017 at 10:57 said:

Olá, Maurício!

Percebe-se que, quanto educadores, vocês se deparam ou já se depararam com um imenso desafio que é usar o gênero textual de que se dispõe de forma equilibrada, o que não é fácil, pois se trata da Bíblia. Também sou uma pessoa religiosa, de uma educação bíblica desde cedo e já me deparei com situações semelhantes em sala de aula. Suas colocações acerca dos tipos de influência são reais. Acredito que usar palavras de alegria, amizade, ânimo e amor pode, porque não, ser objeto de reflexão para qualquer pessoa, uma vez que aí estão envolvidos valores humanos. Mas podem haver situações em que surgirão controvérsias e polêmica. Eis aí algo que vai mexer com nosso íntimo pois cada um tem uma formação e opinião diferentes. Manter a neutralidade nesses casos nem sempre é fácil, como eu já pude presenciar. Então, realmente, a falta de acervo literário nas escolas, da qual as autoridades responsáveis deveriam se posicionar a respeito, tende a acentuar esse impasse. Assim, o seu posicionamento de introduzir outros gêneros textuais no contexto escolar é plausível. Que outros possam abraçar e levar avante essa ideia!

mauricioedocampo@gmail.com on 13 de fevereiro de 2017 at 11:12 said:

Obrigado Sandra, pelas palavras.

É difícil permanecer neutro pois não existe educação ou posicionamento neutro. Por isso em via de dúvidas ou falta de preparo acredito que o melhor a fazer é não utilizar certos materiais como a Bíblia. Que como citado no artigo pode e

deve ser substituído pela variedade de gêneros literários que temos em nossas comunidades.

Abraço e obrigado.

Lucilialisboa on 13 de fevereiro de 2017 at 21:17 said:

Oi, Mauricio Boa Noite, gostei muitooooo do seu trabalho. Comecei a fazer uma leitura normal, mas logo quando tu colocaste a bíblia como única forma de aprendizagem eu fiquei bem curiosa, achei bem interessante a parte que fala de homossexualismo e si admitindo machista e também acentuando na importância da ampliação para o entendimento do mundo e utilizando a bíblia como contribuição para educação. Não contradizendo nada sobre religião, faz reflexão sobre a fé acentuando a importância de que devemos respeitar o outro. E tu com sua simplicidade demonstrou em seu texto vários ensinamentos como forma de reflexão de nossos atos e o mais importante que podemos aprender com o meio de acesso que temos e que depende de nós para ampliarmos os nosso conhecimentos e nos tornar autocrítico.

Abraço.

mauricioedocampo@gmail.com on 13 de fevereiro de 2017 at 21:32 said:

Obrigado pelos pontos levantados. Servirá de grande valia para mim.

Ampliar nossos conhecimentos depende de nós e também dos espaços que temos que deve possibilitar ao aluno uma reflexão. As várias experiências que estou vivendo estão me ajudando a pensar novas metodologias para a educação básica.

Muito obrigado

Abraços

Marcio Ronei on 14 de fevereiro de 2017 at 8:30 said:

Olá, Maurício. Sobre seu relato, acho interessante a problematização do discurso bíblico nas escolas, considerando o viés excludente que ele traz não só com relação a tipos sociais mas também a outras formas de experienciar o sagrado. Tudo isso ganha ainda mais relevância em contextos culturais mais rígidos e marcados por certo patriarcalismo, como imagino que sejam as regiões interioranas. Que a educação brasileira seja capaz de rever sua relação com a alteridade, construindo uma escola mais acolhedora e plural, inclusive no campo. Abraço!

mauricioedocampo@gmail.com on 14 de fevereiro de 2017 at 20:27 said:

Prezado Marcio, obrigado pelas contribuições. Eu moro no campo e quero ser um educador diferente, hoje percebo que esta reprodução do sistema nos faz muito mal. Quando me deparar com um ignorantizado pelo patriarcalismo, saberei que fui liberto pela educação e da mesma maneira que fui liberto tenho que permitir aos meus alunos tais experiencias, que possibilite a formação de um sujeito autônomo que questione as organizações e formas bem comportadas que são pregadas pela sociedade.

Matheus13521 on 14 de fevereiro de 2017 at 15:08 said:

Boa tarde, Maurício.

Super interessante seu artigo, gostei muito do tema e da forma que você o abordou. Esse tipo de temática deveria ser mais discutido e trabalhado por pessoas como você.

Parabéns pelo trabalho.

mauricioedocampo@gmail.com on 14 de fevereiro de 2017 at 20:29 said:

Caro Matheus, obrigado pelos comentários.

Confesso que fiquei um pouco apreensivo quanto a este tema, temas polêmicos muitas pessoas evitam falar, e este evitar acaba silenciando estes temas que vão ganhando força e reproduzindo o sistema.

Claudia Ribeiro Rodrigues on 14 de fevereiro de 2017 at 18:55 said:

Maurício, assim como você, meus primeiros anos escolares foram cursados em zona rural. Quando você cita Paulo Freire e fala de seu acesso às primeiras práticas de letramento, passei a recordar-me do meu percurso percebi que realmente os textos bíblicos eram, naquela época, bastante usados nas leituras na escola, como ainda são até hoje conforme você relatou. Achei super importante você abordar essa questão das práticas de letramento na zona rural, pois, no mundo contemporâneo, tecnologizado, multicultural, multimodal, é preciso proporcionar aos alunos uma pedagogia voltada para os multiletramentos. Não se pode mais admitir que se foque em apenas determinado gênero. É preciso formar alunos críticos, éticos, democráticos que saibam respeitar as diversidades, conforme você “aprendeu” já em fase adulta. Não conheço bem a realidade do local que você cita e de tantas outras áreas rurais do país, mas com o avanço das tecnologias atuais, muitos desses lugares

já contam inclusive com internet. Por isso, não justifica focar apenas no texto verbal, escrito, religioso. Acredito que, em situações como essas, é preciso que as secretarias de educação proporcionem cursos de formação continuada aos professores para oportunizar a eles e aos alunos o direito a uma prática significativa e libertadora. Obrigada por compartilhar sua experiência conosco!

mauricioedocampo@gmail.com on 14 de fevereiro de 2017 at 20:36 said:

Prezada Claudia, agradeço pela atenção e palavras motivadoras, valeu todo esforço que tive para escrever este trabalho. O dito Paulo Freire também apostava em uma educação dialógica. Somente a partir do dialogo e da troca de experiencias é que o educador conhecerá a realidade em torno de sua escola. E este entorno é muito interessante e deve ser valorizado e inserido no contexto escolar. Então, a internet chegou aqui sim, temos também telefonia celular e outras tecnologias. Temos também o desafio de associar estas novas tecnologias com os saberes culturais e tradicionais na comunidade.

Andreia Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 22:51 said:

Parabéns pelo texto é muito bom ver que as opiniões dos machistas mudam kkkk.

O texto é muito rico e traz a realidade de quase todas as comunidades que possui uma religião e uma fé que influencia no modo de vida das famílias.

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 13:43 said:

Parabéns Caro colega!

mauricioedocampo@gmail.com on 15 de fevereiro de 2017 at 19:17 said:

Muto obrigado

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 18:19 said:

Caro autor

sou sua colega de turma e quero parabeniza-lo pelo trabalho, penso que é uma luta muito grande de quebrar essa barreira dessas nossas comunidades rurais sobre a questão da escola ser laica e a questão do machismo ou até mesmo da bíblia ser muito presente como um gênero literário, mas como futuros educadores do campo podemos modificar isso sem fugir de nossas realidades como você já disse levando histórias da nossa própria comunidade.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 18:31 said:

Caro amigo parabênzo você por esse trabalho os meus primeiros letramentos foi de forma diferente,mas geralmente as comunidades pequenas tem certos preconceitos e são machistas assim como você era, e como é difícil quebrar isso, mas agora com a televisão e com a internet as pessoas estão começando a se acostumar, pois é uma coisa muito presente no dia dia, homem com homem e mulher com mulher. E com a questão da bíblia as escolas hoje em dia pelo ao menos onde moro não tem a bíblia como um gênero presente na escola pois existe uma diversidade de religião e se colocá-la gera m grande conflito por existir diferenças entre bíblias.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 19:26 said:

Bom trabalho e parabéns pela mudança de atitude sobre o machismo, em comunidades pequenas temos a bíblia bem presente como um gênero literário, mas nos como futuros educadores do campo temos que apresentar a eles novas realidades qu podem ser bem aplicadas em um contexto campo.

Flanciene Ferreira Ribeiro on 15 de fevereiro de 2017 at 19:27 said:

Bom trabalho

Ma on 15 de fevereiro de 2017 at 23:44 said:

Olá colega! Realmente é notável como você traz este pensamento de como existe a influência de textos bíblicos na comunidade e as ideologias por meio disso. Tendo em vista que essa é uma realização bastante comum em comunidades rurais foi ótima sua escolha do tema.

Parabéns pelo seu texto.

ANEXO F – Letramento do campo, memórias das comunidades Gangorra e Genipapo

Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7887>

ARTIGO - LETRAMENTOS DO CAMPO, MEMÓRIAS DAS COMUNIDADES GANGORRA E GENIPAPO

Maria Karina Oliveira Gonçalves¹, Kelly Silva²

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, karinajequi@gmail.com

²Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, starkelly03@gmail.com

Resumo – *Baseando na concepção que o letramento é adquirido através da leitura e escrita*

nas práticas sociais de um grupo ou indivíduo. Neste artigo temos o objetivo de apresentarmos as ações e os fatores que influenciam o letramento em escolas do campo, bem como a influência da família nessa fase. Analisaremos duas trajetórias de letramento, ressaltando as dificuldades e potencialidades vivenciadas no campo.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Práticas Sociais;

1. Introdução

Neste trabalho, buscando analisar as situações e fatos que influenciaram, ou não, o contato de moradores de duas comunidades rurais do estado de Minas Gerais com suas escolas e questionando a influência destas escolas do campo nos letramentos locais. Apresentamos também o papel das famílias nessa trajetória, ações e fatores que ocorrem no mundo escolar e na construção da linguagem.

Ao longo do trabalho, analisaremos duas trajetórias de letramentos. Durante a observação e coleta de dados para escrita do artigo, nos dividimos nesse processo. A primeira trajetória é trazida pela universitária Kelly Silva que, moradora da comunidade quilombo Genipapo, passou uma semana na comunidade Gangorra da universitária Maria Karina. Maria Karina, por sua vez, fez o caminho inverso e traz a segunda trajetória.

Essa escolha é entendida por nós como forma de realmente obtermos uma pesquisa mais completa, pois para nós o que iria mover a pesquisa seriam nossas curiosidades e este processo, em tempo em um espaço não familiares, nos fez detalhar melhor os processos e relação de letramento com as escolas do campo.

Pra analisarmos esse contexto nas duas comunidades campesinas, fizemos a pesquisa com pessoas em torno de 15 e de 50 anos de idade, sendo que algumas eram analfabetas. Inicialmente, em ambas comunidades, propusermos uma roda de conversa com todos para uma melhor observação com relação aos comportamentos dos idosos e dos adolescentes, isto para proporcionarmos um comportamento mais informal para facilitar as coletas de informações que afinal eram bastantes relevantes para a estruturação do artigo e entendendo que linguagem é produzida em ambiente natural:

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico [...]” (BRASIL, 1997, p.22)

2. Letramento no campo

Ter acesso à escrita e à leitura no campo, principalmente em comunidades bastante distantes do município, antigamente era bastante crítico. Tal fato foi trazido pelos moradores da comunidade Gangorra, principalmente com os diálogos da Dona Anunciada moradora mais idosa da comunidade e também pelas citações da moradora Leonidia, idosa da comunidade Genipapo. Assim, os filhos não tinham condições de estudo. Mas algumas pessoas descreveram que a vontade de estudar era tanta que a distância não foi empecilho. Porém, o interessante é que mesmo as pessoas que não conseguiram frequentar a escola por muito tempo, sabem ler e escrever perfeitamente. E o motivo dessa busca pelo entendimento por esse letramento individual é explicado pela cultura que tem como um dos elementos a fé que existe nas comunidades rurais.

A senhora Anunciada, por exemplo, conseguiu essa façanha, quando viu sua comunidade perto de parar com as celebrações dominicais e principalmente pelas celebrações da padroeira Santa Luzia da comunidade Gangorra. Isto inspirou-a a mobilizar as pessoas da comunidade que, com ajuda de outra moradora, começou a planejar essas celebrações. A consequência disso é que hoje ela anda faz as listas dos cantos para as celebrações e ajuda nos cânticos seguindo nos folhetos.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressão e defendem pontos de vista, partilha constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p.21)

A escola tem o papel de letrar os estudantes, porém os letramentos podem também ser adquiridos sem a escola, a partir de práticas com textos no cotidiano. Nesse sentido, trazemos aqui os sentimentos das pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar e mesmo assim buscaram se alfabetizar, buscaram aprimorar os conhecimentos, pois estes sabem do valor que a língua tem, na interferência que a linguagem tem e causa nas práticas sociais. O letramento, às vezes, é considerado obtido apenas por pessoas que têm total domínio da escrita e da leitura, como de fato também é. Porém, as pessoas que não têm essa concretização na leitura de textos escritos e na escrita também podem se tornar letradas em textos não-verbais, por exemplo. Essa foi uma conclusão obtida através da nossa pesquisa nas comunidades Gangorra e Genipapo.

Segundo o Sr. José lá do Genipapo que sabe fazer qualquer cálculo de cabeça sem ter ido à escola até Dona Anunciada que lê e escreve perfeitamente. Afinal o que é o letramento se não o conhecimento e o domínio de algo, podemos dizer até mesmo o processo do aprender. É algo facilitador da comunicação. Para Soares:

O letramento resulta da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social, ou indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. (2005)

2.1 linguagens e comunicação

No espaço social que vivemos estamos expostos a conhecer e conviver com vários tipos de linguagens, sejam elas verbal ou não-verbal. Estamos sempre nos relacionando com o mundo de forma que a nossa capacidade de comunicação só aumenta a cada dia. É possível observar as expressões de linguagens em toda parte, principalmente na infância como uma criança que ainda não fala, que consegue manter comunicação reagindo por gestos e estratégias para manter contato com a mãe, por exemplo. Nas comunidades, essa questão de trabalhar a língua e as formas de comunicação foi muito forte para realizar a pesquisa. A relação entre a fala, entre a linguagem e a cultura, é o muito próxima e de causa e consequência, pois se a cultura muda obteremos algo novo também na língua desse grupo. E se esse grupo do espaço para novas formas de comunicação e de fala diferente da priorizada pelo grupo, estes também sofreram mudança na cultura pela abertura de uma nova prática social dentro de um específico grupo cultural. E a sociedade tem que se adaptar ou propor de acordo seu grupo novas mudanças, pois a variação sempre ocorre com o tempo, a mudança é constante.

3. Conclusão

Os moradores das comunidades tiveram algumas dúvidas com relação a língua e a linguagem. Eles apresentaram muito interesse em fazer parte da construção desse trabalho e até mesmo interesse em fazer pesquisas com outros moradores, para nos enriquecer com mais conhecimentos e também se informarem como eram as formas de linguagem de suas avós, principalmente os jovens das comunidades. A realização do trabalho possibilitou analisarmos nas comunidades o grau de conhecimento sobre linguagens e culturas, que são palavras comuns, mas que para muitos que vivenciam o contexto destas palavras, não conseguem expressar os seus significados através da fala. Contudo, deve-se levar em conta que esse trabalho foi realizado com âmbito de uma disciplina do curso de Licenciatura em Educação do Campo que teve pouco tempo para trabalhar a fundo as questões de linguagens nas duas comunidades, onde percebemos o quão rico e curioso pode se tornar estes trabalhos para pesquisadores e facilitadores.

4. Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa*. Brasília, 1997.
SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2005.

COMENTÁRIOS - 38 THOUGHTS ON “LETRAMENTOS DO CAMPO, MEMÓRIAS DAS COMUNIDADES GANGORRA E GENIPAPO”

[Graziele Aparecida de Jesus on 6 de fevereiro de 2017 at 12:48 said:](#)

Caras colegas para mim tem sido um prazer ler o artigo de vocês e dos demais colegas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM, habilitação linguagens e códigos. Através da exposição de vocês duas com relação a concepção de letramento gostaria de destacar a fala de vocês com relação ao aprendizado que também se dá fora do espaço da escola e que inclusive contribui para uma rede de solidariedade na comunidade.

Gostaria ainda de destacar o trabalho de vocês com base na pesquisa ação mediante as rodas de conversas e levantamentos de situações significativas, partindo da importante construção do conhecimento com a comunidade.

Vocês brilharam. Parabéns para vocês duas e ao docente Carlos Henrique.

É desta educação dialógica que precisamos, para transforma nossa sociedade.

Maria Karina on 8 de fevereiro de 2017 at 15:02 said:

Obrigada, Grazielle pelos elogios. A principal ideia nesse artigo é mostrar como há diferentes formas de manifestação do letramento, sendo este não somente relacionado com a escrita e a fala padrão, mas sim estes em seus contextos sociais. Afinal o letramento é mais do que saber ler e escrever, mas são práticas sociais e outros movimentos que ocorrem com os indivíduos dentro dos seus respectivos contextos de vivência. Grazielle eu leio preferencialmente os artigos da doutora SOARES, questiono algumas coisas, mas ela faz uma relação bastante condizente sobre a teoria e prática, e nessas relações a gente vai perceber como o letramento também se mostra presente, se você se interessar na leitura, acho que você vai saber fazer uma leitura bastante crítica e vai ser muito discutirmos isso.

Murilo Gentil on 10 de fevereiro de 2017 at 8:05 said:

Bom dia!

Foi muito bom ler o texto de vocês.

Uma boa contribuição à educação.

Leciono na EJA e tenho tentado envolver a turma em pesquisas.

Tem sido difícil, desafiador mas muito estimulante.

Mas percebo que, quando se envolve as pessoas mais velhas da comunidade, os outros acabam levando mais a sério.

Creio ser uma espécie de respeito pela história da comunidade.

055 on 10 de fevereiro de 2017 at 10:26 said:

Obrigado Grazielle, é imensamente prazeroso termos nosso trabalho comentado por você e demais participantes. A ideia de foi realmente mostrar as diversas formas de letramentos que percorrem no nosso cotidiano. A realização desse trabalho em poder analisar a diversidade de letramento que existe de uma comunidade para outra sendo de um mesmo município foi muito enriquecedor.

Suzana dos Santos Gomes on 13 de fevereiro de 2017 at 2:53 said:

Prezadas Karina e Kelly,

Parabéns pelo trabalho apresentado.

Temos muito que aprender sobre o letramento do campo: a terra, a comunidade, o trabalho do dia a dia são experiências autênticas para que a aprendizagem aconteça na interação com outro.

Parabéns!

Suzana Gomes

Kelly on 14 de fevereiro de 2017 at 17:21 said:

Obrigado!

Sim realmente as realidades que o campo nos oferece são inúmeras o letramento é uma das práticas mais comum é mais importante que as pessoas camponesas estão presente no dia a dia.

carvalhoup on 6 de fevereiro de 2017 at 15:30 said:

Parabéns às autoras pelo trabalho realizado e o olhar direcionado às escolas do campo. Dar visibilidade aos letramentos nesse espaço e valorizar as práticas sociais dos atores envolvido é muito significativo.

Kelly on 14 de fevereiro de 2017 at 17:27 said:

Obrigado!

Realmente a idéia é dar visibilidade a um conhecimento tão lindo que está presente no campo. Aumentar o valor ao letramento que está fortemente presente na realidade das pessoas camponesas. Grata pelos elogios.

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 22:55 said:

As experiências práticas são sempre muito elucidativas. Fico satisfeito em ler as reflexões empoderadoras sobre letramentos nas comunidades Gangorra e Genipapo. Acho que a decisão pelas entrevistas foi especialmente feliz, pois ouvir os sujeitos é uma decisão metodológica inteligente em se tratamento de pesquisa de culturas. A comparação, mesmo que rápida, devido ao exíguo espaço de um artigo destinado à publicação on-line, é a cereja do bolo. Parabéns às autoras!

Tiago da Silva Bezerra on 7 de fevereiro de 2017 at 11:15 said:

Este trabalho de pesquisa é muito interessante porque mostra a importância da leitura e escrita na sociedade letrada. Em se tratando disto, de modo explícito é possível perceber que a forma por meio da qual, a senhora citada neste artigo

tem conhecimento a despeito de questões inerentes às celebrações litúrgicas, como também a ausência da apropriação do sistema de leitura e escrita possibilita os indivíduos estar inseridos no mundo letrado. Então, as concepções de leitura e escrita, associadas ao aspecto cultural oscilam em função do tempo, possibilitando o homem atuar de forma efetiva no contexto no qual, estão inseridos socialmente.

Jessicacsantos on 7 de fevereiro de 2017 at 13:39 said:

Parabenizo as autoras pelo tema escolhido!

Apesar de ser enfermeira e futura educadora acadêmica, observo que na minha profissão e na sociedade de forma geral o processo de aprendizagem se dá de modo diferente. Nesse sentido, o conceito de letramento deve ser entendido, absorvido e utilizado para melhorar trabalhar com o nosso cliente e com o outro de modo geral. Então, saber como o outro se comunica, se expressa, qual a linguagem usada por ele e a história por trás do seu letramento é um facilitador na relação profissional de saúde e cliente.

Maria Karina on 8 de fevereiro de 2017 at 15:20 said:

Exatamente Jessica, o segredo das nossas relações sociais e a escolha da linguagem que usamos, está bastante enfatizada no seu comentário, voltada para o contexto dos indivíduos, a que público estamos comunicando e como usar a língua como facilitadora dessa comunicação. Como profissionais, para atender suas especificidades e particularidades, temos que estar buscando trabalhar de acordo os contextos de vida dos indivíduos.

Carlos Castro on 7 de fevereiro de 2017 at 21:01 said:

As experiências práticas são sempre muito elucidativas. Quando elas vêm comparadas trazem um texto ainda mais rico. É o que acontece com este relato das comunidades Gangorra e Genipapo sobre suas experiências com leitura e escrita a partir da percepção de jovens adolescentes e de adultos acima dos 50. A decisão metodológica de ir até as comunidades entrevistar seus sujeitos e motivá-los a falar de suas experiências com o texto é muito acertada, tendo em vista que se trata de uma leitura das culturas de letramentos dessas comunidades. Só tenho que parabenizar as autoras!

Bruna Bretz on 7 de fevereiro de 2017 at 23:36 said:

Rica abordagem desse artigo..

A influência simultânea do processo de aprendizagem e a formação cultural e social do indivíduo, durante o processo de formação e solidificação da mesma. Demonstra como a linguagem é a junção de todos esses aspectos, evidenciados no artigo, e o papel da escola de fazer a integração desses agentes .

Parabéns aos autores.

Veronica de Souza Campos on 8 de fevereiro de 2017 at 11:01 said:

Muito interessante o escopo do artigo e a metodologia utilizada.

Eu apenas não compreendi muito bem a concepção causal de linguagem que foi introduzida já no final do artigo, onde consta: "(...) A relação entre a fala, entre a linguagem e a cultura, é o muito próxima e de causa e consequência, pois se a cultura muda obteremos algo novo também na língua desse grupo." — não é mais razoável pensar que cultura e língua se implicam mutuamente, e não que a primeira é causa eficiente da segunda?

Maria Karina on 8 de fevereiro de 2017 at 16:02 said:

Baseando na concepção que a fala antecede a escrita e outras formas de manifestação através da linguagem, e que tanto a nossa língua como a cultura são híbridas. Assim quando ocorre uma variação linguística dentro de um determinada língua como prática social introduzida nesse grupo causa um mudança mais sado grupo, conseqüentemente a cultura dele sofre uma mudança mesmo que superficial, significativa nessa cultura, pois quando se muda o jogo do discurso que é também consequência das aberturas que a língua tem, acredito que a língua trabalhada como identidade e especificidade de determinado grupo ela faz parte da cultura de tal e se esta muda a cultura também sofre mudança e vice-versa. Nas duas ultimas linhas o artigo continua (...) mudança na cultura pela abertura de uma nova prática social dentro de um específico grupo cultural.(...)

pachecofranklin9 on 8 de fevereiro de 2017 at 16:43 said:

Ótimo artigo, meus parabéns!

Uma abordagem excelente para os leitores graduados em letras, amei.

Rebeca Freitas on 8 de fevereiro de 2017 at 17:53 said:

Gostei bastante do artigo, achei interessante a metodologia aplicada! Parabéns.

bfp on 8 de fevereiro de 2017 at 18:03 said:

Parabenizo as autoras pela temática e pelo público alvo!

A metodologia escolhida foi excelente porque a roda de conversa facilita a troca de informações por proporcionar um ambiente informal. A pesquisa de campo auxilia o meio acadêmico a perceber a realidade, por isso esta pesquisa é muito enriquecedora. E a importância dada a língua e a forma de comunicação demonstra que as autoras realmente se preocuparam com as informações que seriam coletadas na comunidade.

Marilene Rosa Dos Santos on 9 de fevereiro de 2017 at 8:30 said:

Foi uma escolha muito interessante meninas, retrata bem a realidade de muitas comunidades, inclusive da minha comunidade. Trazendo fatos reais, valorizando os saberes e a forma que foram letrados.

JESSICA BRUNA on 9 de fevereiro de 2017 at 9:59 said:

A reflexão acerca da aprendizagem da leitura e da escrita por alunos da Educação Infantil, em especial na pré-escola, é de fundamental importância na garantia de uma educação que busca atender de forma adequada as necessidades das crianças.

Rubia Mara Ferreira on 9 de fevereiro de 2017 at 21:59 said:

A abordagem das autoras é fundamental, pois, é importante pensar na questão do letramento para além das grandes cidades e torná-lo também uma realidade nas comunidades do campo, afinal, somente ler e escrever não é suficiente para uma inserção satisfatória nos vários níveis de relações sociais. Embora o artigo tenha ficado interessante, acredito ser este um tema interessante para se fazer um aprofundamento maior na temática, na metodologia e conseqüentemente, nos resultados finais, de outras pesquisas, enriquecendo, assim, através de novas possíveis pesquisas, e utilizando de novos métodos a temática abordada.

AndreiaMelo on 10 de fevereiro de 2017 at 14:59 said:

É muito interessante como as pessoas que não tiveram a oportunidade de ir à escola, se alfabetizam, fazem conta e conseguem transformar a comunidade que vivem. Essas pessoas possuem a vontade, o interesse de fazerem a diferença, de

conquistar alguma forma de independência linguística. O artigo é muito interessante, ao mostrar exemplos de como a linguagem faz falta para algumas pessoas e a força e vontade de conquistá-la. Mas também que, mesmo pessoas que são analfabetas, possuem o letramento, que sempre as auxiliam no cotidiano e na conquista da comunicação, do entendimento.

Roberta on 10 de fevereiro de 2017 at 20:24 said:

Esse evento tem sido muito interessante, prova que tem muita coisa boa produzidos por nossos professores de diversas regiões no Brasil, e a educação a distância possibilita isso, que tenhamos contato com essa gama de trabalhos que tem feito a diferença por aí e ao mesmo tempo serve de formação continuada para nós. Parabéns ao organizadores do evento e aos participantes, tenho lido muitas contribuições excelentes para nossa prática pedagógica na escola.

flaviachaves99@gmail.com on 10 de fevereiro de 2017 at 22:03 said:

Parabéns as colegas Maria Karina e Kelly pelo tema escolhido. É muito importante ver no trabalho de vocês as diferentes formas de letramento, levando em conta os saberes populares das suas comunidades, pois as manifestações de letramento vão além da escrita ou da fala considerado-as formais, o texto também mostra que tais manifestações podem ser encontradas no meio social dentro das comunidades do campo. Dessa forma, o trabalho de vocês nos mostra que o processo de letramento e a aprendizagem vai além da escola, mostrando que nas comunidades há uma riqueza de ensinamentos a serem passados.

Martiniana Ferreira on 12 de fevereiro de 2017 at 16:37 said:

Hoje o letramento constitui o ponto de partida a partir do diagnóstico da turma, onde o professor usará os conhecimentos prévios dos alunos para a elaboração de sua prática pedagógica. Em se tratando dos alunos do campo, os saberes tornam-se peculiares e enriquecedores.

Fabiana on 13 de fevereiro de 2017 at 16:41 said:

Boa tarde,

Este trabalho nos mostra a valorização de outros contextos de letramento.

O letramento pode estar presente em diversos contextos seja sociais seja culturais.

Gostei do artigo de vocês, me fez refletir, pensar e mudar alguns conceitos.

Parabéns!

carlathatiane on 14 de fevereiro de 2017 at 12:16 said:

Parabéns pelo trabalho. Mostram com experiências a importância do letramento em nossa sociedade e como as pessoas do campo tem o interesse de desenvolver suas habilidades, mostrando que vai muito além da simples reprodução de habilidades de leitura e escrita, mas de todo um contexto social.

manufolador on 14 de fevereiro de 2017 at 16:53 said:

Muito interessante a abordagem do artigo! Mostra que as relações humanas com a linguagem se dão em configurações distintas do que é ensinado na educação formal, perpassando contextos sociais, culturais e econômicos. Se, na educação formal, aprendemos a fazer contas simples e a ler e escrever antes de precisarmos dessas habilidades no dia a dia, os personagens do artigo passaram por esse processo de aprendizado pela necessidade de utilizá-lo. A diversidade de processos de comunicação nos contextos rural e urbano foi muito bem explorada no artigo, parabéns às autoras.

Flavia Idalina Alves moreira on 14 de fevereiro de 2017 at 21:32 said:

No artigo percebi a ligação entre as praticas Sócias dentro da comunidade, como a participação em celebração como ato de letramento.

percebe-se que não ter frequentado uma escola convencional, não interfere no aprendizado do sujeito de pesquisar. Através do fortalecimento, do convívio ativo comunitário.

digo o sujeito compreendera sobre matemática, sobre a linguagem verbal e também não verbal, ou seja a própria comunicação com o outro com a sociedade nos letra.

Parabéns meninas pelo artigo!

Lucilialisboa on 14 de fevereiro de 2017 at 21:55 said:

Boa Noite!

A interdisciplinariedade que vocês fizeram no trabalho mostra que tudo em favor a educação é possível mesmo com as dificuldades encontrada no caminho.

sandrasilva on 14 de fevereiro de 2017 at 22:00 said:

Oi, Karina e Kelly!

Algo que me chamou atenção no trabalho desenvolvido por vocês é que, por trás da realização do mesmo, há alteridade envolvida. Vocês se dispuseram a de fato conhecer uma outra realidade, conhecer o outro e suas percepções, para depois poderem construir o artigo, o que conferiu maior propriedade ao mesmo. Gostei muito da iniciativa. Parabéns!!!

Andreia Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 22:02 said:

Meninas parabéns pela metodologia usada o texto é muito interessante e traz informações valiosas a particularidades de quase todas as comunidades a fé. O início dos tipos de letramento da leitura e da escrita que sempre é iniciado pelo interesse do individuo e praticamente sozinhos, pois o acesso a escola sempre foi e ainda é difícil.

Mas também existem os letrados que muitas das vezes não assinam o próprio nome mas sabem a matemática e usam métodos diferenciado para fazer contas sem usar nem mesmo uma folha para rascunho nem tão pouco a calculadora .Isso é muito importante de ser mostrado o valor do povo do campo .

laudareslivia on 14 de fevereiro de 2017 at 23:46 said:

é sempre interessante ver o pensamento prático acompanhar as ações da universidade. Falando de educação então, é essencial que os olhos da prática reflitam a teoria. Pensar nas formas de provocar comoção e estimular o aprendizado do aluno através de elementos que compõe seu cotidiano é uma forma de garantir que esses alunos se sintam parte do sistema educacional, e não domados por ele.

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 13:00 said:

Parabéns Meninas!

A pesquisa apresentada só reforça a ideia do Letramento de Mundo.

Interessante quando vocês relatam a disposição dos entrevistados para ajudar no trabalho, apesar das dúvidas quanto Língua e Linguagem, o esforço para compreender é notório nos mesmos.

Excelente artigo.

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 12:41 said:

Parabéns Meninas!

A pesquisa apresentada por vocês só reforça a ideia do Letramento de mundo, as pessoas entrevistadas principalmente os idosos identificados no texto são provas concretas de que para sermos indivíduos letrados em algo (Escrita, oralmente, Calculando) basta a força de vontade de querer aprender!

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 12:54 said:

Parabéns Meninas!

A pesquisa apresentada só reforça a ideia do Letramento de Mundo.

Interessante quando vocês relatam a disposição dos entrevistados para ajudar no trabalho, apesar das dúvidas quanto Língua e Linguagem, o esforço para compreender é notório nos mesmos.

Excelente artigo.

Ma on 16 de fevereiro de 2017 at 0:05 said:

Parabéns pelo trabalho!

ANEXO G – HQ’S e música na aprendizagem e nos letramentos

Disponível em: <http://ueadsl.textolivre.pro.br/blog/?p=7885>

ARTIGO - HQ’S E MÚSICA NA APRENDIZAGEM E NOS LETRAMENTOS

Janaína Dos Santos Ferreira¹, Flávia Idalina Alves Moreira², Sandra Moreira da Silva³.

1 Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri / janainafferreira21@hotmail.com

2 Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri / flavi-aa422@gmail.com

3 Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri / drioki-au@yahoo.com.br

Resumo – *O presente estudo visa analisar as influências de histórias em quadrinhos e da música na aprendizagem de estudantes no ensino fundamental. Serão analisados textos do livro Memórias de letramentos: vozes do campo produzidos por graduandos da UFVJM. Demonstrar-se-á contribuições que HQ’s e músicas trazem para o aprendizado no universo citado.*

Palavras-chave: Letramento, HQs, Músicas.

1. Introdução:

O presente estudo visa analisar as influências das histórias em quadrinhos e a música no processo de aprendizagem como ferramentas para os letramentos, considerando como beneficiam o conhecimento, sobretudo, na percepção dos vários tipos de linguagem.

Serão analisados três textos produzidos por estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) do curso de Linguagens e Códigos presentes no livro “Memórias de letramentos: vozes do campo”, produzido como atividade didática de uma disciplina, identificando aspectos semelhantes e resultado entre as três histórias de letramento do respectivo livro.

2. Memórias de Letramentos: Vivendo e Apreendendo

Segundo Soares (2002), um dos conceitos da palavra letramento se refere “às práticas sociais de leitura e escrita e aos eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade.”

Pensa-se que o nível de letramento em algumas circunstâncias é avaliado pela variedade de gêneros textuais escritos e orais que a criança ou adulto reconhece e produz. Assim, a criança que interage em um ambiente onde circulam a leitura e a produção, ou leem e contam histórias, sejam em revistas, livros ou jornais, estará mais preparada para assimilar certos conteúdos disponibilizados pela sociedade. Assim, letramento diz respeito à capacidade que as pessoas têm de lidar com textos em situações sociais. Uma pessoa com essa capacidade é denominada letrada.

Ao utilizamos o termo letrada, não significa que as pessoas não alfabetizadas não são letradas. O que ocorre é que o conceito de letramento abrange primeiramente a linguagem falada, uma vez que, na vida, aprendemos a falar, produzindo enunciados reais, antes de escrever. Dessa forma, para que tenhamos nos letremos nos gêneros textuais escritos, é necessário que apreendamos o essencial: produzir enunciados.

Segundo Bakhtin:

a língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam (1997, p. 301)

Os estudos sobre as HQs e a música vão além da sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo das crianças na faixa etária da escolaridade. Em observações das três autoras nas escolas que estudaram e/ou estagiaram notou-se que usar música ambiente e/ou como instrumento pedagógico, contribui não só para “relaxar” os ânimos na sala de aula como também para melhor retenção do conteúdo. Em uma determinada turma do ensino fundamental, a professora de ciências costumava ensinar sobre as vitaminas cantando com os alunos. O resultado disso é que a classe sabia de A a Z para que cada vitamina era benéfica sem precisar ficar “atrelados” pura e unicamente em livros. Eles aprendiam de uma forma prazerosa e interessante. Historinhas em quadrinhos também assumem um papel significativo na aprendizagem e letramento das crianças. Essas histórias, que em poucas palavras transmitem muito, as levam a conhecer personagens fabulosos, com características diversificadas e lugares além de seu próprio mundo.

Ao analisamos as histórias das três estudantes do curso, observa-se que as discentes eram expostas praticamente aos mesmos gêneros textuais como, por exemplo, revistas, folhetos, cantigas de roda etc.

Segundo as histórias analisadas, essas manifestações de letramento conduzidas de forma meio leigas, principalmente com as músicas e as estórias, marcaram a vida das estudantes de tal forma que as letras das músicas ficaram gravadas no pensamento e notamos então, que, de uma maneira inocente, ensinavam alguma coisa. Isso pode-se ver no relato de música presente um dos textos analisados:

Depois de brincar no chão de areia a tarde inteira... antes de comer, beber, lamber, pegar na madeira... lava uma mão, lava outra... lava uma mão... mão... mão... mão.

Verifica-se que há um ato intencional educativo na letra da canção, mesmo que seja em uma função lúdica, que é o ato de lavar as mãos. É notório que as crianças apreendam mais quando são apresentados a elas objetos que contradizem a sua realidade, como, por exemplo, os desenhos animados, os contos de fada, pinturas, fantoches, etc. conforme pode ser notado no trecho abaixo em que há presença de seres fantásticos:

Lembro-me de uma princesa-senhorita guerreira, de um baú que guardava um chifre com poderes e de uma vilã da qual a senhorita guerreira sentimentalmente cantava para alguém 'hortaleiro, hortaleiro, cadê dom príncipe com a sua morotó?

Em outros casos, percebe-se que através da música é possível dialogar com outros gêneros, como, por exemplo, a relação tão próxima e direta que muitas músicas têm com o gênero poema.

Lembro-me de uma poesia que declamei de Cazusa. Nossa! Essa sim marcou minha vida! Fiquei treinando por 22 dias e, a partir daí, passei a amar fazer teatros e declamar.

Além disso, há composições musicais, que além da beleza poética em si, lançam base pra discussões sociais, históricos etc. Na verdade, leitura é um processo constante: para cada novo livro, revista, filme, etc., há uma nova experiência e um novo aprendizado. Leitura é um processo contínuo de desconstrução, construção e renovação. E assim vamos nos formando nos humanizando e nos apoderando de novos letramentos.

3. Conclusão:

Através deste trabalho notamos que há muito o que se pesquisar sobre os letramentos, mas pode se concluir que as estórias em quadrinho e as músicas contribuíram significativamente para o processo de ensino/aprendizagem de várias crianças.

No entanto, os profissionais de educação e linguagem necessitam desenvolver estratégias pedagógicas eficazes em seus mais variados espaços educacionais, para enfrentar os desafios que estão colocados: alfabetizar o maior número de sujeitos, preparando-os para atuar adequadamente no século do conhecimento.

Por fim a realização deste artigo nos possibilitou aprofundarmos no tema Letramento, quanto futuras educadoras do campo é de suma importância conhecer e pesquisar sobre diversos Gêneros Textuais e Discursivos.

4. Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M. *O problema dos gêneros discursivos*. In: Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

SOARES, M. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002

COMENTÁRIOS - 75 THOUGHTS ON "HQs E MÚSICA NA APRENDIZAGEM E NOS LETRAMENTOS"

RODRIGO COSTA on 6 de fevereiro de 2017 at 11:19 said:

O processo de letramento e escolarização está intimamente ligado aos processos de comunicação com o consciente e subconsciente, e nesse sentido, uma comunicação com o aluno através de processos que comuniquem nesses dois sentidos pode trazer muitos benefícios. Tanto música, quanto histórias em quadrinho, comunicam através da emoção e a correlação com outros aspectos da memória que com certeza podem fazer com o que o percentual de absorção de informações e o processo de criação do conhecimento à partir da reflexão seja um tanto ampliado. Nesse sentido considero útil um pensamento à partir dos estudos psicológicos e neuro linguísticos, associado às técnicas pedagógicas práticas de educação que, no meu ponto de vista pode gerar um processo de educação efetivo e eficaz por sua natureza e além disso muito mais leve de ser conduzido tanto em sala de aula, quanto em qualquer outro ambiente, o que proporcionará um ambiente estimulador a professores e alunos.

jucimar antonia teodoro on 8 de fevereiro de 2017 at 13:51 said:

Esse artigo me chamou muito a atenção principalmente quando fala em aprendizagem prazerosa e interessante, que a meu ver, muitos professores iniciantes buscam incansavelmente. Além disso, mostra possibilidades para que o aluno descubra o novo de forma significativa para ele.

Alexandra Monticeli on 6 de fevereiro de 2017 at 14:47 said:

Olá! Gostaria de entender como a música efetivamente auxiliou para que os alunos tivessem um maior nível de aprendizado. Houve algum teste aplicado que demonstrou tal melhora significativamente?

Sandrasilva on 10 de fevereiro de 2017 at 17:08 said:

Olá, Alexandra! No meu caso, a experiência com a música na aprendizagem se deu de duas formas: Memorização e Reflexão. Na quinta-série, tive uma professora de ciências que ensinava sobre as funções das vitaminas cantando uma musiquinha que virou repertório na turma. Até hoje me lembro de algumas passagens: “Nós somos as vitaminas e temos várias funções, defendemos o organismo de várias infecções (...) escorbuto só se tem quem a ‘C’ não quer usar, pois evita hemorragia que nos pode até matar”. E assim a música falava das vitaminas e a gente aprendia de forma bem animada e memorizava o conteúdo. No que concerne à reflexão, a música também desempenha um papel significativo auxiliando no posicionamento crítico-reflexivo do aluno. Nas aulas de geografia, 7º e 8º séries, a professora costumava aliar música pertinente ao conteúdo que ela estava trabalhando. Cito aqui, como exemplos, “Cidadão” (com o Zé Ramalho), que perpassa problemas sociais. Uma outra música que essa professora utilizou em outra ocasião foi “Parabolicamará” (Gilberto Gil). O conteúdo abordado na disciplina era sobre as transformações na sociedade em relação à tecnologia. Com essa metodologia, abria-se espaço para discussão considerando também as letras das músicas junto ao conteúdo. Eu e a maioria da classe considerávamos as aulas bem interessantes e conseguíamos compreender os assuntos abordados.

Bom, espero que eu possa ter contribuído em responder a sua pergunta. Muito obrigada pela participação!

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 17:46 said:

Boa Tarde Alexandra!

Infelizmente não houve nenhum teste comprobatório para tal afirmação.

O que temos são relatos de algumas pessoas cujo a Música e as HQs contribuíram de certa forma para o seu desenvolvimento cognitivo, ou podemos afirmar segundo os depoimentos que as Músicas foram um facilitador para melhor compreensão de algumas temáticas/ conteúdos ministrados em sala de aula.

Existem dois artigos interessantes sobre o Tema Música na sala de aula caso você queira ler!

“A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA APRENDIZAGEM”

Autores: Carina de Faveri Ongaro

Cristiane de Souza Silva

Sandra Mara Ricc

“A Música Como Recurso para a Aprendizagem do Aluno Hiperativo: Relato de uma Experiência”.

Autores :Adriana Catarina de Carvalho de Paiva.

Maria Bernadete Zagonel.

Maria de Nazaré Vasconcelos Arouck.

Silene Trópico e Silva.

Grata Por Você ter Participado!

Kainan Belato on 6 de fevereiro de 2017 at 15:01 said:

Olá. Gostaria de saber que tipo de música foi usada quando as autoras relatam terem usado “música ambiente” para “relaxar” os ânimos na sala de aula?

Flavia Idalina Alves Moreira on 10 de fevereiro de 2017 at 17:48 said:

Quanto educadora, pode usar a música como forma de beneficiar a aprendizagem dos alunos. Como por exemplo, a música “cuitelinho”, que corresponde ao conteúdo de concordância nominal e variação linguística. como também a musica “Eu Canto” (Raimundo Fagner) que corresponde ao conteúdo de conjunção coordenativa explicativa e aditiva. Assim, em vez de apenas explicar o conteúdo para os alunos, o professor pode levar exemplos empíricos para sala de aula e que contemplarão a realidade dos alunos. A partir daí o professor pode analisar com seus alunos as diferenças da língua.

espero ter conseguido responder sua pergunta.

grata pela participação!

Flavia Idalina Alves Moreira on 10 de fevereiro de 2017 at 18:10 said:

Quanto educadora, pode usar a música como forma de beneficiar a aprendizagem de seus alunos. Como exemplo, pode citar a música "cuitelinho", que corresponde ao conteúdo de concordância nominal e variação linguística. como também a musica " Eu canto" (Raimundo Fagner) que corresponde também os conteúdos conjunções coordenativas explicativa e aditiva. Assim, em vez de apenas explicar o conteúdo para os alunos, o professor pode levar exemplos empíricos para sala de aula e que contemplarão a realidade dos alunos. A partir daí o professor pode analisar com seus alunos as diferenças da língua.

Flavia Idalina Alves Moreira on 10 de fevereiro de 2017 at 18:11 said:

Espero ter respondido sua pergunta.
grata pela participação

lily33 on 6 de fevereiro de 2017 at 17:04 said:

Esse artigo mostra o verdadeiro valor de se usar quadrinhos e músicas, além de fantoches e outros recursos audiovisuais para propiciar o Letramento.

lucianacaixeta on 6 de fevereiro de 2017 at 20:15 said:

Parabéns pelo trabalho! Aliar o uso da ludicidade com o letramento é muito interessante!

Abs, Luciana Caixeta

Carlos Castro on 6 de fevereiro de 2017 at 23:11 said:

Muito legal ver o relato de um trabalho lúdico, a partir de músicas e de quadrinhos, realizado por estagiárias licenciandas, com resultado de sucesso em letramentos diversos. Mais interessante ainda é notar que o trio de autoras consegue perceber o potencial do material e da metodologia que escolheram a partir da prática social da docência e em consonância com as teorias de letramento e da enunciação. É o que se espera de um curso de licenciatura que forma boas professoras como vocês já são.

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 23:02 said:

Obrigada Professor Carlos!

CleberonPB on 7 de fevereiro de 2017 at 0:33 said:

A proposta de aulas envolvendo materiais que os alunos verdadeiramente gostam, a exemplo dos quadrinhos, é uma grande oportunidade para toda a comunidade escolar. Parabéns pela escolha da temática.

Tiago da Silva Bezerra on 7 de fevereiro de 2017 at 11:29 said:

Interessante proposta didático-pedagógica no processo de ensino-aprendizagem porque visou levar os alunos a estudar de forma lúdica sem o excesso de memorização. Além disso, é essencial que sejam aliados conteúdos, recursos didáticos, como também a sua ressignificação dentro do contexto da educação formal. Assim, do ponto de vista didático foram aliados os três pontos essenciais quanto ao planejamento de ensino, ou seja, os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

deboraracy on 7 de fevereiro de 2017 at 17:32 said:

Olá, parabéns pelo artigo.

Achei muito bacana o texto e importante ressaltar o ato intencionalmente educativo na letra da canção mencionada. Gostei muito da relação que estabeleceram entre a música e outros gêneros, sobretudo as HQs.

Muito bom! 😊

pdfdai on 7 de fevereiro de 2017 at 20:02 said:

O tema é pertinente e o artigo foi escrito de forma clara e elucidativa.

Bruna Bretz on 7 de fevereiro de 2017 at 23:45 said:

Na definição, letramento é " práticas sociais de leitura e escrita (...), assim, quadrinhos e música tornam mais palpáveis essa experiência, pois permite o teor da prática. O som, as imagens torna o estímulo cognitivo mais intenso. Na minha experiência pessoal, tive meus primeiros contatos com a leitura e aprendizado a partir dos quadrinhos, aquele famoso dos anos 80. Era prazeroso, agradável.

Veronica de Souza Campos on 8 de fevereiro de 2017 at 10:50 said:

Achei interessante a ideia de que a musica é capaz de proporcionar melhora na retenção do conteúdo. Mas uma coisa de que senti falta no artigo foi a descrição da origem desses resultados. Que testes empíricos foram realizados para

comparar a retenção de conteúdos por alunos submetidos à música ambiente e aqueles do grupo controle? Acredito que apenas mediante esse tipo de teste é possível saber se a música de fato influenciou, bem como levantar dados quantitativos.

Carlos Magno on 8 de fevereiro de 2017 at 11:52 said:

Achei muito interessante o estudo. Entretanto, tenho minhas dúvidas com relação às HQ's. Eu sempre fui um ávido leitor de HQ's, mas tenho a impressão que crianças em fase inicial de letramento poderão ter uma certa dificuldade com os quadrinhos. Pois muitas vezes as falas contidas nos balões nem sempre tem uma correção direta com imagens contidas no quadro. Isso poderia causar uma certa confusão nestes indivíduos em fase inicial de formação.

Quanto a música, sempre fui um defensor de sua utilização em sala de aula, principalmente em aulas de língua estrangeira.

Parabéns pelo trabalho.

brunoggsiq on 8 de fevereiro de 2017 at 13:17 said:

Muito interessante e atual a discussão que o artigo propõe. No que concerne a música como proposta pedagógica é interessante notar que muitos de nós já passou por situação parecida e provavelmente lembra de algum momento de aprendizagem com cantigas. Quanto às HQ's, seria muito interessante ver de fato a disseminação do conhecimento através deles. As histórias quando contadas com imagens (quadrinhos) proporcionam uma maior retenção da atenção.

Muito bom o artigo.

Pati on 8 de fevereiro de 2017 at 14:03 said:

Utilizar músicas principalmente cantigas regionais e HQ's para alfabetizar é uma estratégia muito interessante, por ser lúdico desperta e prende a atenção principalmente das crianças. Com os quadrinhos é possível despertar o gosto pela leitura tornando-se uma ponte para outras formas de leitura. Esses tipos de técnicas são muito úteis para o processo de aprendizagem. Parabéns para os autores pela iniciativa.

jucimar antonia teodoro on 8 de fevereiro de 2017 at 14:07 said:

Esse artigo me chamou muito a atenção principalmente quando fala em aprendizagem prazerosa e interessante, que a meu ver, muitos professores iniciantes buscam incansavelmente. Além disso, mostra possibilidades para que o aluno descubra o novo de forma significativa para ele.

wagner on 8 de fevereiro de 2017 at 15:16 said:

minha infância toda na escola passei aprendendo tudo com cânticos, musiquinhas e etc... Até hoje em dia eu com 25 anos ainda utilizo técnicas de memorização musical na qual eu acho indispensável para meu aprendizado, muito bacana esse artigo, parabéns aos autores.

Flavia Idalina Alves Moreira on 10 de fevereiro de 2017 at 17:58 said:

Fato Wagner, lembro que aprendi também a contar os numero com a cantiga "mariana canta um mariana canta dois".

Flavia Idalina Alves Moreira on 10 de fevereiro de 2017 at 18:04 said:

Fato wagner, também lembro que aprendi a contar os numerais com a cantiga, "mariana canta um mariana canta dois."

pachecofranklin9 on 8 de fevereiro de 2017 at 16:40 said:

Parabéns aos autores pela abordagem. Trabalhar com novas propostas didáticas fazem as aulas se tornarem prazerosas e não mecanizadas. Vale ressaltar ainda que, as HQs são ótimos recursos para o processo de ensino e aprendizagem.

Amamt on 8 de fevereiro de 2017 at 18:39 said:

Parabéns aos autores.

Achei bem interessante a proposta.

Realmente a música e os quadrinhos podem contribuir de forma lúdica para diversos campos de aprendizagem, sobretudo porque ativam diversas áreas no cérebro.

Os quadrinhos podem estimular o gosto pela leitura e as músicas podem ser utilizadas para ensinar diversos contextos.

Contudo, no caso da música, deve-se ter um certo cuidado se ela for usada para relaxamento. Concordo com os autores no fato de que muitas técnicas devem ser desenvolvida mas a proposta pode levar a bons resultados.

bfp on 8 de fevereiro de 2017 at 20:01 said:

A temática do artigo é muito interessante pois demonstra a importância da música e do HQs para o nível de letramento. O que quebra alguns paradigmas estabelecidos pela sociedade e auxilia os professores usarem gêneros textuais escritos e orais usualmente não utilizados. Parabéns pelos autores pela iniciativa.

Alice Soares on 8 de fevereiro de 2017 at 21:56 said:

Parabéns as autoras pelo trabalho! Gostei da proposta de terem trazido o gênero HQ para sala de aula, mostrando que o letramento não se dá unicamente pelos gênero “elitizados”, mas pelas diferentes formas de interação/socialização que a linguagem oral /escrita oferece. Parabéns pela escolha dos gêneros e por terem desenvolvido um processo de ensino – aprendizagem significativo.

Marilene Rosa Dos Santos on 9 de fevereiro de 2017 at 8:43 said:

Esse artigo nos desperta para a percepção de que a aprendizagem, o letramento não esta somente nos livros didaticos, que há outras formas de trabalharmos e estimular o letramento com as turmas.

JESSICA BRUNA on 9 de fevereiro de 2017 at 9:53 said:

Para a alfabetização e letramento na Educação Infantil sabemos que são necessários recursos, como a disponibilização de diferentes gêneros textuais às crianças e práticas, como contar histórias, rodas de leitura e músicas, por meio das quais, o professor pode aproveitar o conhecimento prévio das crianças, como uma ponte para a elaboração das próximas etapas.

Jordhana Raposo on 9 de fevereiro de 2017 at 12:23 said:

Muito interessante pensar que passei pelo processo de letramento com músicas e histórias em quadrinhos e nunca reparei nas questões levantadas no artigo: como os quadrinhos ao trazer diversas linguagens textuais colabora para nossa capacidade de compreensão e interpretação, como as músicas , memso lúdicas, facilitam no aprendizado de certa matérias além de passar mensagens educadoras como lavar as mãos ou escovar os dentes.

Gilma on 9 de fevereiro de 2017 at 14:00 said:

Acredito que quanto maior a variedade de meios para se ensinar, maior o alcance de pessoas que teremos. A multimodalidade é extremamente bem vinda e a música já está consolidada como importante para o aprendizado em geral.

LucasRD on 9 de fevereiro de 2017 at 14:36 said:

Apesar de o artigo ser curto e não apresentar a metodologia e maiores detalhes, o resultado é bem conveniente, uma vez que esses recursos são intensamente usados na educação e na própria casa, através de desenhos educativos. Associar o aprendizado ao lúdico é essencial na educação infantil, uma vez que as crianças não possuem um senso de responsabilidade em armazenar informações com objetivos pragmáticos.

Elaine Assunção on 9 de fevereiro de 2017 at 21:30 said:

Parabéns pelo trabalho, Ana Cláudia. Nossos estudantes estão necessitados de propostas de ensino como a sua que incentiva a aprendizagem de uma forma prazerosa.

Elaine Assunção on 9 de fevereiro de 2017 at 21:40 said:

Janaína, Flávia e Sandra, desculpem pela confusão dos nomes. Imperdoável! Mas realmente, gostei muito do trabalho de vocês. Parabéns!

Murilo Gentil on 10 de fevereiro de 2017 at 8:46 said:

Bom dia!

Eu tinha grande preconceito sobre HQ. Achava que não era coisa muito boa de ser a não ser que a pessoa fosse uma criança.

Um dia na faculdade, fui sorteado a apresentar um trabalho sobre a história da HQ.

Este fato mudou minha maneira de encarar este tipo de obra e me descortinou um universo de possibilidades.

Tanto mudou que resolvi ler este trabalho.

Creio que faltou um cunho mais científico. Mas ficou bom.

Desejo sucessos.

AndreiaMelo on 10 de fevereiro de 2017 at 14:18 said:

Trabalhar com gêneros textuais e letramento é algo muito rico, podendo ser mostrado para as crianças de diversas maneiras. O modo como deverá ser

mostrado é de extrema importância, pois deve fazer sentido para elas. Todas as pessoas gostam de música, e as crianças não são diferentes. A música infantil desperta a alegria nos pequenos e serve para introduzir muitos assuntos e ajudar na preparação para determinados momentos, como a hora do lanche e de lavar as mãos. As histórias em quadrinhos são bastante atrativas para o processo de alfabetização e para crianças maiores. Muito conhecimento pode ser produzido através deste gênero, por que além das crianças gostarem de ler, elas adoram produzir as próprias histórias em quadrinhos. O artigo foi muito bom para pensarmos e desenvolvermos mais estas questões.

Jmarinho on 11 de fevereiro de 2017 at 0:06 said:

Olá! Parabéns pelo excelente trabalho!

Penso até que essas estratégias pedagógicas poderiam ser usadas nos cursos superiores, já li relatos que em cursos preparatórios e pré-vestibulares acontecem sempre.

Forte abraço.

Josilene e Márcia

flaviachaves99@gmail.com on 11 de fevereiro de 2017 at 12:48 said:

Parabéns meninas pelo trabalho.

Vejo pelo texto de vocês que as metodologias utilizadas para incentivar os alunos no letramento e alfabetização são muito validas, realmente entendo que a musica incentiva muita e ajuda a criança se interagir mais naquilo que está sendo proposto, quando estudava lembro-me da professora passar musicas com o alfabeto e isso era muito legal, outro ponto foi aprender a tabuada através da musica, então pela minha experiencia posso dizer que essa metodologia é muito valida e aceita pelos alunos. Quanto ao uso de HQs não pratiquei na escola, más pratiquei em casa e era muito interessante, principalmente, por que no final dos livrinhos tinham os quadrinhos para completar os nomes e associar o desenho com a palavra. Dessa forma podemos ver que formas de letramentos vão além daquelas conceituais, empregadas pela sociedade, isso nos mostra que existe uma variedade de gêneros que podem e devem ser explorados dentro e fora da sala de aula.

Debs Hertel on 12 de fevereiro de 2017 at 14:33 said:

Artigo muito interessante por abordar temas que fazem parte do cotidiano de muitas crianças, como as HQ e a música, e muitas vezes os responsáveis que acompanham estas crianças, tanto em casa quanto na escola não percebem como estes recursos são importantes para o desenvolvimento infantil, já que traz à tona conteúdos lúdicos. Interessante, também, a quebra do clichê – de que pessoas letradas são aquelas de boas formações, intelectuais etc – trazendo-nos à realidade o significado que acompanha a produção de enunciados e a linguagem falada. Artigo muito bem proposto, e que novos trabalhos sobre o assunto possam ser feitos para nos acrescentar mais conhecimento.

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 22:02 said:

Ótima Observação Debs,

Esse é o proposito: quebrar, desconstruir e construir algo que valorize o nosso conhecimento de mundo, e não só aquilo que aprendemos nas salas de aula!

E provavelmente outros artigos virão.

Obrigada pela sua participação!

Abraços.

Martiniana Ferreira on 12 de fevereiro de 2017 at 16:45 said:

Os quadrinhos sempre fizeram parte do imaginário criativo das crianças, podendo essa prática estar vinculada como estratégia de ensino onde os alunos vão ampliar suas próprias formas de ler o mundo. Eu tenho contato com quadrinhos desde criança e hoje, como estudante do curso de Pedagogia, faço uma reflexão acerca do papel tanto das revistinhas em quadrinhos, quanto dos livros didáticos e gêneros textuais em geral, em quanto podem contribuir satisfatoriamente para uma produção diferenciada e mais refinada de conceitos e aprendizados para todas as disciplinas.

Diego Henrique on 12 de fevereiro de 2017 at 23:54 said:

Confesso não ter compreendido muito o artigo, ele buscava analisar as influências desses recursos, mas pouco se falou deles. Quais foram os critérios de observações que permitiram as autoras chegar na conclusão de contribuição desses recursos? Pensando em relato de caso, como poderiam descrever?

Contudo, parableno pelo tema. Pois se estou aqui é por causa dele. Iniciativas que buscam trabalhar conteúdos extracurriculares como recursos para conteúdos comuns são de extrema importância no que tange a formação cidadã.

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 19:17 said:

Olá Diego Henrique,

O Objeto de estudo que fundamenta o artigo são baseadas em nossas próprias experiências relatadas no livro “Memórias de letramentos: vozes do campo”. Esse livro foi produzido por nós, Graduandos da Licenciatura em educação do Campo Ufvjm.

Quando você cita a Contribuição desses recursos, penso que somos prova viva de que esse recurso contribuiu significativamente para a nossa aprendizagem. O critério de observação foram as próprias experiências relatadas pelas outras duas Autoras(Sandra e Flávia), é como você mesmo escreveu “ Pois se estou aqui é por causa dele” foi nesta perspectiva que chegamos a nossa conclusão .

Obrigada pela participação suas dúvidas foram válidas !

Diego Henrique on 15 de fevereiro de 2017 at 11:15 said:

Obrigado pela resposta Janaina!

Onde posso encontrar alguma versão desse livro? Você pode disponibilizar?

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 14:04 said:

Oi Diego,

Como o livro foi um trabalho coletivo feito em sala de aula , e reuni várias memórias, tenho que buscar algumas informações sobre a sua disponibilidade para o público com o professor responsável O Carlos!

Responderei em breve!

Grata pelo interesse!

Abrços.

Janaina Ferreira on 15 de fevereiro de 2017 at 14:15 said:

Oi Diego,

Infelizmente o livro ainda não foi disponibilizado ao público online!

Eu tenho uma versão !

Você pode me enviar o seu Email, para eu possa enviar-lo?

Grata pelo Interesse!

Fabiana on 13 de fevereiro de 2017 at 16:48 said:

Olá meninas,

Gostei muito da linha traçada para a pesquisa. A ludicidade como meio de aprendizagem no letramento. Excelente proposta. Acredito que o resultado será muito positivo se colocado em prática. As crianças adoram aprender brincando. É uma proposta bastante motivadora. Parabéns!

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 22:04 said:

Obrigada pela Participação!

Leandro Castella on 13 de fevereiro de 2017 at 18:50 said:

Pessoal, boa tarde!

Muito interessante o tema desenvolvido por vocês. Acredito que tais estratégias ainda são pouco utilizadas no campo do letramento.

E algo que me lembrei logo no início da leitura do artigo quando falaram sobre a música que educa divertindo, era do programa Castelo Ra-tim-bum.

Sempre gostei muito da forma com que ensinavam as crianças com seus métodos lúdicos.

Acho que precisamos mais desse tipo de letramento sim.

Estão de parabéns.

Abraços!

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 22:35 said:

Oi Leandro,

Realmente a música é do programa!

Obrigada pela participação!

Pingback: Três artigos do UEADSL 2016/2 atingem marca dos mais comentados de todas as edições; confira – CAED – Centro de Apoio à Educação a Distância

Gustavo Machado on 13 de fevereiro de 2017 at 20:18 said:

No primeiro parágrafo da segunda página, o termo “utilizamos” está em discordância com o restante da frase. Acho que o segundo parágrafo da segunda página está demasiadamente extenso. Há ideias desconectadas com o texto e expostas aleatoriamente, talvez fosse interessante melhorar estes detalhes. Senti falta de embasamento nas afirmações feitas no artigo, pois não consegui perceber se são afirmações das autoras ou de outra pessoa e/ou trabalho. Notei alguns erros de escrita no trabalho também.

Sandrasilva on 13 de fevereiro de 2017 at 23:18 said:

Olá, Gustavo!

Primeiramente quero agradecer pela leitura e observações acerca do nosso artigo. Como você bem pontuou há ocorrências de erro em algumas partes. Eu diria que faltou uma maior atenção na hora de digitá-lo. As afirmações ao longo do artigo são baseadas em nossas próprias experiências relatadas no livro “Memórias de letramentos: vozes do campo”. Trata-se de uma coletânea de textos produzidos por nós, graduandos da Licenciatura em Educação do Campo, da UFVJM. Destaco aqui que os textos utilizados na produção do artigo foram: “Aprendizados da minha vida” (Janaína dos Santos Ferreira), “O primeiro contato com a leitura” (Flávia Idalina Alves Moreira) e “Minhas leituras” (Sandra Moreira da Silva). Como são textos de nossa própria autoria, desconsideramos a necessidade de enfatizar as referências, fazendo-as apenas para Bakhtin e Soares. Muito válidas as suas observações, obrigada!

Loyane Cristine Cafieiro Monteiro on 13 de fevereiro de 2017 at 22:07 said:

Caras autoras,

Achei muito interessante a pesquisa de vocês. Acredito que realmente é possível fazer um letramento no conceito aplicado por Soares por meio de HQ e música. Gostaria de saber o nome dos autores da obra Memórias de letramento:vozes do campo. Fiquei bastante interessada.

Sandrasilva on 13 de fevereiro de 2017 at 23:42 said:

Oi, Loyane Cristine!

“Memórias de letramento: vozes do campo” é um livro organizado pelo nosso professor, Carlos Henrique Silva de Castro, da disciplina de Gêneros textuais. São experiências trazidas por estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Linguagens e Códigos, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). No total, são 23 relatos de como se deu o processo de letramento desses estudantes. Para realização deste artigo utilizamos nossos próprios textos presentes no livro em questão, que são: “Aprendizados da minha vida” (Janaína dos Santos Ferreira), “O primeiro contato com a leitura” (Flávia Idalina Alves Moreira) e “Minhas leituras” (Sandra Moreira da Silva).

Grata pela sua participação e espero que você possa ler o livro na íntegra!

carlathatiane on 14 de fevereiro de 2017 at 12:21 said:

Interessante o trabalho. O excesso de memorização já se mostrou como um fracasso escolar no passado no processo de aprendizagem e proposta didático-pedagógica leva os alunos a estudar de forma lúdica e prazerosa, associando conteúdos, recursos didáticos no contexto da educação formal, embora ainda pouco explorada se mostra com uma perspectiva positiva para o ensino.

Joycek on 14 de fevereiro de 2017 at 16:00 said:

Em primeiro lugar gostaria de parabenizar os autores do artigo, pois é cada vez mais necessário relacionar a educação condizentes com a realidade dos alunos, propondo alternativas inovadoras e didáticas e ao mesmo tempo dotadas de ludicidade. Assim sendo, trabalhar o processo de ensino e aprendizagem sob as bases da ótica lúdica de maneira prazerosa, se fazem cada mais urgentes, pois instigam os alunos a quererem aprender e conhecer, uma vez que estamos cada vez mais nos afastando da educação e seus benefícios. Esse tipo de recurso didático pedagógico, pode contribuir para minimizar os analfabetos funcionais que tem aumentado cada vez mais no país nos últimos anos.

manufolador on 14 de fevereiro de 2017 at 16:59 said:

Parabéns às autoras pela iniciativa! Formas lúdicas de incentivar o aprendizado e a retenção dos conteúdos ensinados em sala são fundamentais atualmente, principalmente para adaptar o espaço da sala de aula às novas relações das crianças com a tecnologia. O ensino maçante baseado em repetição e memorização já se demonstra em decadência, e uma abordagem mais voltada para a percepção prática do que é ensinado é muito importante para melhorar o nível da educação básica no Brasil. O prazer no aprendizado torna a experiência muito mais efetiva para os alunos, e o papel da escola precisa ser projetado de modo a convidar os alunos para dentro, e não afastá-los por cargas excessivas e entediadas de conteúdo.

Claudia Ribeiro Rodrigues on 14 de fevereiro de 2017 at 19:05 said:

HQs e músicas são gêneros multimodais que atraem muito os alunos sejam eles crianças ou adolescentes. Um trabalho como este, bem sistematizado, com objetivos claros, vai ao encontro de uma pedagogia voltada para os multiletramentos tão necessários no mundo contemporâneo. Parabéns pelo trabalho!

Pingback: Professor da UFJVM, que trouxe turma de 23 alunos para o UEADSL 2016/2, comenta importância do evento – CAED – Centro de Apoio à Educação a Distância

mauricioedocampo@gmail.com on 14 de fevereiro de 2017 at 20:57 said:

Parabens pelo excelente trabalho.

Com certeza estou colhendo experiencias para minha formação enquanto futuro professor.

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 22:23 said:

Obrigada Mauricio!

Estou muito feliz, estamos tendo a oportunidade de colocamos em prática os nossos conhecimentos de mundo, e experimentamos novos letramentos.

Abraços.

Lucilialisboa on 14 de fevereiro de 2017 at 21:28 said:

Boa Noite!

Senhores autores, parabéns pelo trabalho. Vocês acentuaram pontos bem relevantes para o letramento por meio das HQs e música, logo dois gêneros textuais muito utilizado pelos jovens, por exemplo, quando vocês acentuam que as HQs e a música contribuem para o desenvolvimento cognitivo das crianças na faixa etária da escolaridade é de forma bem atrativa.

As crianças de uma forma geral adoram novidade, diversidade....

E nada melhor aprender brincando que é sem duvida um jeito eficaz, uma maneira que o ser humano consegue assimilar o conteúdo de maneira rápida.

Abraço.

Janaina Ferreira on 14 de fevereiro de 2017 at 22:14 said:

Obrigada pela participação Lucilia,

É de total relevância saber que existem inúmeras pessoas que compartilham e aponham a nossa ideia!

Abraços!

Flávia Chamon on 14 de fevereiro de 2017 at 22:44 said:

Parabéns pelo artigo! Realmente, quando a construção do conhecimento ocorre por meio de práticas pedagógicas lúdicas, o resultado só pode ser um sucesso!

Aprender brincando, aprender com prazer é muito estimulante! Gostei muito da ideia de vocês! Abraços.

[gabrielteixeira on 14 de fevereiro de 2017 at 23:19 said:](#)

Interessante a abordagem do artigo. Sou aluno de Biblioteconomia e o processo formador do letramento informacional é parte de nossa tarefa como profissional.

Infelizmente, há um viés pedagógico bastante enclausurado em que tipo de literatura é ou não é boa para a formação do leitor e para a leitura. Os HQs são marginalizados neste aspecto, o que infelizmente, na minha visão, é um erro. É um tipo de mídia de fácil acesso e de bastante apelo ao público, que pode ser o canal de discussões mais profundas.

[laudareslivia on 14 de fevereiro de 2017 at 23:50 said:](#)

Meus parabéns pelo trabalho! É muito importante deparar-se com práticas que envolvam o jovem no seu próprio processo de aprendizagem. Isso faz com que tudo seja mais assimilável, e é papel da universidade de apontar esses caminhos para que, na prática, os conteúdos escolares mostrem esse avanço.

[Katiene on 15 de fevereiro de 2017 at 14:40 said:](#)

As histórias em quadrinhos fizeram parte da minha infância e ainda fazem atualmente. Lembro de uma polêmica que circulou na época, de que iriam tirar de circulação as revistinhas do Chico Bento, por ele falar “errado”, o que poderia influenciar negativamente as crianças... Isso foi uma forma de raciocínio limitada e pouco realista. Sabemos a importância desse recurso para uso com crianças (e até mesmo com adultos!). Fazer seu uso é tornar o aprendizado interessante e lúdico.

[Beatriz Toledo on 15 de fevereiro de 2017 at 15:35 said:](#)

Ótima iniciativa. A música auxilia muito no letramento dos jovens de forma leve e também lúdica. Buscar novas estratégias e novas possibilidades de ensino também é um grande aprendizado para nós, docentes.

[Carla Eliane Quaresma on 15 de fevereiro de 2017 at 19:15 said:](#)

Olá!

Interessante a abordagem de letramento por meio da música e HQs, porém, para um trabalho com mais detalhes e informação, penso que os autores poderiam separar os estudos (HQs num artigo e música em outro). Eu fiquei um tanto confusa sobre a aplicabilidade/resultados de cada um, ainda mais por se tratar de um mini artigo em que não é possível disponibilizar maiores esclarecimentos. Mas isso é apenas uma observação. No mais, está muito bem escrito e com boas referências!

Um abraço!

raysafv on 15 de fevereiro de 2017 at 23:16 said:

Ó tema é bastante interessante para abordar de maneira mais lúdica o letramento com as crianças. Diversos gêneros textuais despertam mais interesse nas crianças e por conseguinte melhoram no seu processo de aprendizagem. Senti falta de uma explanação maior sobre a utilização das HQ's como recurso, onde as músicas já se é sabido de suas contribuições principalmente na educação infantil.

Agradeço a oportunidade de ler a pesquisa de vocês!

raysafv on 15 de fevereiro de 2017 at 23:18 said:

O tema é bastante interessante para abordar de maneira mais lúdica o letramento com as crianças. Diversos gêneros textuais despertam mais interesse nas crianças e por conseguinte melhoram no seu processo de aprendizagem. Senti falta de uma explanação maior sobre a utilização das HQ's como recurso, onde as músicas já se é sabido de suas contribuições principalmente na educação infantil.

Agradeço a oportunidade de ler a pesquisa de vocês!

ANEXO H – ENTREVISTA: UEADSL CONTRIBUINDO COM A CAPACIDADE DE LIDAR COM PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA SOCIALMENTE RELEVANTES

Disponível em: <https://www.cienciaaberta.net/entrevista-ueadsl-contribuindo-com-a-capacidade-de-lidar-com-praticas-de-leitura-e-escrita-socialmente-relevantes/>

ENTREVISTA - Jornalista: Desirée Antônio

1. Desde quando você participa do UEADSL? Essa é a primeira vez que você traz uma turma para o evento?

Participo desde 2011 que foi o ano que entrei para o grupo Texto Livre. Naquela época, eu coordenava mesas de estudantes que faziam uma disciplina de leitura e produção de texto na FALE/UFMG. O evento nasceu a partir dessa disciplina com a intenção de possibilitar um diálogo entre academia, já que os autores são acadêmicos, com a comunidade em geral. Trata-se de uma ideia presente em autores da educação e da linguística preocupados em produção textual em contextos reais, com leitores reais, e feedbacks também reais. O UEADSL atende a essa demanda ao colocar o estudante, produtor de textos diversos, em uma cadeia dialógica da vida real e a idealizadora do evento, a professora Ana Cristina Fricke Matte, soube colocar tais teorias em prática.

2. Você leciona qual (quais) disciplina (s) para essa turma e por qual curso?

Minha turma que participa do UEADSL 2016.2 faz Licenciatura em Educação do Campo na UFVJM, habilitação Linguagens e Códigos. Dou algumas disciplinas no curso, mas os artigos em debate no evento são fruto de uma pesquisa de cunho etnográfico promovida pela disciplina Gêneros Textuais e Discursivos.

3. Como surgiu a ideia de levar toda a sua turma para o evento?

Com linguista aplicado que sou, acredito no propósito funcional da escrita para resultados mais efetivos em termos de letramentos. Então, colocar os estudantes em diálogos reais é um desafio que sempre me proponho. Como eu já conhecia o UEADSL e seu potencial para a interação, essa decisão não foi difícil.

4. Quantos alunos tem a turma e qual o perfil deles?

A turma tem 23 estudantes oriundos, sobretudo, de pequenas comunidades rurais dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri onde, às vezes, a Internet não chega. A oportunidade de participar, mesmo diante das dificuldades, foi dada a todos e o resultado foi a produção em co-autoria de 10 artigos dos quais selecionei os 7 apresentados no evento. Alguns dos estudantes já participam da realidade das escolas de suas comunidades como funcionários ou voluntários em projetos diversos como o PIBID, projetos de comunicação comunitária e produção de conteúdos para as comunidades, além dos estágios, uma vez que já estão no sétimo semestre de curso.

5. Como a atividade foi proposta?

Como já comentado, o artigo é o passo final de um pequeno projeto que buscou fazer um levantamento das práticas de leitura e escrita das comunidades com foco nas práticas dos próprios estudantes-autores para, enfim, relatá-las. Para tanto, primeiramente, os estudantes fizeram autobiografias de letramentos que foram devidamente orientadas e revisadas, primeiro pelos colegas e depois por mim, e transformadas em um livro artesanal. A partir dessa coletânea de relatos, os estudantes foram encorajados, em uma perspectiva etnográfica, a encontrarem pontos relevantes, como pequenos pontos obscuros ou problemáticos, em seus processos de aprendizagem ou de outros sujeitos de suas comunidades e investigarem tais pontos. O resultado desse trabalho são os artigos apresentados no evento.

6. Como eles puderam se organizar? Eles puderam optar por escrever artigos individualmente ou em grupo?

A organização foi proposta em sala e puderam escolher se analisariam suas próprias experiências ou de outros sujeitos do campo, sempre a partir de experiências vivenciadas e acessíveis para pesquisa. De acordo com as decisões sobre o que analisariam, alguns com objetos comuns ou parecidos preferiram se unir em até três autores, que era uma limitação do próprio evento, mas que eu acredito que ainda se produtivo trabalho em co-autoria. A partir daí, produziram algumas versões dos textos sempre tendo em vista o propósito funcional da atividade e o processo editorial que todo texto escrito a ser publicado em um evento como este está sujeito. A versão final não é uma versão perfeita em termos normativos e até mesmo metodológicos, mas podem ter certeza que evoluíram muito no processo.

7. Qual foi a reação dos alunos com ideia da atividade?

Uma atividade com propósito funcional com esta sempre provoca duas reações facilmente perceptíveis e com essa turma não foi diferente. Uns se empolgam e querem fazer rapidamente e outros ficam com medo das críticas. Também houve uns poucos desmotivados, mas são aqueles que apostam no esforço mínimo para seguir no curso e dessa vez só tive dois estudantes que nem tentaram.

8. Como foi a dinâmica do seu acompanhamento ao trabalho deles? Houve orientações específicas além daquelas dadas pelos corretores do UEADSL?

Os corretores do UEADSL somos nós, os professores. Não existe essa desconexão, sugerida pela pergunta, entre o professor e o evento. O evento só pode funcionar se o professor topa o trabalho de avaliação continuada e orientação. O mérito do evento não é substituir o professor nesse trabalho, mas oferecer um espaço de interação real, com autores e leitores que realmente trocam e (re)constróem significados por meio do debate público. Pela audiência e produção textual – não só de artigos, mas também de comentários, não podemos negar o sucesso do evento naquilo que ele se propõe.

9. Qual a sua avaliação do desempenho deles?

Até o momento, com o evento ainda em andamento, posso adiantar que os estudantes estão bastante engajados e relatam aprendizagens diversas como a apresentação nesse tipo de evento, o debate acadêmico no espaço público, a evolução no desenvolvimento de pesquisas – e isso inclui questões metodológicas e formais-, dentre outros. Talvez o engajamento de todos não seja facilmente percebido por meio das postagens tendo em vista que no primeiro dia das apresentações dos meus estudantes nem todas as perguntas feitas estejam respondidas. Contudo, devo salientar que, na grande maioria, tratam-se de cidadãos do campo que têm que se mover até a cidade mais próxima para acessarem a internet e participarem do evento.

10. Que tipo de contribuição esse tipo de evento pode dar à formação deles?

O evento contribui para letramentos diversos. Quando falo em letramentos, me refiro à capacidade de lidar com práticas de leitura e escrita socialmente relevantes. Dentre essas práticas, a participação em um evento acadêmico, oportunida-

de dada a poucos graduandos, já contribui com a formação dos estudantes. O debate de ideias com produção argumentava a partir de uma tese/tema também é uma outra habilidade importante para o profissional de nível superior que estamos formando. Não menos importante, a escrita acadêmica e o uso de ferramentas digitais para esta produção também são de extrema importância no mundo mediado por tais ferramentas. Numa análise parcial e antecipada dos resultados, me parece justo elencar tais práticas, mas não limito a elas tendo em vista que não fiz nenhuma avaliação aprofundada dos resultados ainda, já que o evento ainda está em andamento.

13 de fevereiro de 2017